



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES - PPGARTES**

LUCIENNE ELLEM MARTINS COUTINHO

CORPOS ALTERADOS:
GESTO, *PERFORMANCE* E PAIXÃO ENTRE TORCEDORES DO
PAYSANDU

Belém
2023

LUCIENNE ELLEM MARTINS COUTINHO

CORPOS ALTERADOS:

GESTO, *PERFORMANCE* E PAIXÃO ENTRE TORCEDORES DO PAYSANDU

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Doutora em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Giselle Guilhon Antunes Camargo.

Linha de Pesquisa 2: Teorias e Interfaces Epistêmicas em Artes.

Belém
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M379c Martins Coutinho, Lucienne Ellem.
Corpos alterados: gesto, performance e paixão entre torcedores do paysandu / Lucienne Ellem Martins Coutinho. — 2023.
147 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Giselle Guilhon Antunes
Camargo
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belém, 2023.

1. Performance. 2. Futebol. 3. Paysandu. I. Título.

CDD 796.3340981



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.

Aos três (03) dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e três (2023), às quatorze e trinta (14h30) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade Federal do Pará, reuniu-se sob a presidência da orientadora professora doutora Giselle Guilhon Antunes Camargo, conforme o disposto nos artigos 73 ao 77 do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Artes, para presenciar a defesa oral de Tese de Lucienne Ellem Martins Coutinho, intitulada '**Corpos Alterados: gesto, performance e paixão entre torcedores do Paysandu**', perante a Banca Examinadora, composta por: Giselle Guilhon Antunes Camargo (Presidente), José Denis de Oliveira Bezerra (Examinador Interno), Edson Fernando Santos da Silva (Examinador Externo ao Programa), Marcio Pizarro Noronha (Examinador Externo à Instituição) e Mariane da Silva Pisani (Examinadora Externa à Instituição). Dando início aos trabalhos, a professora doutora Giselle Guilhon passou a palavra à doutoranda, que apresentou a Tese, com duração de trinta minutos, seguida pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pela doutoranda, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o Parecer, resultando em **reprovação () aprovação (X) com conceito BOM, mas com a perspectiva de atingir o grau de EXCELÊNCIA, condicionada aos ajustes sugeridos pelos membros da Banca, a serem feitos no prazo de um mês, a contar da data da defesa.** A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pela doutoranda, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, a professora Giselle Guilhon Antunes Camargo agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente Ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pela doutoranda. Belém-PA, 03 de julho de 2023.

Documento assinado digitalmente
gov.br Giselle Guilhon Antunes Camargo
Data: 04/07/2023 09:34:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Giselle Guilhon Antunes Camargo

Documento assinado digitalmente
gov.br JOSE DENIS DE OLIVEIRA BEZERRA
Data: 04/07/2023 16:01:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Jose Denis de Oliveira Bezerra



Edson Fernando Santos da Silva

Documento assinado digitalmente



MARCIO PIZARRO NORONHA

Data: 07/07/2023 13:46:03-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Marcio Pizarro Noronha

Documento assinado digitalmente



MARIANE DA SILVA PISANI

Data: 07/07/2023 11:01:19-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Mariane da Silva Pisani



Lucienne Ellem Martins Coutinho

Dedico essa Tese aos meus pais, Isaac e Gizelda: meus pilares. Ao meu esposo, Jorge Gustavo: meu apoio, parceria, amor, minha alma gêmea. E, em especial, à minha tríade, as obras de arte mais perfeitas que já fiz, meus trigêmeos Hector Gustavo, Elisa Ellem e Henry Gustavo: vocês são a realização de um sonho.

A vocês, meu amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ouvir minhas preces e conceder-me graças infinitas. A Nossa Senhora de Nazaré, 'Nazinha', por acolher meus pedidos, intercedendo junto a seu filho Jesus. A minha padroeira, Santa Luzia, por iluminar meus caminhos e proteger a luz dos olhos meus.

À Secretaria de Educação e Cultura de Belém do Pará (SEMEC), na figura da Secretária de Educação Prof.^a Dr.^a Márcia Bittencourt, por me conceder Licença para Curso, solicitada na gestão democrática do Excelentíssimo Senhor Prefeito Municipal, Prof. Edmilson Rodrigues, três anos atrás. E ao senhor Marquinhos, funcionário da SEMEC, cuja colaboração foi imprescindível para a concessão da minha licença. A vocês, meu eterno agradecimento.

À minha estimada orientadora, Prof.^a Dr.^a Giselle Guilhon, pelo incentivo, estímulo e por acreditar em mim (até mais do que eu): obrigada por tudo, és um presente que a Universidade Federal do Pará me concedeu. A você, minha eterna amizade, cumplicidade e parceria.

À banca examinadora desta Tese, composta pela Professora Doutora Mariane Pisani (UFPI), e Pelos Professores Doutores Denis Bezerra (UFPA), Edson Fernando (UFPA) e Márcio Pizarro (UFRGS): obrigada pela leitura criteriosa e pelas generosas contribuições, tanto no exame de Qualificação quanto no ato da Defesa.

Aos docentes do PPGArtes, em especial os professores Cesário Pimentel, Ivone Xavier, Denis Bezerra, Orlando Maneschy e Sônia Chada: vocês contribuíram enormemente para com o meu processo de pesquisa, não apenas por suas pertinentes colocações, mas também, em grande medida, pelas trocas, parcerias e, principalmente, pelas lições de humildade (tudo que um doutorando necessita, em sua passagem pela pós-graduação). A vocês, minha eterna admiração.

Às queridas funcionárias do PPGArtes Jacqueline Estumano e Larissa Lima: vocês foram maravilhosas, sempre dispostas a ajudar de forma incondicional. A vocês, aplausos infinitos.

Aos colegas que se tornaram amigos e amigas no Doutorado: Alba Olinka, Arianne (Arika), Bruna, Bruno, Carmem, Caroline (Carol), Frank, Frederico (Fred), Galvanda, Gilberto (Gil), Gilda, Janice, Keila, Leonardo (Porchat), Ludymylla, Marcela, Nilson, Paulo, Roseane (Nany), Silene, Silvia, Suani (Su), Suely e Tainá (Tata):

obrigada pelas trocas, ensinamentos, carinho, cumplicidade. Ao lado de vocês as aulas foram muito mais proveitosas. A vocês, todo meu carinho e amizade.

Aos colegas, amigos e amigas de trabalho, sem os quais eu não teria conseguido me ausentar da escola para assistir aulas, enquanto eu lutava para conseguir a Licença Curso: vocês foram imprescindíveis! Em especial, os colegas Mário Brandão, Elienne Chucre, Letícia França, Lisane Cabral, Ana Izaura Martins, Aida Cordeiro, Joseana Farias, Maria Cristina Villacorta, Marizete Braga, Alex Lima, Simone Reis e Glaice Nascimento. A vocês, minha eterna gratidão.

Às torcedoras e aos torcedores do Paysandu, que me concederam minutos do seu precioso tempo para responder às minhas perguntas: vocês foram o centro de minha pesquisa, em especial a torcida que me acolheu de braços abertos e da qual hoje sou integrante: Torcida Organizada Apayxonadas PSC. A cada uma de vocês, representadas pela figura de sua presidente, Giselly Vilhena Nunes Pereira, minha mais profunda admiração e gratidão.

A todas as pessoas que colaboraram e/ou participaram, direta ou indiretamente, desta pesquisa, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

A presente Tese tem como tema central a *performance* do torcedor apaixonado do Paysandu. No caminho que trilhei, trabalhei com a noção de “comportamento restaurado”, de Richard Schechner (2003); e com a ideia de “torcida como comunidade”, do antropólogo Roberto da Matta. Começo fazendo uma retrospectiva histórica do futebol, mostrando sua evolução, desde a Idade Antiga até os dias atuais, quando passa a ser regido por regras e caracterizado como esporte. Os dados históricos acerca da chegada do futebol em Belém do Pará foram coletados nas obras de Gaudêncio (2007) e Costa (2007). Aquino (2002) apresenta os primeiros indícios de uma prática semelhante ao que hoje se conhece como ‘futebol’; Zainaghi (1998) nos coloca em contato com os primórdios do futebol no Brasil; Leal (2000) nos fala sobre a prática do *Tsuchu* (século II), considerada a mais antiga forma de jogo na China; Grisard (2003) discorre sobre o manejo da bola nos jogos; Brustolin (2008) lança um olhar sobre o futebol como um dos fenômenos sociais e culturais mais importantes do século XX; Carioba (2017) reflete sobre o lado sombrio do futebol enquanto prática elitista no século XIX. O coração do trabalho – descrição etnográfica das *performances* dos torcedores apaixonados do Paysandu – encontra-se no capítulo intitulado ‘Domingo de *Payxão*’. Nele, levanto hipóteses de como nasceu a paixão do “maior e melhor” time de futebol da Região Norte – o Paysandu.

Palavras-chave: *Performance*. Futebol. Paysandu.

ABSTRACT

The present Thesis has as its central theme the performance of the Paysandu's passionate supporters. In the path I took, I worked with the notion of "restored behavior", by Richard Schechner (2003); and with the idea of "fans as a community", by anthropologist Roberto da Matta. I begin by making a historical retrospective of football, showing its evolution, from ancient times to the present day, when it becomes governed by rules and characterized as a sport. Historical data about the arrival of football in Belém, state of Pará, were collected in the works of Gaudêncio (2007) and Costa (2007). Aquino (2002) presents the first signs of a practice similar to what is known today as 'soccer'; Zainaghi (1998) puts us in touch with the beginnings of football in Brazil; Leal (2000) tells us about the practice of *Tsuchu* (2nd century), considered the oldest form of game in China; Grisard (2003) talks about handling the ball in games; Brustolin (2008) looks at football as one of the most important social and cultural phenomena of the 20th century; Carioba (2017) reflects on the dark side of football as an elitist practice in the 19th century. The heart of the work – the ethnographic description of the Paysandu's passionate fans' *performances* – is found in the chapter entitled 'Sunday of the Passion' ['Domingo da *Payxão*']. In it, I hypothesize how the passion of "the biggest and the best" football team in the North Region – Paysandu – was born.

Keywords: Performance. Football. Paysandu.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 <i>Tsuchu</i> : um jogo que era, na verdade, um treino militar.....	27
Figura 2 <i>Kemari</i> : esporte praticado pelos integrantes da corte do imperador japonês.....	28
Figura 3 <i>Epyskiros</i> : esporte disputado com os pés na Grécia Antiga.....	29
Figura 4 <i>Calcio</i> é o futebol dos italianos.....	31
Figura 5 <i>Soule</i> era o esporte da realeza, praticado pela aristocracia.....	31
Figura 6 <i>Harspatum</i>	32
Figura 7 Charles William Miller.....	34
Figura 8 Arthur Friedenreich.....	36
Figura 9 Festival Esportivo.....	39
Figura 10 Hugo Manoel de Abreu Leão.....	46
Figura 11 Mapa do Uruguai.....	48
Figura 12 Primeiro uniforme e primeira equipe formada.....	49
Figura 13 Torcedores do Paysandu.....	56
Figura 14 Torcida do Paysandu	63
Figura 15. Casamento de <i>bicolores</i>	64
Figura 16. Torcida Organizada Terror Bicolor.....	65
Figura 17. Briga entre torcedores do Paysandu e do Remo.....	67
Figura 18. Ação social, em homenagem ao Dia das Crianças, realizada pela Torcida Organizada Papão Chopp.....	68
Figura 19. Corrente do Bem promovida pelas torcidas organizadas	69
Figura 20. Árbitro Leandro Vuaden, que apitou o jogo entre Náutico e Paysandu.....	71
Figura 21. Paysandu 0 X Remo 1 (Salatiel e Lucas Siqueira)	72
Figura 22. Projeto final do Centro de Treinamento do Paysandu prevê a construção de quatro campos de futebol.....	73
Figura 23. Torcedor do River Plate arremessando banana contra os jogadores do Fortaleza	74
Figura 24. Torcedor imitando gesto de macaco para jogador.....	74

Figura 25. Torcida Organizada Terror Bicolor.....	77
Figura 26. Torcedor do Paysandu em sua <i>performance</i>	78
Figura 27. Uniforme do São Paulo <i>Athletic Club</i>	83
Figura 28. Camisa e acessórios da Torcida Feminina Apayxonadas PSC para o REXPA.....	84
Figura 29. <i>Looking</i> para o jogo.....	86
Figura 30. Estádio Olímpico do Pará e a nova fachada.....	88
Figura 31. Gramado do Estádio Olímpico do Mangueirão.....	90
Figura 32. Agentes de segurança que trabalharam na Delegacia do torcedor dentro do Estádio Olímpico Mangueirão.....	91
Figura 33. Maria dos Santos, vendedora há mais de 30 anos, no Mangueirão.....	93
Figura 34. Ônibus do Paysandu chegando no Estacionamento do Antigo Mangueirão.....	94
Figura 35. O estacionamento dentro e fora do Antigo Mangueirão.....	95
Figura 36. Estacionamento do Antigo Mangueirão em 2014.....	95
Figura 37. Torcedores do Paysandu subindo a rampa de acesso às arquibancadas do Mangueirão.....	96
Figura 38. Estacionamento do Novo Mangueirão.....	96
Figura 39. Torcedores do Paysandu ocupando o estacionamento do Novo Mangueirão no REXPA.....	97
Figura 40. Torcedores do Paysandu no estacionamento do Novo Mangueirão.....	97
Figura 41. Encontro no estacionamento do Mangueirão antigo.....	98
Figura 42. Reunião da torcida antes de adentrar o estádio Mangueirão antes da reforma.....	99
Figura 43. Portões de entrada destinados aos torcedores do Paysandu no Mangueirão.....	100
Figura 44. Portões de entrada destinados aos torcedores do Remo no Mangueirão.....	100
Figura 45. Visão aérea do Mangueirão.....	101
Figura 46. Subida da rampa de acesso às arquibancadas, cadeiras do estádio.....	102

Figura 47. Torcida Organizada Apayxonadas PSC, colocando sua faixa no jogo entre Paysandu e Tuna na Curuzu, pelo Campeonato Paraense.....	105
Figura 48. Torcida Organizada Apayxonadas PSC, colocando sua faixa no jogo entre Paysandu e Tuna na Curuzu, pelo Campeonato Paraense.....	105
Figura 49. Torcida Organizada Apayxonadas PSC, colocando sua faixa no jogo entre Paysandu e Tuna na Curuzu, pelo Campeonato Paraense.....	106
Figura 50. Torcida Organizada Apayxonadas PSC, colocando sua faixa no jogo entre Paysandu e Tuna na Curuzu, pelo Campeonato Paraense.....	106
Figura 51. Registro dos integrantes da Torcida Organizada Apayxonadas PSC que participaram da colocação dos materiais.....	107
Figura 52. Registro dos integrantes da Torcida Organizada Apayxonadas PSC que participaram da colocação dos materiais.....	107
Figura 53. Torcida Organizada Apayxonadas PSC, colocando sua faixa no jogo entre Paysandu e Fluminense no Mangueirão, pela Copa do Brasil.....	108
Figura 54. Torcida Organizada Apayxonadas PSC, colocando sua faixa no jogo entre Paysandu e Fluminense no Mangueirão, pela Copa do Brasil.....	109
Figura 55. Gabriel Menino faz gesto de silêncio em clássico.....	110
Figura 56. Gabigol pedindo para a torcida se acalmar.....	111
Figura 57. Goleiro Vinicius, do Remo, pedindo para parar a jogada; no entanto, o gol tinha sido legítimo.....	112
Figura 58. Gestos dos torcedores em dois jogos do Paysandu no Mangueirão.....	114
Figura 59. Gestos de torcedores durante dois jogos do Paysandu no Mangueirão...	115
Figura 60. Os cantores, sertanejo Thiago Costa (camisa do Remo), e Júlio César vocalista do grupo de Pagode Nosso Tom (camisa do Paysandu)	120
Figura 61. Mc Dourado.....	121
Figura 62. Aparelhagem Crocodilo, apresentação na reinauguração do Mangueirão.....	121
Figura 63. Aparelhagem Super Pop na reinauguração do Mangueirão.....	122
Figura 64. Show de luzes no intervalo do jogo e reinauguração oficial do Mangueirão.....	123
Figura 65. Novo sistema de luz do Novo Mangueirão.....	123
Figura 66. Show pirotécnico dos fogos de artifício na reinauguração oficial do Mangueirão.....	124
Figura 67. Um show de cores no Novo Mangueirão.....	124

Figura 68. Aparelhagem do Super Pop animou o público no Novo Manguairão.....	125
Figura 69. Torcedores do Paysandu comemorando a vitória sobre o rival no Manguairão.....	126
Figura 70. Jogadores do Paysandu comemorando em cima da Aparelhagem Super Pop.....	127
Figura 71. O mascote em desenho.....	128
Figura 72. O mascote personificado.....	129
Figura 73. O Papa do Paysandu	129
Figura 74. Papa do Paysandu com a equipe de bombeiros.....	130
Figura 75. A tietagem da torcida com o Papa.....	130
Figura 76. A bandeira oficial do Paysandu.....	131
Figura 77. Escudo do Paysandu.....	132
Figura 78. Camisa oficial do uniforme do Paysandu.....	133
Figura 79. Os elementos que compõem o figurino do Papa do Paysandu em sua <i>performance</i>	135
Figura 80. O Papa do Paysandu.....	136

LISTA DE TABELA

Tabela 1. Listagem dos Clubes Campeões e vice do Campeonato Paraense no período de 1909 e 1921.....	42
Tabela 2 Classificação Geral do Campeonato Paraense no final do mês de janeiro de 2023	66

SUMÁRIO

JOGO ABERTO	16
1.ESCALAÇÃO DA <i>PERFORMANCE</i>	21
1.1. ENTRA O FUTEBOL	25
1.2. O FUTEBOL ESTREIA NO BRASIL	33
1.3. A BOLA ROLA “PAI D’ÉGUA”	38
2.NASCE A “PAYXÃO”	45
2.1. ORIGEM DO NOME	47
2.2. O UNIFORME	49
2.3. MUDANÇA DE NOME	50
2.4. SEDES	50
2.5. CAMPOS DE FUTEBOL	50
2.6. O PRIMEIRO RE X PA	51
3.TORCIDA APAIXONADA/FIEL E SUA <i>PERFORMANCE</i>	52
3.1 DOMINGO DE PAYXÃO	80
APITO FINAL	140
REFERÊNCIA	142

JOGO ABERTO

O sonho de adentrar o Doutorado em Artes demorou um pouco mais do que eu imaginava, mas em 2018 foi alcançado com sucesso. Ingressei com o projeto intitulado: **‘Um estudo dos elementos espetaculares da *Dança do Banguê*, interpretada por dançarinos de grupos folclóricos remanescentes quilombolas, no município de Cametá’**, o qual foi duramente criticado por uma professora do PPGArtes, em uma das disciplinas que eu estava cursando no primeiro semestre letivo. No entanto, hoje agradeço àquele inesquecível dia, uma vez que, ao ser massacrada pelas críticas ao meu projeto, fui levada a pensar e repensar sobre o que realmente aspirava pesquisar.

Foram várias semanas pensando e refletindo sobre o que pretendia escrever. Havia se passado mais de um mês após a ocasião das críticas ao meu projeto de pesquisa, até que no dia 22 de setembro de 2018, assisti ao jogo do melhor time de futebol de Belém do Pará, o Paysandu, contra o Criciúma, no Estádio **Leônidas de Castro**¹ (popularmente conhecido como **Curuzu**, na atualidade é denominado **Banpará da Curuzu**), de propriedade do próprio clube, onde o Paysandu sagrou-se bicampeão do Campeonato Brasileiro de Futebol da série B, nos anos de 1991 e 2001. Infelizmente, nesse dia, não tivemos um dos melhores resultados, mas pelo menos não perdemos, apenas empatamos. Esse evento inspirou-me.

No dia seguinte ao referido jogo, comuniquei à minha orientadora, Giselle Guilhon, sobre a mudança de tema do meu projeto; na ocasião, ela ainda indagou se eu estava certa do que queria, ou se era apenas empolgação de momento. Mas me orientou a escrever o novo projeto de pesquisa. A partir de então, debruicei-me sobre artigos, dissertações, teses que versassem sobre a noção de *performance*.

A escrita, em minha tese, é perpassada pela definição de *performance*, a qual me dá a base de sustentação teórica para a pesquisa que estou realizando e cujo tema é a *performance* do torcedor apaixonado do Paysandu, time fundado em 2 de fevereiro de 1914, na cidade de Belém do Pará. O nome desta paixão foi

¹ Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1dio_Le%C3%B4nidas_Sodr%C3%A9_de_Castro. [Acesso em 22 de fevereiro de 2022]

escolhido pelo líder Hugo Leão, que propôs a denominação **Paysandu Football Club** (à época), em homenagem ao “feito de glória e heroísmo da Marinha Brasileira ao transpor o passo do Paysandu, na guerra contra o Paraguai”.

Repleto de títulos e vitórias ímpares, o Paysandu tornou-se o time mais amado pelos paraenses, possuindo a maior torcida da Região Norte e reconhecido internacionalmente pelo seu desempenho glorioso nos campeonatos. Tais feitos, e mais da sua história, apresentarei ao longo da Tese.

Nesse mar de paixão em que surge meu interesse pela pesquisa, destaco como o futebol adentra minha vida, para então despontar como foco do presente estudo.

Uma contribuição que procuro trazer, ao desenvolver esta tese, é comungar da afirmativa de Franco Júnior (2007), ao atribuir ao futebol os mesmos princípios de arte performática contida na linguagem da dança, certificando, portanto, que o futebol também pode ser tratado “como” dança:

[...] constituída de gestos técnicos, precisos, não aleatórios, de controle do espaço, do tempo e do outro... No futebol, como em toda dança, o corpo é instrumento de comunicação, de dominação, de excitação, de sublimação. E também de entrega, de autoabandono, de cooperação”. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 226)

Nos jogos de futebol não há ensaio para a *performance*. As torcidas vivem o momento – o instante é o agora. Em cada jogo as emoções são diferentes, pois ali estão vários fatores envolvidos: os seus próprios anseios; os anseios do seu time, que dependem de um resultado sempre positivo; do clima, para favorecer o andamento do jogo; do gramado, para facilitar o toque de bola; da renda a ser angariada mediante participação em massa da torcida, tudo a ser resolvido no tempo presente.

Como salienta Cohen (2002), a *performance* é uma arte cênica, na qual as ações não são ensaiadas, elas acontecem; é basicamente uma linguagem de experimentação, é uma espécie de resgate da liberdade de criação. No futebol, a *performance* não está presente apenas em campo, com os jogadores. Mas, especialmente, nas torcidas, onde os torcedores são os *performers* e agem de forma transgressora – às avessas das amarras sociais condicionantes.

Os torcedores, em suas *performances* nos estádios de futebol, expressam-se de forma livre, sem regras, ou obedecendo a padrões; por isso há uma exacerbação de palavras de baixo calão.

A *performance*, num sentido estritamente ontológico, e não reprodutiva. E é essa a qualidade que faz da *performance* o parente pobre das artes contemporâneas. A *performance* estova os maquinismos suaves da representação reprodutiva necessários à circulação do capital. (PHELAN, 1997, p.173 *apud* SANTOS, 2008, p. 8)

Em sua *performance*, o torcedor se expressa da forma mais “livre” que lhe convenha. A execução de hino do seu clube é marca registrada, bem como as músicas criadas pelas próprias torcidas, rimas e gritos de guerra, além de movimentações de braços, pernas, cabeça. Em cada jogo é sempre uma nova *performance*, pois os corpos não são os mesmos do jogo anterior, cada um vem carregado de novos anseios, desejos e sensações.

Lançar o meu olhar, a minha própria experiência enquanto torcedora e, no caso, *performer*, nos estádios de futebol, remete-me, individualmente, a cada jogo, de forma idiossincrática, uma vez que cada partida traz consigo seus próprios anseios.

Ao me tornar frequentadora assídua e torcedora apaixonada de jogos em estádios, passei a observar as *performances* dos torcedores – seus corpos em estado alterado, sua comunicação verbal, seus gestos e movimentos corporais extracotidianos, assim como suas reações emocionais, durante os jogos.

Por intermédio do devaneio dos torcedores, em suas *performances*, no decorrer da partida de futebol, indaguei-me a respeito de como esses corpos são construídos por esses torcedores apaixonados a cada novo jogo. Quais as relações existentes entre essas *performances* efêmeras e as *performances* dos jogadores em campo? Quais são as falas reiteradamente proferidas pelos torcedores durante as partidas? A partir de que momento elas vão se tornando mais ofensivas?

Essas são algumas das perguntas que a presente pesquisa buscou responder. Para tanto, um dos métodos aplicados durante os jogos foi a observação participante. Como afirma Gilberto Velho (1987, p.123): “a observação participante, a entrevista aberta, o contato direto, pessoal, com o universo investigado, constituem

sua marca registrada”. Para ele, tal metodologia permite a percepção de aspectos culturais que não se explicitam somente através de entrevistas objetivas realizadas com os pesquisados.

O caminho em direção à escolha do diário de campo aproxima-se do trabalho de Macedo (2010), quando este autor salienta que o “gênero” diário,

[além] de ser utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador, [...] é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. O diário é um dispositivo, na investigação, pelo seu caráter subjetivo, intimista. (MACEDO, 2010, p. 134)

Segundo Yves Winkin (1998), o diário de campo possui três funções: a primeira catártica, também chamada de emotiva (seria o espaço apropriado para se registrar os sentimentos em relação ao grupo e, principalmente, ao contexto no qual se pesquisa); a segunda função seria a empírica, na qual se utiliza o diário para anotar tudo o que for de extrema importância no decorrer do trabalho de campo; e a terceira, mas não menos importante, função reflexiva e analítica, a qual se vincula ao momento da análise dos dados.

A busca por realizar uma etnografia escorreu por minhas mãos e gerou uma autoetnografia: tratar desse tema, num âmbito no qual é intenso o sentimento de pertença, me impregna de uma elevada consciência de vínculo; e usar a lente autoetnográfica é fazer uma análise de experiências pessoais que objetivam o entendimento de determinado contexto cultural, conforme Carolyn Ellis, Tony E. Adams e Arthur P. Bochner (2019).

Grosso modo, podemos dizer que a autoetnografia é um método que se sustenta e se equilibra em um “modelo triádico” (Chang, 2008) baseado em três orientações: a primeira seria uma orientação metodológica – cuja base é etnográfica e analítica; a segunda, por uma orientação cultural – cuja base é a interpretação: a) dos fatores vividos (a partir da memória), b) do aspecto relacional entre o pesquisador e os sujeitos (e objetos) da pesquisa e c) dos fenômenos sociais investigados; e por último, a orientação do conteúdo – cuja base é a autobiografia aliada a um caráter reflexivo. Isso evidencia que a reflexividade assume um papel muito importante no modelo de investigação autoetnográfico, haja vista que a reflexividade impõe a constante conscientização, avaliação e reavaliação feita pelo pesquisador da sua própria contribuição/influência/forma da pesquisa intersubjetiva e os

resultados consequentes da sua investigação. (SANTOS, 2017, p. 218)

Assim, a autobiografia possibilitou-me usar a própria experiência, enquanto pesquisadora, para descrever e criticar os meandros da *performance*, como torcedora; possibilitou-me, também, reconhecer e valorizar a minha relação com meus “outros” sujeitos da pesquisa, bem como permitiu-me avaliar e refletir, para poder citar, interrogar e estabelecer relações entre diversos segmentos: social, esportivo, macro e micro.

Destaco, também, o fato de ser, esta, a primeira tese concebida no PPGArtes/UFPA a atrelar *performance*, futebol e dança. Além do ineditismo de tratar-se de uma autora que é mulher e mãe, pesquisando um tema carregado, ainda, de muito machismo.

Esses foram alguns dos passos percorridos e estruturados para a edificação de minha Tese de Doutorado, que trata não apenas de uma simples pesquisa, mas de uma investigação que envolve amor, **paixão**, pertencimento, histórias e sentimentos. Um estudo que pretende ser um marco antropológico para o meu time do coração e para os meus pares, torcedores apaixonados do Paysandu.

Como escritora deste Tese, tomei a liberdade de utilizar a linguagem do futebol para nomear os capítulos. Optei por iniciar com ‘**Jogo Aberto**’, passando a bola para a ‘**Escalação da performance**’, até o momento em que ‘**Entra o Futebol**’, *tocando*, finalmente, para onde ‘**Nasce a Paixão**’.

1. ESCALAÇÃO DA PERFORMANCE

Seria muito complicado tratar do termo *performance* e não falar de um de seus mais brilhantes disseminadores: Richard Schechner. Primeiro, por ser teatrólogo; e segundo, por ser o criador e o diretor de um grupo famoso, presente no final da década de 1960, 'The *Performance Group*', além de sido editor de *The Drama Review* (uma revista que tratava sobre o estudo da *performance* e do teatro). Richard Schechner (2003), considerado o pai dos *Performance Studies* (Estudos da *Performance*), considera o esporte uma das vertentes desse campo de estudos e, no interior desta, o futebol e suas torcidas.

Destacam-se, também, as publicações que escreveu, como o clássico *Performance Theory* (1977) ou o seu *Between Theatre and Anthropology* (1985). Desde então, Schechner vem construindo interações entre a *performance* e as ciências humanas.

Para Schechner (2003), “tudo pode [...] ser estudado como *performance*, no sentido de ser possível realizar uma investigação sobre o que esta coisa faz, como ela faz a interação e se relaciona com outros objetos e seres, portanto, *performances* existem nas ações, interações e relacionamentos” (SCHECHNER, 2003, p. 28-29).

Segundo Schechner (2003), há oito situações em que as *performances* podem acontecer, e que algumas vezes são completamente distintas, em outras se sobrepõem umas sobre as outras:

1. Na vida diária, cozinhando, socializando-se, apenas vivendo
 2. Nas artes
 3. **Nos esportes e outros entretenimentos populares**
 4. Nos negócios
 5. Na tecnologia
 6. No sexo
 7. Nos rituais – sagrados e seculares
 8. Nas brincadeiras
- (SCHECHNER, 2003, p. 29-30)

Podemos perceber que na classificação de Schechner a *performance* pode ser vista no cotidiano, na arte, em rituais. No entanto, este autor não quer dizer que tudo é *performance*, mas que pode ser visto como se fosse uma *performance*. Por isso, fala-se de “comportamento restaurado”, pois, para Schechner, todos nós

performamos mais do que percebemos. A vida cotidiana, religiosa ou artística consiste sobremaneira de rotinas, hábitos, ritualizações e de comportamentos exercidos previamente e recombinações.

É pertinente ressaltar que, sob a ótica da teoria da *performance*, toda ação, comportamento e/ou evento ou coisa pode ser considerada “como” *performance*, desde que estas sejam analisadas em termos de “fazer”, “comportar-se”, “mostrar-se!”/“mostrar”. Do outro lado, sob a ótica da cultura praticante, algumas ações serão consideradas *performances* e outras não – dependerá da cultura e do momento histórico. Isso significa dizer que se o praticante não avalia a sua prática enquanto *performance*, não poderemos fazê-lo².

O que é novo, original, chocante, ou *avant-garde* é, quase sempre, uma recombinação de comportamentos conhecidos, ou o deslocamento de um comportamento do lugar onde ele é aceitável ou esperado, para um espaço ou situação em que este seja inaceitável ou inesperado [...]. Os hábitos, rituais e rotinas são comportamentos restaurados. Comportamentos restaurados são comportamentos vivos tratados como um cineasta trata um pedaço de filme. Esses pedaços de comportamento podem ser rearranjados ou reconstruídos; eles são independentes do sistema casual (pessoal, social, político, tecnológico ...) que os levou a existir. [...] Os modos como os pedaços de comportamento foram criados, achados ou desenvolvidos, podem ser desconhecidos ou ocultos, elaborados, distorcidos pelo mito ou pela tradição. Comportamentos restaurados podem ser longevos e estáveis como os rituais, ou efêmeros como um gesto de adeus. [...]. Colocando isto em termos pessoais, o comportamento restaurado é – eu me comportando como se fosse outra pessoa, ou me comportando como me mandaram ou eu me comportando como aprendi. Mesmo quando me sinto ser eu mesmo, completamente, e agindo de modo livre e independente, apenas um pouco mais de investigação revelará que as unidades de comportamento vividas por mim não foram inventadas por mim. Ou, opostamente, eu posso experimentar estar ao lado de mim mesmo, não sendo mim mesmo ou possuído, como se em transe. [...]. (SCHECHNER, 2003, p. 32-34)

Lançar o conceito de Schechner, de **comportamento restaurado**, sobre a *performance* de um torcedor apaixonado por seu time, é ratificar sua afirmativa, ao reportar-me à minha infância: desde pequena fui aprendendo que o futebol fazia parte da tradição, dentro de nossa família, cada um com seus rituais próprios, suas superstições, suas orações; e reforçarei tal assertiva ao longo do texto.

² Cf. CAMARGO, 2006, p. 7.

Meu comportamento inicial foi apreendido a partir dos ensinamentos da minha família; com o passar dos anos, esse comportamento foi sofrendo modificações a partir de interações com outros grupos e pessoas.

Segundo Schechner (2003), *performances* são feitas de pedaços de comportamento restaurado; no entanto, cada *performance* é distinta das demais. Tal assertiva incita uma contradição: como algo pode se repetir e ser novo ao mesmo tempo? Schechner responde e diz que pode haver recombinação de comportamentos de forma infinita, porém é importante frisar que nenhum evento é capaz de copiar, exatamente, outro evento. “Não apenas o comportamento em si mesmo – nuances de humor, inflexão vocal, linguagem corporal e etc., mas também o contexto e a ocasião propriamente ditos, tornam cada instância diferente”. (SCHECHNER, 2003, p. 28).

Cabe também destacar as sete funções que Schechner atribui à *performance*, afirmando, porém, que nenhuma *performance* exerce todas ao mesmo tempo, mas muitas enfatizam mais de uma; elas não estão listadas por ordem de relevância, uma vez que o grau de importância é sempre relativo ao contexto. As funções são:

1. Entreter;
 2. Fazer alguma coisa que é bela;
 3. Marcar ou mudar a identidade;
 4. Fazer ou estimular uma comunidade;
 5. Curar;
 6. Ensinar, persuadir ou convencer;
 7. Lidar com o sagrado e com o demoníaco.
- (SCHECHNER, 2003, p. 45-46)

Com foco nas *performances* do(a) torcedor(a) apaixonado(a) do Paysandu, fenômeno e sujeito desta pesquisa, destacarei, dentre as sete funções mencionadas acima: a marca da identidade do torcedor *performer* e o estímulo à comunidade.

O torcedor “incorpora” a camisa do clube que ama, também chamada de “manto sagrado”, como se fosse sua segunda pele, a “tatuagem” que identifica sua pertença àquele grupo. Um torcedor apoiar um time é algo que vai muito além das cores da bandeira e do uniforme. “A torcida é um espaço de compartilhamento de identidades, símbolos e valores que compõem a visão social de mundo de cada torcedor”. (COUTINHO, 2009, p. 1855).

Todo torcedor faz parte de uma primeira comunidade, que é a sua família. É nela que aprende os “mandamentos” do torcer, do vibrar, das regras do futebol.

Posteriormente, esse indivíduo, de forma voluntária, fará parte de novas comunidades; e estas serão novas famílias.

Roberto DaMatta (1994, p. 16) argumenta que “essa comunidade que se escolhe voluntariamente”, emerge da inserção do indivíduo no contexto dos elos que recriam modernamente a ideia de família como um grupo que o engloba. “Ora, tal escolha individual – personalizada e pessoalíssima – permite redefinir a identidade social num nível mais amplo”; e acrescenta: “Um nível que é a um só tempo nacional e cívico, pois fica além da casa e da família” ou “um nível que tem a ver com um universo feito de indivíduos e de normas universais e que se realiza concretamente na ‘rua’ – no estádio, em pleno domínio público”.

Como foi possível perceber, vários autores utilizaram a noção de *performance* em inúmeras disciplinas. O termo, sempre empregado como sinônimo de ação, competência, eficiência ou desempenho nas diversas áreas de conhecimento: nas artes, nos esportes, no mundo profissional, no sexo, nos atos religiosos. Buscando ir além dos modismos em relação ao termo, cabe destacar o surgimento da noção de *performance* no campo artístico e teórico como um conceito que visa ultrapassar barreiras e envolver diferentes eventos, fenômenos, bem como inúmeras contribuições analíticas.

Seguindo essa linha de raciocínio elenco, como referência de uma abordagem diferenciada do tema, aquela que é proposta por Marvin Carlson (1996), o qual aponta (baseado em W. B. Gallie), na introdução de seu livro *Performance*, que a *performance* é um conceito, em sua essência, contestável, ou seja, engloba usos rivais, especialmente na exibição de habilidades, de comportamentos culturais ou no sucesso de atividades tidas como *performance*.

Em 2009 esse livro foi traduzido para o português, promovendo uma grande síntese em relação às discussões das ciências humanas; além de fazer uma breve retrospectiva histórica da *Performance Art*, bem como dar pistas para rumos contemporâneos de atuação e investigação.

Destaco a reflexão de Hartmann e Langdon (2020), quando estas salientam que o conceito de *performance* surge das encruzilhadas entre os estudos que se direcionam às sociedades ditas complexas e aqueles sobre ritual, teatro e a linguagem como comunicação. Além de enfatizarem que a antropologia da *performance*, hoje, no Brasil pode ser considerada como um campo consolidado, apesar das inúmeras diversidades afloradas internamente ao se debruçar, de forma

veemente, sobre “aspectos expressivos, artísticos, produzidos em sociedade, sem tratá-los meramente como objeto, mas também como maneiras de estar no mundo, que tanto expressam e refletem quanto provocam novas experiências”. (p. 2)

Lanço o olhar sobre o pensamento de Vitor Turner, que tangencia o conceito de *performance*, realçando que este é resultado da convergência entre suas pesquisas antropológicas sobre rituais e seu interesse pelo teatro, de onde brotam conceitos e metáforas para captar a vida social. As *performances* têm um caráter “liminoide”, por acentuar o excesso, uma variação de sentidos, com um poder latente de gerar tensões, além de fazer reformulações no que já estava estabelecido.

As reflexões iniciais de Turner (1982) foram inspiradas nos ritos de passagem de Van Gennep (1978), o que o ajudou a dar destaque ao modo como a dimensão ritualística deixa marcas nas etapas e mudanças experienciadas no coletivo. Um dos exemplos que Turner enfatiza é a passagem da infância à adolescência.

Outro aspecto a ser destacado, no que tange à sua noção de *performance*, é que esta se associa à noção de experiência, inspirada em Wilhelm Dilthey – e tendo como resgate o sentido etimológico da palavra³ – mostrando que a *performance* dá forma à experiência, já que esta se constitui por fases que associam as emoções impulsionadas no presente às memórias de experiências longínquas, renovando-as.

Tal concatenação enseja outras interpretações do mundo social, consentindo ao sujeito e ao grupo apreender aspectos do real, bem como do desconhecido, o que motiva modificações. “*Performance* é um modo de comportamento, um tipo de abordagem à experiência humana; *performance* é o exercício lúdico, esporte, estética, entretenimento popular, teatro experimental e muito mais.” (TURNER, 1982, p. 11 *apud* CARVALHO, 2011, p. 173)

1.1 ENTRA O FUTEBOL

Nesta seção farei uma breve retrospectiva, falando acerca de como surgiu o futebol – desde os jogos primitivos, na antiguidade, pontuando sua evolução, até passar a ser regido por regras, sendo posteriormente caracterizado como esporte e, assim, difundindo-se pelo mundo inteiro.

³ De *Per* que significa: correr risco, aventurar-se. (BORGES, 2019, p. 2)

Segundo pesquisas realizadas por especialistas, os primórdios do jogo com bola apontam em direção ao Egito e à Babilônia, isto é, esses dois centros de civilização na Antiguidade são considerados detentores dos primeiros indícios da prática de algo semelhante ao que chamamos de futebol (AQUINO, 2002, p. 11).

Há evidências importantes da existência da prática de esportes nas civilizações antigas, mas seus registros não são exatos. As civilizações primitivas (maias, incas, egípcios etc.) praticavam jogos com caráter esportivo, muitas vezes com o intuito religioso. A própria natação encontra sua origem numa prática “esportiva” que consistia em afogar o adversário, sagrando-se vencedor aquele que conseguisse sobreviver. (ZAINAGHI, 1998, p. 17)

Podemos perceber que foi na Grécia antiga que as atividades esportivas estiveram sob os holofotes, haja vista que foi a partir desse momento que o corpo do homem começou a ser mais valorizado.

No entanto, não há registro datado da origem das práticas esportivas, assim como em relação ao futebol; há apenas discussões sobre o seu surgimento. Não se encontra qualquer tipo de fonte que faça a comprovação da origem de tal esporte. Algumas pesquisas apontam vestígios de que o surgimento do futebol tenha ocorrido em civilizações anteriores à era cristã.

Segundo Leal (2000, p. 23), alguns historiadores apontam a origem do futebol desde 5000 a.C. na China, e 4.500 a.C., no Japão, por serem jogos realizados com bolas de bambu e se desenvolverem com a utilização de pés e mãos.

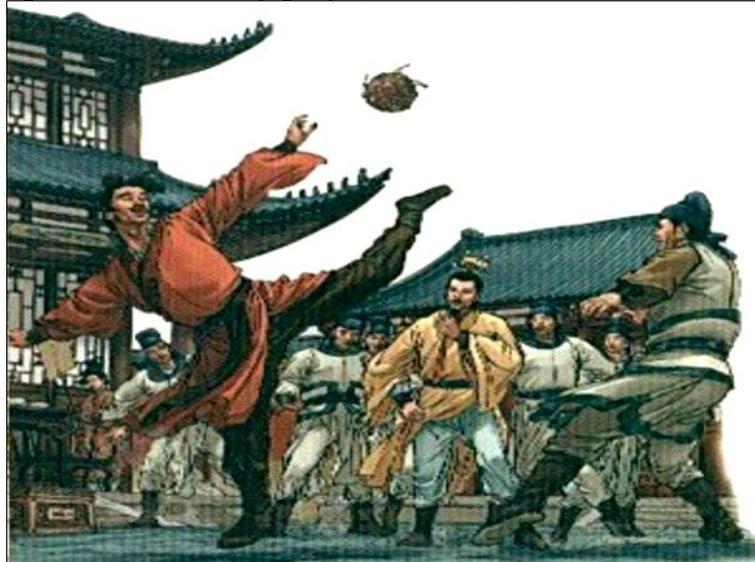
Por outro lado, evidências científicas datam do século II, na China, o registro da mais antiga forma do jogo que, segundo relatos, constaria de uma espécie de manual militar da Dinastia ‘Han’, no qual havia como exercícios físicos obrigatórios o *Tsuchu* (*tsu* significando chutar e *chun*, bola de couro). “Nele, bolas de couro eram jogadas com os pés, com o objetivo de marcar gols na abertura de 50 cm no centro de uma cortina de 10m de altura”. (LEAL, 2000, p. 23)

Aqueles praticantes do esporte, na atualidade, podem proferir afirmativas salientando que tal feito requeria bastante habilidade, tanto quanto muita precisão (GRISARD, 2003, p. 23).

Outros baixos relevos referentes à dinastia Ming (1368-1644) registram particularidades do *tsutchu*, que era praticado em três modalidades. Em uma delas, havia a participação de um único jogador fazendo malabarismos com a bola. Outra modalidade

envolvia a competição entre duas equipes empenhadas em lançar a pelota sobre uma rede no meio do campo. Aos adversários cabia evitar que a bola tocasse o solo antes de ser devolvida à outra metade do campo. A terceira modalidade opunha duas equipes empenhadas em arremessar a bola em algo parecido com gols colocados em cada canto do campo. Registros indicam que seu inventor, Yang-Tsé, pertencia à guarda do jovem imperador Huang-Ti, que foi talvez o primeiro nobre a se interessar pelo futebol. (BRUSTOLIN, 2008, p. 17)

Figura 1. *Tsuchu*: um jogo que, na verdade, era um treino militar.



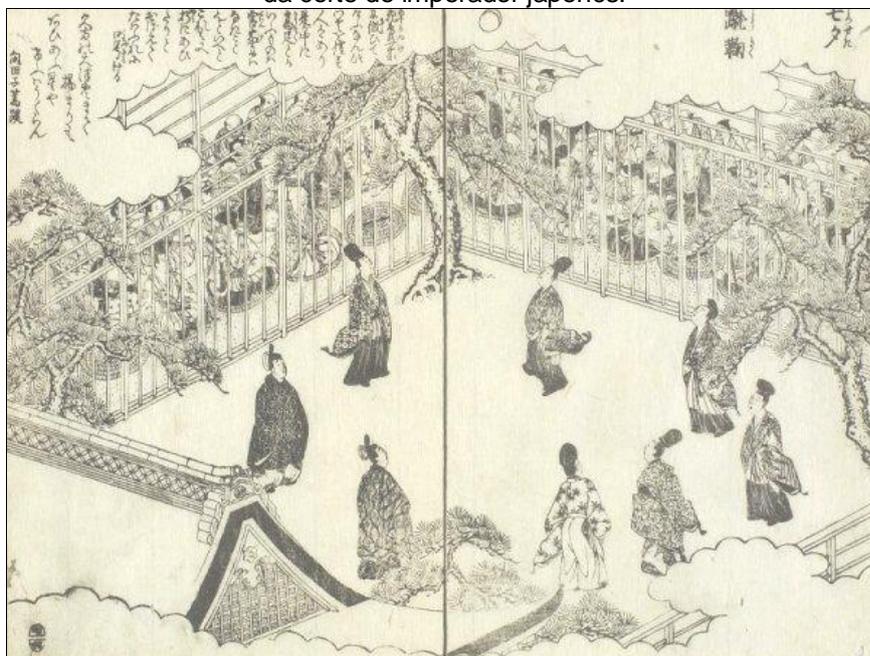
Fonte: <http://www.verminososporfutebol.com.br/wp-content/uploads/2014/10/Futebol-Historia-Tsu-Chu.jpg>. [Acesso em 8 de janeiro de 2022]

Citemos uma outra forma de jogo, também oriunda do continente asiático, mais exatamente do Japão: era o chamado *Kemari*, datando de 500 a 600 anos, aproximadamente, após o chinês *Tsuchu*; e o que é mais sensacional é o fato de ainda ser praticado nos dias atuais.

Podemos dizer que é uma espécie de jogo circular, sem nenhum caráter competitivo ou de luta para a posse da bola, tampouco espetacular, como aquele que o antecede. O jogo se dá com os jogadores agrupados em um círculo pequeno, objetivando a passada da bola uns aos outros, com o intuito de não permitir que a mesma toque o chão.

O *Kemari*, jogado em torno de uma cerejeira, árvore plantada e repleta de simbolismos para os japoneses, era semelhante ao *Tsutchu*. A princípio, era praticado como treinamento militar, tornando-se, mais tarde, um esporte de nobres, sendo jogado com oito jogadores em cada equipe. A bola era redonda, com cerca de 22 centímetros de diâmetro, sendo recheada com crinas de cavalo (*ibid*, p. 17).

Figura 2. *Kemari*: esporte praticado pelos integrantes da corte do imperador japonês.



Fonte: <http://www.verminososporfutebol.com.br/wp-content/uploads/2014/10/Futebol-Historia-Kemari.jpg>. [Acesso em 8 de janeiro de 2022]

Na Grécia, o jogo era *Episkyros*, mas há poucos escritos sobre o mesmo. Quando os romanos invadiram a Grécia no ano de 1500 a.C., levaram-no e o renomearam de *Harpastum*. A disputa no jogo se dava entre dois times ocupando

um campo que tinha o formato retangular, com demarcações no fundo, além de uma linha traçada no centro.

O objetivo do jogo era fazer a bola ultrapassar a linha final do time oposto. Enfileirados, os jogadores se dispunham ao fundo do campo e sobre a linha mediana ficava colocada a bola. Emitia-se um som, e assim todos corriam na direção da bola.

A função da bola era ser passada entre os jogadores que desempenhavam sua função já estabelecida anteriormente. Tal fato despertava o interesse dos então espectadores. Os pés quase não participavam neste jogo, já a violência, era a sua marca registrada. Associa-se a tal prática o surgimento do *rugby*.

Figura 3. *Epyskiros*: esporte disputado com os pés, na Grécia Antiga.



Fonte:<http://www.verminososporfutebol.com.br/wp-content/uploads/2014/10/Futebol-Historia-Epyskiros.jpg>. [Acesso em 8 de janeiro de 2022]

Segundo consta, este jogo perdurou aproximadamente 700 anos; levado pelos romanos à Inglaterra, ainda levanta dúvidas ao ser apontado como o precursor do futebol, bem como o *Hurling*, jogo extremamente comum entre os Celtas irlandeses, e que tinha como objetivo a condução da bola até a praça central da cidade adversária.

Mais tarde, o *hurling* evoluiu e passou a ser praticado em um campo de 100x30 metros, com postes em suas extremidades e com equipes cujo número de “atletas” variava de 40 a 60. Os jogos mais pareciam batalhas campais do que uma prática esportiva” (GRISARD, 2003, p. 24).

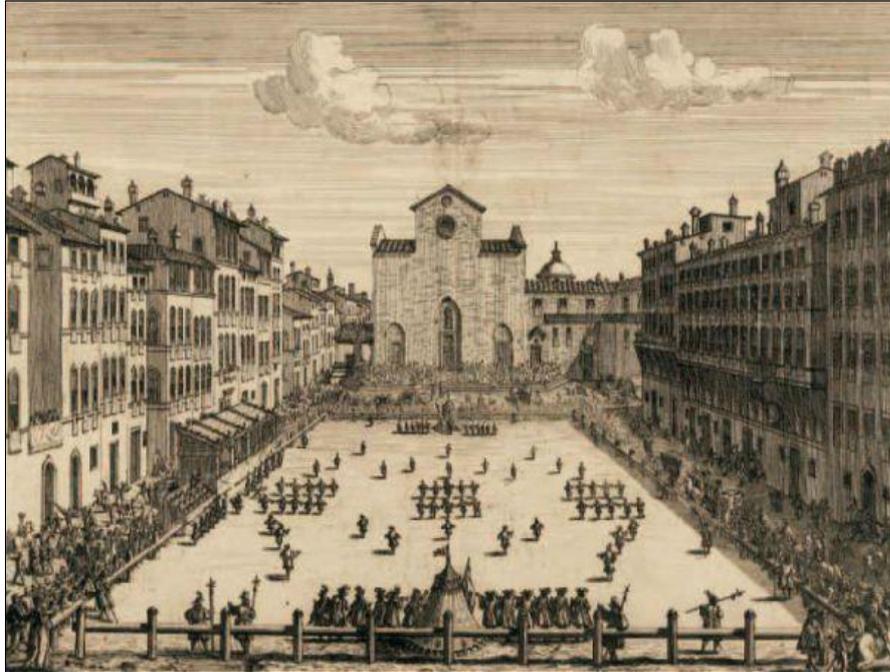
Aponta-se, também, registros encontrados no continente americano, no que tange ao jogo com bola:

Existem informações de que a prática do jogo da bola também era conhecida das populações indígenas do continente americano. Entre os araucanos, que viviam no atual Chile, era chamado de *pirimatum*, ao passo que os tehuelches da Patagônia denominavam-no de *tchoekah*. Não somente as populações aborígenes da América do Sul jogavam suas peladas: em Copán, importante cidade da civilização maia, na América Central, disputava-se o *pok-tai-pok*. O campo tinha 490 pés de comprimento e média de 100 pés de largura. Pela primeira vez na evolução do futebol, o jogo era realizado com bolas de borracha maciça. (AQUINO, 2002, p. 13)

É possivelmente aceitável a assertiva de que os jogos supracitados tenham influenciado a criação do esporte, tal como o conhecemos hoje. Contudo, o seu mais elevado desenvolvimento enquanto jogo de futebol deu-se na Escócia e na Inglaterra.

Durante a Idade Média, na Europa, mais especificamente na Península Italiana, disputavam o *Calcio*, denominação esta que até hoje é utilizada pelos italianos para citar o futebol. Conforme Aquino (2002, p. 14), foi em 17 de fevereiro de 1529 a data da primeira partida, em que vinte e sete jogadores estavam divididos em cada time, com camisas verde ou brancas. Como forma de solucionar as diferenças políticas, dois grupos rivais utilizaram a peleja para tal fim. Já na França, o jogo era denominado de *Soule*, e tinha características bem semelhantes às daquelas do *Harspatum* romano.

Na França, ainda na Idade Média, a nobreza ociosa era amante do jogo da *péla* – prática apontada como ancestral do tênis. Em contrapartida, as camadas populares empenhavam-se no *soule*, chamado de *choule* na Picardia, e que consistia em um verdadeiro corpo-a-corpo disputado sem número fixo de participantes. Havia limites às dimensões do campo; entretanto, em duas extremidades opostas, fincavam-se no chão dois bastões paralelos. Quando a bola passava através do espaço entre os dois balões, assinalava-se um ponto para a equipe do atacante que arremessara a pelota. (AQUINO, 2002, p. 15-16)



Fonte: <http://www.verminososporfutebol.com.br/wp-content/uploads/2014/10/Futebol-Historia-Gioco-Calcio.jpg>. [Acesso em 8 de janeiro de 2022]

Figura 5. *Soule* era o esporte da realeza, praticado pela aristocracia francesa.



Fonte: <http://www.verminososporfutebol.com.br/wp-content/uploads/2014/10/Futebol-Historia-Soule.jpg>. [Acesso em 8 de janeiro de 2022]

Figura 6. *Harspatum*.



Fonte: <http://www.verminososporfutebol.com.br/wp-content/uploads/2014/10/Futebol-Historia-Harpastum.jpg>. [Acesso em 8 de janeiro de 2022]

Itália, França, Escócia, Inglaterra, permaneciam praticando *Calcio*, *Soule*, Futebol, que se transformavam em esportes de extrema violência, especialmente na Escócia e na Inglaterra. Pernas quebradas, roupas rasgadas, dentes arrancados e chuvas de críticas ao 'esporte'. O que levou muitos a acharem que era uma prática de extrema barbárie, que incitava à violência e ao ódio.

Conforme aponta Aquino (2002), foi no século XVIII, como representação da vitória do capitalismo na sociedade inglesa, a partir da consolidação do governo parlamentar, bem como da Revolução Industrial, que começaram a ocorrer mudanças no jogo de bola.

Durante esse período surgia uma aristocracia composta por famílias que obtiveram riqueza mediante dinheiro, e não mais por propriedades rurais, em que os filhos que pertenciam a tais famílias ricas passaram a frequentar a escola.

Inúmeras são as origens e visões do jogo, no entanto, é incontestável que o futebol apareceu há mais de 1000 anos, nos quatro cantos do mundo, em formas rudimentares, até mesmo no lugar que consideramos como sendo o berço do esporte, a Inglaterra. Muitas punições eram dadas mediante a prática do futebol, o que leva a acreditar que o esporte é capaz de incitar multidões, sempre sob a supervisão das autoridades.

Na *Rugby School*, em 1823, houve uma grande discussão entre os que defendiam regras para disciplinar o jogo de bola; e o ponto de controvérsia dava-se em relação ao uso ou não dos pés e mãos durante as pejejas. William Welbb Ellis⁴ defendia a ideia da utilização das mãos; e tal prática prevaleceu no chamado 'Futebol Americano', ou *Rugby*.

As regras começam a pôr ordem. Jovens das famílias ricas da Inglaterra começam a deixar de lado o tiro, a esgrima, a caça, a equitação, alguns dos esportes preferidos, passando para o futebol. No século XIX, o futebol está mais organizado. [...]

Em 1868, surge a figura do árbitro. Ele anunciava as decisões aos gritos. Foram surgindo o apito, o travessão superior etc. Em 1891 apareceram as redes. O pênalti foi criado. Estabeleceu-se o número de 11 jogadores, o campo, o tamanho da bola. Em 1901 surge o limite das áreas. Em 1907 surge a Lei do Impedimento, mudando-se em 1926. O futebol como é hoje chegou à França em 1872; à Suíça em 1879; à Bélgica em 1880; à Alemanha, Dinamarca e Holanda, em 1889; à Itália em 1893; aos países da Europa Central, em 1900. Em 1904 surge a FIFA. (DUARTE, 1993, p. 2)

Em 1863, o futebol passa a ser codificado em 14 regras, publicadas em livros e cartilhas distribuídas. Uma das regras que se estabeleceu foi a proibição de chutar ou agarrar o adversário. Outras regras: ao final do primeiro tempo, trocava-se o lado de campo; dimensionamento da largura e da extensão do campo; padronização da bola e controle das chuteiras.

A instituição dos juízes, ou árbitros, como autoridade, foi imprescindível para a aplicação das regras, porém, eles exerciam sua função fora de campo e se comunicavam através de gritos. A partir de 1875, passaram a arbitrar as pejejas usando apito, e em 1881, a atuarem dentro das quatro linhas (AQUINO, 2002, p. 18).

1.2. O FUTEBOL ESTREIA NO BRASIL

Muitas são as versões sobre a chegada do futebol no Brasil. E tal fato incita inúmeras divergências entre os estudiosos da temática. Uns acreditam que tenha chegado por volta de 1878, realizado de forma rudimentar por tripulantes de um navio chamado Criméia, que aportou no litoral do Rio de Janeiro, e os quais teriam feito uma

⁴ Foi um inventor britânico do Rugby moderno.

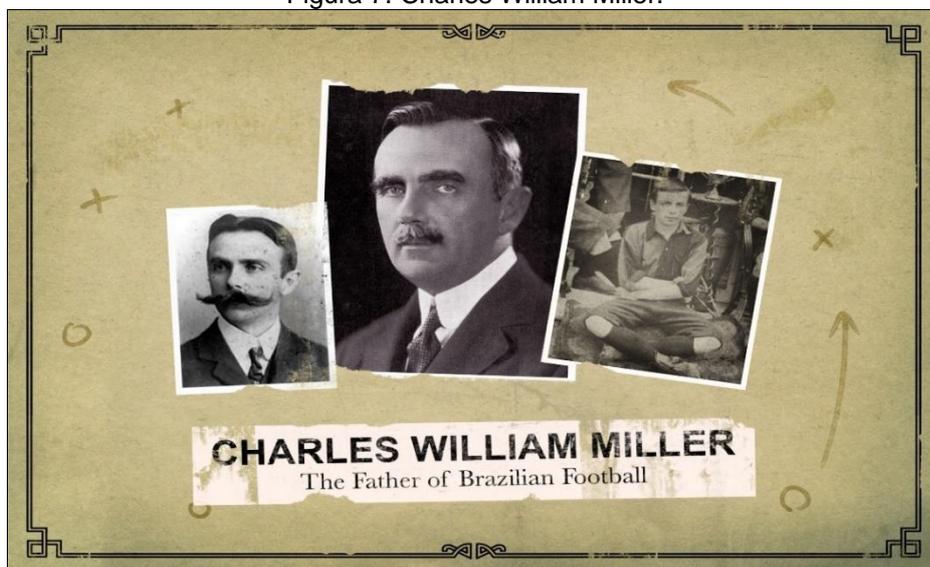
disputa de futebol na rua Paissandu. Na contramão desse raciocínio, tecendo outros comentários sobre o referido episódio, nos diz Zainaghi (1998):

O futebol chegou ao Brasil em 1878, através de tripulantes do navio “Crimeia”, que ao chegarem no Rio de Janeiro disputaram uma partida na R. Paiçandu. Nesse período foram disputadas várias partidas em São Paulo e Jundiaí, havendo informações de que um sacerdote introduziu a *novel* prática entre os alunos do colégio São Luiz de Itu. (ZAINAGHI, 1998, p. 28)

No entanto, a teoria predominante, com o maior número de aceitadores, foi a de que o futebol chegou ao nosso país por intermédio do brasileiro descendente de ingleses, Charles William Miller, que nasceu no bairro paulistano do Brás, e aos nove anos foi morar em Southampton, na Inglaterra, para estudar. Nesse lugar, teve o primeiro contato com o futebol, e em seu retorno ao Brasil, no ano de 1884, trouxe consigo, além das roupas em suas bagagens, a primeira bola de futebol, e também uma gama de regras.

Charles Miller não trouxe só as duas bolas. Trouxe também calções, chuteiras, camisas, bomba de encher a bola e agulha. Foi o início desta ‘LOUCURA’ que é o futebol entre nós. [...] faleceu em 1953, em São Paulo [...]. Foi ele, um ótimo jogador, artilheiro, criador da jogada ‘Charles’, estimulador da prática do futebol, bom ÁRBITRO, apaixonado ‘torcedor’ e o responsável oficial por tudo o que aconteceu depois. No início tudo era importado da Inglaterra, inclusive nomes das posições e livros de regras oficiais. (DUARTE, 1993, p. 2-3)

Figura 7. Charles William Miller.



Fonte: <https://thesefootballtimes.co/2019/02/13/charles-william-miller-the-man-who-brought-the-joy-of-football-to-brazil/> [Acesso em 02 de abril de 2020]

O dia 14 de abril de 1895 é assinalado na historiografia como a data da primeira partida de futebol no Brasil. Sem medir esforços, Charles Miller foi o impulsionador da partida entre a Cia. Paulista de Viação, as equipes de trabalhadores do *The Team Gaz* e do *The São Paulo Railway*. Segundo relatos de Zainaghi (1998), o futebol era uma prática elitista, excluía os operários e qualquer outra pessoa pertencente à classe baixa.

[...] O esporte era praticado no país principalmente pelas classes sociais mais altas e geralmente os primeiros times eram compostos de estrangeiros residentes no Brasil. [...] O futebol era negado às classes sociais mais baixas e principalmente à população negra. Alguns clubes proibiam em seus estatutos os negros de jogarem. Cabia aos jogadores de pele mais escura cobrir a pele com pó de arroz a fim de se “embranquecer” para poderem participar das partidas. (CARIOBA, 2017, p. 42)

Outro ponto a salientar versa sobre a grande influência inglesa no futebol; prova disso eram os termos utilizados pelos jornais da época para relatarem o jogo. Por exemplo, os jogadores eram os “*footballers*”, o árbitro “*referee*”, as partidas “*match*”, entre outros, que veremos nos próximos capítulos.

No que tange ao jogador destaque, mais conhecido no futebol como “*craque*”, no futebol brasileiro o primeiro foi Arthur Friedenreich, filho de uma brasileira negra e de um alemão branco. Era chamado de Fried, uma mistura dos dois; tal fato o fazia ser um belo exemplo da mistura de etnias no Brasil.

Arthur jogou por 26 anos como amador, marcando 595 gols e foi também autor do gol do primeiro título obtido pela seleção brasileira contra o Uruguai, na segunda versão da Copa América, de 1919. Copa esta que foi o primeiro confronto entre seleções, disputado no mundo⁵.

⁵ Cf. CARIOBA, Cristiano Binott Müller. **Uma partida de futebol**: globalização e ensino de geografia. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

Figura 8. Arthur Friedenreich.



Fonte: <http://www.acervodabola.com.br/arthur-friedenreich/>
[Acesso em 2 de abril de 2020]

Este mulato de olhos verdes fundou o modo brasileiro de jogar. Rompeu com os manuais ingleses: ele ou, o diabo que se metia pela planta de seu pé. Friedenreich levou ao solene estádio dos brancos a irreverência dos rapazes cor de café que se divertiam disputando uma bola de trapos nos subúrbios. Assim nasceu um estilo aberto à fantasia, que prefere o prazer ao resultado. (GALEANO, 2002, p. 47)

O Vasco da Gama, em 1921, entrou para história de forma exemplar, ao ser o primeiro clube do Brasil a aceitar jogadores de futebol negros, conseqüentemente, outros times se depararam com a obrigação de rever seus estatutos, tanto quanto as federações organizacionais do esporte.

Outro fato importante a destacar versa sobre a popularização do esporte, desta feita a partir da industrialização e urbanização; com isso, os clubes passaram a ser formados por jogadores operários, negros. Destaca-se o Sport Clube Corinthians Paulista, que foi fundado por operários em 1910, no bairro do Bom Retiro, na capital paulista.

Surge, em 1914, a Federação Brasileira de Sports e, após dois anos, em 1916, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), dedicada aos esportes ditos amadores. A Federação Brasileira de Futebol (FBF) foi criada em 1924, para aqueles vinculados ao profissional. Mas só em 1937 houve a união da FBF com a CBD, iniciando, com isso, o futebol em sua fase profissional.

O futebol passou a ser esporte olímpico em 1924, em Paris, com os uruguaios sagrando-se os grandes campeões, bem como em 1928 também foram vitoriosos, agora em Amsterdã. Os uruguaios chamavam a atenção pelo toque de bola com passes curtos, de forma objetiva e com uma estratégia de jogo bem esquematizada rumo ao gol, em contrapartida aos ingleses, que realizavam passes longos, bolas altas e chutes na bola em direção ao campo adversário. Com isso, os ingleses

fizeram uma nova descoberta da América ao terem conhecimento do futebol dos uruguaios nas Olimpíadas.

Argentina, Brasil e Uruguai profissionalizaram o futebol no início da década de 1930, uma vez que já não podiam controlar as remunerações que circulavam de forma extraoficial por parte dos clubes, além, é claro, das contratações dos melhores jogadores por parte desses países.

Segundo Galeano (2002, p. 50), a profissionalização do futebol tornou o jogador não só um trabalhador, como também uma mercadoria, uma vez que os atletas ficavam atrelados aos seus clubes ao longo de sua carreira; o contrário só ocorria caso o clube tomasse a decisão de vender o passe do atleta. Tal fato fazia o jogador semelhante aos operários das indústrias, bem como uma imagem de prisioneiros dos seus clubes, uma espécie de “gleba” feudal.

Apesar de todos os questionamentos em relação ao futebol de campo, este pode ser enquadrado na categoria de esporte popular, uma vez que é praticado por diferentes categorias sociais, em sua predominância nas classes C, D, E.

As bases da prática desportiva no Brasil estão fundadas sob laços associativos, caracterizados pela união de pessoas para a realização de atividades físicas, envolvendo várias modalidades desportivas. [...] como qualquer outro setor social, o desporto evoluiu gradativamente com o passar dos anos, seja com relação às técnicas e equipamentos que auxiliam a prática desportiva, seja com relação à sua parte organizacional. O esporte, como um dos fenômenos sociais e culturais mais importantes do século XX, tanto em sua vertente de entretenimento como de prática livre e voluntária do cidadão, desenvolve-se, fundamentalmente, através de entidades e organizações desportivas. (BRUSTOLIN, 2008, p. 24-25)

De grande relevância na cultura brasileira, o futebol passou a ser um verdadeiro instrumento de integração social, como agente do processo educacional, mecanismo de auxílio para a política vinculada à saúde e veículo de difusão do lazer.

O futebol no Brasil pode ser visto como um poderoso instrumento de integração social. Através do futebol, a sociedade brasileira experimenta um sentido singular de totalidade e unidade, revestindo-se de uma universalidade capaz de mobilizar e gerar paixões em milhões de pessoas. É nesse universo que observamos, com frequência, indivíduos cuja diversidade está estabelecida pelas normas econômicas e sociais da sociedade se transformarem em ‘iguais’ através de um sistema de comunicação que os leva a abraço

e conversas informais nos estádios, ruas, praias e escritórios (HELAL, 1997, p. 25).

A seguir, vamos destacar a chegada do Futebol de campo na cidade das mangueiras, Belém do Pará: “chegou ao Pará, parou, tomou açaí, ficou”⁶!

1.3. A BOLA ROLA “PAI D’ÉGUA”

Segundo Gaudêncio (2007), o futebol chega ao Pará no período da *Belle époque*, no final do século XIX, época em que aqui habitava um grande número de ingleses. Tal fato devia-se às empresas que, em sua maioria, lhes pertenciam e estavam instaladas em terras paraenses, em grande parte voltadas à extração e comercialização do látex.

Cabe destacar a *Belle Époque* “Papa-chibé⁷” – *Belle Époque* paraense (“chibé” = aquele que se alimenta água e farinha) – na qual surge o futebol, e é caracterizada pela realização de outros esportes que dinamizavam o lazer na “cidade das mangueiras”, em virtude das relações econômicas e culturais com a Europa. Inclui-se aí a prática dos esportes: remo, boxe, natação, atletismo, que irão distinguir a vida dos paraenses, em especial os jovens. O futebol vem, então, como mais um esporte praticado na capital, uma espécie de demonstração do contato que havia com a dita “civilização” europeia.

Nesse segmento, os festivais esportivos são criados, e nos dias de jogos a cidade toda é envolvida. Cabe salientar que apenas as elites locais participavam desses jogos, os demais populares ajudavam de forma indireta. Felizmente, com o passar do tempo, a participação popular viria a ser modificada, em especial, no setor futebolístico.

Podemos ver, na Figura 10, o quantitativo de pessoas que se fazia presente na sede náutica do Clube do Remo, que estava participando de forma ativa da prática esportiva em Belém. Cabe salientar que os mesmos sujeitos que disputavam a modalidade do futebol, participavam das demais modalidades que agitavam a capital paraense nos finais de semana. Podemos destacar, também, a participação das mulheres junto ao público que estava presente na sede do Clube do Remo.

⁶ Trecho da Música “Quem vai ao Pará parou/terra boa é o Pará”, do cantor de Carimbó Pinduca.

⁷ Disponível em: <https://artepapaxibe.wordpress.com/dicionario/>. [Acesso em 8 de abril de 2020]

Figura 9. Festival esportivo.



Fonte: Revista A Semana. 08/02/1919. Foto de um festival esportivo, a canoagem, em Belém do Pará, na sede do Clube do Remo.

O futebol adentra a capital paraense como mais um modismo importado da Europa, por volta de 1896, em que algumas partidas já eram realizadas na área da Praça Batista Campos e, posteriormente, em outros espaços da cidade, como, por exemplo, o largo de São Braz, lugar onde crianças e jovens costumavam se reunir nos finais de semana e feriados para assistirem treinos, bem como partidas de futebol, estas realizadas em lugares improvisados.

Os ingleses foram o grupo de estrangeiros que se destacou na capital paraense, uma vez que se tornaram imprescindíveis no desenvolvimento da prática do futebol no estado do Pará e, com isso, contribuíram diretamente para o início das ligas de futebol na capital. Uma vez que as famílias que tinham posses mandavam seus filhos para Europa a fim de estudarem, tal fato se dava em virtude da facilidade em locomoverem-se, já que havia o contato direto com os funcionários das companhias de comércio, telégrafos, energia elétrica, dentre muitas outras empresas estrangeiras que eram ligadas economicamente à nossa região, ocasionando assim o desenvolvimento do futebol na capital do Pará.

Podemos perceber, a partir de um relato contido em um periódico do início do século XX, o qual aponta como foram organizados os primórdios das partidas de futebol em Belém, tal qual os sujeitos que participavam.

No relato, há evidências em relação aos sujeitos que participavam da prática do futebol – ou eles tinham origem ou aspiravam uma identidade dita europeia, com o intuito de romper com a representatividade de atraso que os locais tinham no país, isto é, todo discurso estava imbricado com a ideia de modernidade, implantada pela visão europeia. Pode-se constatar, pelo relato abaixo, presente nos nomes dos jogadores e nas posições que jogam durante as partidas que eram realizadas no período vespertino, com chuva ou sol.

[...] efetuou-se no domingo 11 de março de 1906, às 4,30 da tarde, um jogo de futebol entre dois bons disputantes da época. A partida foi realizada na praça de S. Braz, estando os dois conjuntos assim formados:

Lloyd

Redigg e Clissold

Wright, Melio e White

Dehr, Balley, Compton, Delfim Guimarães, e A. Andrade.

O outro conjunto disputante foi este:

Bill Balley

Timbridge e Breach

Wesley, Ruiz e Borges

J. Borges Alves, C. Andrade, P. Palmério, Danin e Weitzman

Diziam os jornais daquele tempo que o time que tivesse LLOYD no *goal* sairia vencedor. [...]

(CRUZ *apud* GAUDÊNCIO, 2007, p. 21)

Tudo que estava voltado ao futebol estava entrelaçado ao fazer europeu; os materiais eram importados, bem como outras mercadorias, havia uma hegemonia cultural europeia, em virtude da circulação do capital financeiro, acompanhado das mercadorias que por aqui transitavam para representar o modo de vida da Europa, uma espécie de sobreposição do que era moderno em relação às tradições e costumes europeus, em detrimento da cultura local.

Nas colunas dos jornais passou-se a ter, com exclusividade, notícias a respeito do futebol. No dia 17 de dezembro de 1905 saiu a primeira escalação de uma equipe, no jornal *A Folha do Norte*, seguindo os padrões da língua inglesa: *goal-keeper*, *full-backs*, *half-backs*, *foward* e os jogadores eram chamados de *sport-man* (COSTA, 2007, p.13-14 *apud* ALVES et.al. 2016, p. 45).

A então denominada *Parah Foot-ball Association* foi a primeira entidade fundada para dirigir o futebol em terras paraenses, com a pretensão de executar o calendário igual ao da Inglaterra. No entanto, houve desavenças e, conseqüentemente, o torneio iniciou, mas não terminou. E no dia 23 de maio de 1913 foi fundada a Liga Paraense de *Foot-Ball*, na rua da Indústria, atualmente rua Gaspar Viana (COSTA, 2007, p. 14).

Após São Paulo (1902), Bahia (1905) e Rio de Janeiro (1906), o Pará foi o quarto estado brasileiro que organizou o futebol e colocou em prática uma disputa de campeonato. 1908 foi o ano do primeiro Campeonato Paraense, que foi conquistado pelo extinto clube União Esportiva. Na disputa estavam outros quatro clubes: Aliança, Panther Club, Brazil Sport Club e Sport Club do Pará. Nos anos, 1909, 1911, 1912, 1935 e 1946, o campeonato não foi disputado por inúmeras razões.

O União Esportiva sagrou-se Bicampeão (1908 e 1910) e, além dele, outros clubes também galgaram o campeonato até o ano de 2015, tais como: Clube do Remo (47 vezes); Paysandu Sport Clube (49); Tuna Luso Brasileira (10); Independente Atlético Clube (uma vez em 2011); Cameté Sport Clube (uma vez em 2012).

O Campeonato Paraense passou a ter legitimidade em 1945, quando se tornou uma disputa profissionalizante, na qual teve o Paysandu Sport Club como o primeiro campeão da então “Era Profissional”. No entanto, cabe destacar que o campeonato ocorreu apenas em 1947, uma vez que o ano anterior, 1946, foi apenas para ser decidido pelos clubes e a Federação Paraense de Desportos (FPD), como bem se sabe, era o campeonato de acertos de dívidas anteriores e cotas para serem quitadas para os Clubes (COSTA, 2007 *apud* ALVES, et. al., 2016, p. 45).

Ao longo de mais de 100 anos o futebol do Pará foi regido, em seus campeonatos oficiais, pelas respectivas entidades: 1908: Nacional Futebol *Association*, a qual teve sua fundação em 19 de agosto de 1908; 1913: Liga Paraense de Futebol; 1917: Liga Paraense de Futebol Esporte Terrestre; 1928: Federação Paraense de Desportos (2ª Entidade fundada com a mesma denominação); 1970: Federação Paraense de Futebol.

Na Tabela 1 apresenta-se a listagem dos clubes campeões e seus respectivos vice-campeões do campeonato paraense no período de 1908 a 2021.

Tabela 1 - Clubes campeões e vice-campeões paraenses de futebol (1908-2021).no		
	Campeão	Vice
1908	União Esportiva	Sport Pará
1909	Sem registro	-
1910	União Esportiva	Guarany
1911	Sem registro	-
1912	Sem registro	-
1913	Clube do Remo	Norte Club
1914	Clube do Remo	Paysandú
1915	Clube do Remo	Paysandú
1916	Clube do Remo	-
1917	Clube do Remo	-
1918	Clube do Remo	-
1919	Clube do Remo	Paysandú
1920	Paysandú	Clube do Remo
1921	Paysandú	Clube do Remo
1922	Paysandú	Clube do Remo
1923	Paysandú	União
1924	Clube do Remo	Paysandú
1925	Clube do Remo	Paysandú
1926	Clube do Remo	Paysandú
1927	Paysandú	Clube do Remo
1928	Paysandú	Clube do Remo
1929	Paysandú	União
1930	Clube do Remo	-
1931	Paysandu	Tuna Luso Comercial
1932	Paysandu	Guarany
1933	Clube do Remo	-
1934	Paysandu	Tuna Luso Comercial
Ano	Campeão	Vice
1935	Não houve	-
1936	Clube do Remo	Paysandu
1937	Tuna Luso	Paysandu
1938	Tuna Luso Comercial	Nacional
1939	Paysandu	Clube do Remo
1940	Clube do Remo	-
1941	Tuna Luso Comercial	Paysandu
1942	Paysandu	Clube do Remo
1943	Paysandu	Tuna Luso Comercial
1944	Paysandu	Clube do Remo
1945	Paysandu	Tuna Luso Comercial
1946	Não houve	-
1947	Paysandu – <i>Invicto</i>	Clube do Remo
1948	Tuna Luso Comercial	Paysandu
1949	Clube do Remo	Paysandu
1950	Clube do Remo	Tuna Luso Comercial
1951	Tuna Luso Comercial	Clube do Remo
1952	Clube do Remo	Paysandu
1953	Clube do Remo	-
1954	Clube do Remo	Paysandu
1955	Tuna Luso Comercial	Paysandu

1956	Paysandu	Clube do Remo
1957	Paysandu	Clube do Remo
1958	Tuna Luso Comercial	Clube do Remo
1959	Paysandu	-
1960	Clube do Remo	Paysandu
1961	Paysandu	Clube do Remo
1962	Paysandu	Tuna Luso Comercial
1963	Paysandu	Tuna Luso Comercial
1964	Clube do Remo	-
1965	Paysandu	Clube do Remo
1966	Paysandu	Clube do Remo
1967	Paysandu	Clube do Remo
1968	Clube do Remo – <i>Invicto</i>	Paysandu
1969	Paysandu	Clube do Remo
1970	Tuna Luso Brasileira	Paysandu
1971	Paysandu	Clube do Remo
1972	Paysandu	Clube do Remo
1973	Clube do Remo – <i>Invicto</i>	-
Ano	Campeão	Vice
1974	Clube do Remo – <i>Invicto</i>	-
1975	Clube do Remo – <i>Invicto</i>	Paysandu
1976	Paysandu	Tuna Luso Brasileira
1977	Clube do Remo	Paysandu
1978	Clube do Remo	Paysandu
1979	Clube do Remo	Paysandu
1980	Paysandu	Clube do Remo
1981	Paysandu	Clube do Remo
1982	Paysandu	Clube do Remo
1983	Tuna Luso Brasileira	Clube do Remo
1984	Paysandu	Tuna Luso Brasileira
1985	Paysandu	Clube do Remo
1986	Clube do Remo	Tuna Luso Brasileira
1987	Paysandu	Clube do Remo
1988	Tuna Luso Brasileira	Paysandu
1989	Clube do Remo	Paysandu
1990	Clube do Remo	Paysandu
1991	Clube do Remo – <i>Invicto</i>	Tuna Luso Brasileira
1992	Paysandu	Clube do Remo
1993	Clube do Remo – <i>Invicto</i>	Paysandu
1994	Clube do Remo	Paysandu
1995	Clube do Remo – <i>Invicto</i>	Paysandu
1996	Clube do Remo	Tuna Luso Brasileira
1997	Clube do Remo	Paysandu
1998	Paysandu	Clube do Remo
1999	Clube do Remo	Paysandu
2000	Paysandu	Castanhal EC
2001	Paysandu	Clube do Remo
2002	Paysandu	Tuna Luso Brasileira
2003	Clube do Remo	Tuna Luso Brasileira
2004	Clube do Remo – <i>Invicto</i>	Paysandu
2005	Paysandu	Clube do Remo
2006	Paysandu	Ananindeua
2007	Clube do Remo	Tuna Luso Brasileira
2008	Clube do Remo	Águia de Marabá

2009	Paysandu	São Raimundo (Santarém)
2010	Paysandu	Águia de Marabá
2011	Independente AC	Paysandu
2012	Cametá SC	Clube do Remo
Ano	Campeão	Vice
2013	Paysandu	Paragominas
2014	Clube do Remo	Paysandu
2015	Clube do Remo	Independente
2016	Paysandu	São Francisco(Santarém)
2017	Paysandu	Clube do Remo
2018	Clube do Remo	Paysandu
2019	Clube do Remo	Independente
2020	Paysandu	Clube do Remo
2021	Paysandu	Tuna Luso

O principal estádio paraense é o **Mangueirão**, situado no bairro do Benguí, cujo nome atual é Estádio Olímpico Jornalista Edgar Proença. Sua inauguração ocorreu no ano de 1978, com o antigo nome em homenagem ao ex-governador do estado do Pará, torcedor do Paysandu, Alacid Nunes. O clube do Remo galgou o primeiro título do estádio, em virtude de ter vencido o Parazão daquele ano.

O maior público presente no estádio Mangueirão se deu no mês de abril de 1979. Tal fato ocorreu pela estreia do ex-craque da seleção brasileira, Dadá Maravilha, pelo Paysandu. Dario atraiu ao estádio mais de 64 mil pessoas; o placar do jogo foi 1 x 1, com o gol do Paysandu marcado por Dadá.

No ano de 2002 o Mangueirão precisou passar por reformas; com isso, houve uma redução na capacidade de público, sendo 45.007 expectadores sentados, e seu nome passou para a nomenclatura atual. Sua reabertura foi marcada por uma partida entre os grandes times rivais Remo x Paysandu (RExPA) no dia 05/05/2002. Após a reforma do “novo Mangueirão”, o Paysandu foi o primeiro clube a vencer e sagrar-se campeão sobre a Tuna Luso Brasileira.

2.NASCE A “PAYXÃO”

Para começar a falar da “Payxão”⁸, preciso mostrar como tudo iniciou; e este iniciar se deu mediante a participação de muitas personalidades, que eram de extrema importância na sociedade paraense. Estes sujeitos sociais distintos envolviam-se com a criação de clubes de futebol.

Um dos grandes destaques é Deodoro Machado de Mendonça, que foi deputado, senador, secretário, assessor de estado, um político bem influente na sociedade Belenense da época. Várias vezes antagonista, apoiava demais políticos daquele tempo, e sempre se fez presente no cenário local.

Gerado e consubstanciado a partir de uma agremiação que no ano de 1913 disputava o campeonato paraense de futebol da primeira divisão, seu nome era: Norte Clube. Seu uniforme nos jogos eram calções brancos e camisas pretas. Por tal fato, passou a ser chamado de ‘Time Negra’.

No dia 15 de novembro de 1913, a tabela apontava para o jogo entre o Norte Clube e o Guarany. O Time Negra estava realizando uma excelente campanha e possuía como meta e obrigação vencer o Guarany. Na hipótese de vencê-lo, o Norte Clube iria disputar uma partida extra contra o grupo do Remo, e nela se definiria, então, o vencedor do campeonato de 1913. O grupo do Remo (posteriormente chamado de Clube do Remo) havia encerrado seus jogos e estava à espera do jogo entre Norte Clube e Guarany.

O jogo terminou 1 x 1. Com este resultado o grupo do remo sagrou-se campeão de 1913; assim, não necessitaria jogar uma partida extra. Inconformado com o resultado do jogo contra o Guarany, o Norte clube decidiu escrever e enviar um documento à Liga Paraense de Futebol, com o pedido de anulação da partida, alegando inúmeras irregularidades.

A liga recebeu o documento e, no dia 20 de novembro de 1913, reuniu-se para fazer a apreciação e o julgamento. A assembleia geral, toda envolvida, julgou como “improcedente” o recurso interposto pelo time do Norte clube, o qual solicitava a anulação da partida realizada entre o referido time e o Guarany. O resultado em campo, portanto, foi validado. A decisão da liga não agradou os integrantes do Norte Clube e tamanha foi a insatisfação que resolveram agir para que houvesse

⁸ Neologismo oriundo da junção do prefixo da palavra Paysandu e o sufixo da Paixão

mudanças e, conseqüentemente, tornarem-se mais fortes, para então enfrentarem quaisquer adversários ou até mesmo superá-los.

O Norte Clube tinha como líder do movimento o jogador Hugo Manoel de Abreu Leão, que defendia a criação de uma nova agremiação para superar o grupo do Remo, e falava: “vou fundar um grupo para superar o grupo do Remo!”.

O jornal da época, *Estado do Pará*, inseriu como última notícia do dia 2 de fevereiro de 1914 uma convocação aos desportistas para que ficassem atentos à fundação do Paysandu. Tal convocação rendeu inúmeras presenças de desportistas na reunião.

A assembleia, de forma unânime, escolheu Hugo Manoel de Abreu Leão, por sinal era o mais entusiasmado com a ideia de se criar uma nova agremiação. Hugo Leão, sendo líder do movimento de criação de agremiações e presidente da assembleia, convidou Humberto Simões para ser o secretário.

Figura 10. Hugo Manoel de Abreu Leão.



Fonte: <http://www.paysandu.com.br/paysandu/>

Hugo Leão, ao tomar posse como presidente da sessão, esclareceu que o objetivo da referida reunião era a tão almejada criação de uma nova agremiação, que se chamaria ‘Paysandu Foot-ball Club’⁹, em homenagem ao feito glorioso e

⁹ Costa (2018, p. 194).

heroico da Marinha de Guerra do Brasil, ao transpor o Passo do Paysandu na guerra contra o Paraguai.

Após pedir a palavra, Durval Carneiro requereu que durante a assembleia fosse feita a aclamação para compor a primeira diretoria que iria coordenar a nova associação durante todo o exercício de 1914; e esta era composta pelos seguintes membros:

- Presidente: Deodoro Machado de Mendonça;
- Vice-presidente: Eurico Amanajás;
- 1º secretário: Arnaldo Moraes;
- 2º secretário: Humberto Simões;
- Tesoureiro: Gastão Valente;
- Comissão de sindicância e fiscal: Pedro Paulo Penna e Costa, Manoel Marques, Edgar Proença, delegado perante a liga de “*fott-ball*” – Hugo Leão.

Cabe destacar também que os 42 presentes na reunião foram considerados, juntamente com Hugo, os fundadores do Paysandu, sendo estes: Deodoro Machado de Mendonça, Eurico Amanajás, Gama e Lobo, Arnaldo Moraes, Hugo Manoel de Abreu Leão, Humberto Simões, César Coutinho de Oliveira, Waldemar Macedo, Gastão Valente, Edgar de Campos Proença, Pedro Paulo Penna e Costa, Humberto Macedo, Amadeu Simões, Abelardo Leão Condurú, Heráclito Gurjão, Durval Carneiro, Adalberto Santa Rosa, Mário Gurjão, Manoel Marques Guerra, Ângelo Marques Guerra, Arthur Moraes, Leonel das Neves, Renato Christo, Renato Amanajás, José Penna e Costa, João Barata, José Leôncio, Manoel Oliveira da Paz, Hugo Mattos, Joaquim Pinto, Antonio Gonçalves, Antonio Garcia, Joaquim Infante de Castro (“Sady”), Sylvio Serra de Moares Rego, Antonio Pessoa, Eduardo Pessoa, Antonio Linhares, Waldemar Linhares, Frederico da Costa e Silva, Miguel Pernambuco Filho, Bladgen Barata, Mário Paiva.¹⁰

2.1. ORIGEM DO NOME

A origem do nome do Paysandu Sport Club está atrelada ao ocorrido no dia 2 de janeiro de 1865. Neste dia, a cidade uruguaia denominada Paysandu foi palco do episódio histórico que ficou conhecido como ‘A Tomada de Paysandu’, da qual haviam participado tropas e esquadras brasileiras comandadas pelo general Mena

¹⁰ *Ibid.*, p. 195.

Barreto e pelo Almirante Tamandaré. Tal episódio não estava ligado à guerra do Paraguai, e sim às sangrentas lutas que no Uruguai envolviam sempre os partidos políticos 'Blanco' e 'Colorado'. Tanto o nome da cidade quanto o do clube de futebol são grafados como está no Mapa do Uruguai (Figura 12).

Figura11. Mapa do Uruguai. 8



Fonte: site do Paysandu: <http://www.paysandu.com.br/paysandu/>

2.2. O UNIFORME

Hugo Manoel apontou logo a necessidade de se escolher a cor do uniforme, de imediato propôs a camisa azul e branco em listras verticais, o escudo do clube com as iniciais PEC à altura do peito e o calção branco. Alguns eram de opinião contrária, preferindo o uniforme totalmente branco. Foi preciso marcarem uma nova reunião para, então, se definir o “uniforme do clube”. Após duas reuniões, a terceira foi incisiva, o assunto uniforme foi logo colocado em discussão e o projeto de Hugo Leão foi aprovado de forma unânime.

Figura 12. Primeiro uniforme e primeira equipe formada.



Fonte: site do Paysandu: <http://www.paysandu.com.br/timeline/#>

2.3. MUDANÇA DE NOME

Durante a terceira reunião, ocorrida no dia 19 de fevereiro de 1914, o Paysandu passou de “Foot-ball Club” para “Sport Clube”. Mediante a leitura de um ofício solicitando a filiação do Paysandu à liga Paraense de Futebol, surgiu a ideia da mudança, após ferrenhos debates, e assim se colocou em votação e esta foi aprovada por unanimidade. Assim nasceu o querido Paysandu Sport Club.

2.4. SEDES

O primeiro espaço foi fundado na Rua Pariquis 22; logo depois foi para a residência do presidente Deodoro de Mendonça e ficou conhecida como “sede do Paysandu”, uma casa bela, que foi demolida e onde hoje funciona um bar. Do final de 1914 até fevereiro de 1915 o Paysandu fez moradia na Vila Amazônia, residência de Edgar Proença, passagem Mac Dowell, de lá foi à sede da Associação Dramática, Recreativa e Beneficente, pois havia uma possibilidade de fusão Paysandu/Recreativa, que estava sendo debatida e estudada desde a reunião de 8 de fevereiro de 1915, mas acabou não acontecendo.

Depois o Paysandu ocupou as seguintes sedes: em setembro de 1915 ocupou a antiga Estação dos Bondinhos, à Rua São Matheus 170, local em que construiu nos fundos um campo de futebol, que em seguida foi do Ibérico e do Liberto (hoje o terreno está completamente edificado); em janeiro de 1918 mudou-se para a Rua Lauro Sodré (hoje chamada Rua Ó de Almeida), nº 04 (altos); em março de 1919 foi para a Serzedelo Correa 25 A, em frente à praça Batista Campos; em agosto de 1920 mudou-se para a travessa do Carmo nº 1; em maio de 1926 veio para a Avenida Nazaré nº 66, prédio adquirido em 1927, remodelado para mais tarde ser demolido e dar lugar à sede atual do Paysandu.

2.5. CAMPOS DE FUTEBOL

O primeiro campo do Paysandu ficava ao lado do Instituto Lauro Sodré, no bairro do Souza, onde funcionava para treinos, no entanto, foram feitos vários jogos amistosos.

Depois teve um campo atrás da sede da travessa São Matheus nº 170. Este campo foi fruto do trabalho da comissão elencada na reunião de 19 de fevereiro de 1914. O atual campo do Paysandu, localizado na avenida Almirante Barroso (que antes era Avenida Tito Franco), pertencia à Firma Ferreira & Comandita, que construiu e inaugurou o campo em 14 de junho de 1914.

O campo que hoje é denominado Estádio Leônidas Sodré de Castro era chamado de “vovô da cidade”, pela sua longevidade, pois é considerado um dos estádios mais antigos do Brasil, e também chamado de “Curuzu”, em virtude de um dos lados do estádio ficar na travessa Curuzu, a qual tem o nome em alusão à Batalha de Curuzu, que ocorreu entre os dias 1 e 3 de setembro de 1866, no contexto da então Guerra do Paraguai. Atualmente o estádio do Paysandu é denominado Banpará da Curuzu, em virtude da parceria ampliada entre o banco oficial do governo do estado, o Banpará, e o Paysandu, no dia 22 de outubro de 2020, data em que foi oficializada a assinatura contratual de compra de *Naming rights*, que significa, de forma simples, a concessão legal para nomear um evento ou local específico. E esta garantirá por dois anos a mudança do nome do caldeirão bicolor para Estádio Banpará Curuzu.

2.6. O PRIMEIRO REXPA

A inauguração do campo que na época pertencia à Firma Ferreira Comandita, ocorreu em pleno domingo, no dia 14 de junho de 1914. E, por força do destino, o primeiro REXPA da história do futebol paraense. O pontapé inicial foi dado por Deodoro de Mendonça, representando o Independente de Belém.

A primeira equipe foi formada por: Genaro Bayma de Moraes, Eurico Romariz (goleiro), Sylvio Serra de Moraes Rego, Jaime Bastos Cunha, Moura Palha (Gigi), George Mitchell, Matheus, Maurilio de Souza Guimarães, José Pinheiro Garcia, Hugo de Leão e Arthur Pereira Moraes.

No ano seguinte, o Paysandu mostrou toda a sua força e passou a colecionar títulos e vitórias, além de sempre estar na frente de seu rival em títulos, mesmo sendo fundado anos depois.

3.TORCIDA APAIXONADA/FIEL E SUA PERFORMANCE

Fiel, como é conhecida, a torcida do Paysandu está presente em todos os jogos do Papão, como também é conhecido o Paysandu. Desde os primeiros jogos o Paysandu conquistou os torcedores no primeiro REXPA, à época, em número menor do que do rival, no entanto, cabe frisar que este já existia na sociedade desde 1905, enquanto o Paysandu foi criado em 1914.

Na atualidade esses números mudaram consideravelmente, a torcida se tornou a maior e mais fiel torcida do Norte do Brasil. Tal fato pode ser comprovado pela pesquisa realizada pela empresa Pluri Consultoria (especializada em gestão, finanças e marketing esportivo), a qual aponta que o Papão está entre os 20 clubes mais valiosos do Brasil.

O Paysandu aparece como único clube citado entre todos os demais da Região Norte, o Papão aparece com um total de 857.432 torcedores, pesquisa esta realizada no ano corrente.

Lista divulgada no site da Pluri Consultoria, número em milhões¹¹:

• Flamengo	39.271.047
• Corinthians	32.474.470
• São Paulo	17.083.097
• Palmeiras	15.390.502
• Vasco	10.249.858
• Santos	6.831.492
• Cruzeiro	6.789.663
• Grêmio	6.760.111
• Atlético-MG	5.089.637
• Internacional	5.063.574
• Sport	3.393.961
• Fluminense	3.393.092
• Botafogo	3.393.092
• Bahia	3.377.451
• Athletico	1.701.770
• Ceará	1.697.416
• Santa Cruz	1.696.111
• Vitória	1.686.557
• Paysandu	857.432
• Fortaleza	847.838

¹¹ Pesquisa divulgadas no site: <https://doi.com.br/esporte/esporte-para/702679/paysandu-esta-entre-as-20-maiores-torcidas-do-brasil?d=1>

O torcedor é considerado o 12º jogador, pois está, com o seu time, em um relacionamento, em muitos casos, de forma incondicional. A palavra torcer (contorcer) nos leva a caminhar em direção a uma carga já estabelecida de emoções, de dor, experiências, de forma geral, ligadas a comportamentos de lamúria ou de reclamação (MACHADO, 2005).

Na década de 20 a popularização do futebol cresceu rapidamente no Brasil, os estádios passaram a ficar lotados pelos, então, admiradores, que elencavam para qual clube iriam torcer. Com o crescente número de adeptos que passaram a apreciar, apaixonadamente, o futebol, começaram a se formar grupos que se reuniam para irem juntos aos estádios, assim, na década de 40, surgiram as primeiras torcidas uniformizadas no Brasil.

Esse movimento de torcidas uniformizadas teve início em São Paulo, com torcedores da elite paulistana se encontrando nos clubes, em festas e se organizando para irem aos estádios e sentarem juntos em uma parte elencada da arquibancada. No entanto, quando chega a década de 60, há uma mudança, e surge uma nova maneira de torcer, acaba-se a relação fechada com os clubes e diretores, com suas próprias regras e estatuto, esses grupos de pessoas criam as primeiras torcidas organizadas no Brasil.

Em primeiro lugar, apenas o lenço branco expressava a adesão da torcida à camisa, vieram depois bandeira, apito, corneta, pó-de-arroz, papel picado e até fumaça colorida. A cada gol que surgia, a resposta da torcida vinha de forma impecável como o terno de linho engomado, a gravata cheia de charme e o chapéu na cabeça dando o detalhe final do que era o torcedor carioca dos anos de 1920 aos de 1950. Alegres e brincalhonas, as torcidas foram se envolvendo em confrontos armados entre as massas de torcedores e hoje são as organizadas que estão transformando o espetáculo do futebol em cenas de violência.” (GERON, 1993, p. 6)

Esses torcedores que se dedicavam, de forma gratuita, a organizar um grupo para prestarem apoio e incentivo ao time eram vistos como torcedores – símbolos (grifo meu) e suas imagens estavam atreladas ao romantismo apaixonado. A imprensa os agraciava de forma prestigiosa, eram foco de inspiração a outros torcedores, além, é claro, de contribuírem intensamente para a popularização do futebol, isso no que tange aos períodos de 1940 e 1960¹².

¹² Cf. LUCAS, 1998, p.59

Havia uma romantização em torno do torcedor- símbolo, pois estes viviam um amor pelo clube e o acompanhavam de perto junto com suas famílias e amigos; nessa época os homens iam de terno e as mulheres de vestido longo, para assistir aos jogos. Esses torcedores eram vistos como um espetáculo a parte e figuravam como um elemento agregador da paixão pelo clube.

A partir da década de 60 as mudanças nas relações sociais provocaram transformações também no futebol, pois o esporte começava a se profissionalizar e a tomar direções cada vez maiores, surgem mais torneios, campeonatos são disputados. O futebol, refletindo as transformações sociais, passa a exigir das torcidas uma nova forma de organização. Assim, os torcedores-símbolos vão cedendo espaço e o comando aos ditos chefes de torcida, que não apresentam muito carisma, mas sustentam elementos capazes de personificar a torcida.

Nos anos 70, quando o futebol é consolidado como a paixão nacional, condição esta erguida pela ideologia do Estado, os governos militares disseminam e proporcionam o espetáculo a nível nacional, claro que no intuito de usar o mesmo como instrumento de difusão de mensagens ideológicas; assim o Brasil se torna o país do futebol, obtém conquistas a nível mundial neste período e, conseqüentemente, a expansão da popularidade do futebol. O governo militar se auto-beneficia e se expande. É nesta época de inúmeras mudanças que surgem as torcidas organizadas de futebol e estas trazem consigo outras formas de sociabilidade e de deleite do futebol como lazer. Essas torcidas irrompem outras formas de torcer, de reunir e expressar, individualmente, sua paixão pelo time de coração.

Destaco o fato de as Torcidas Organizadas terem sido criadas a partir de 70 e esta criação proporcionou uma reestruturação nas relações entre o futebol profissional e a figura do torcedor. Esse torcedor fez emergir uma nova prática de torcer não apenas de incentivar o time, mas também de cobrar da diretoria imprescindíveis às conquistas. As torcidas estabeleceram novas relações entre elas mesmas, com os dirigentes, a imprensa no geral e lógico com toda a esfera que circunda o futebol profissional.

Tal exame resulta problemático, por conta da marginalidade em que se encontram. No cotidiano da cidade, elas se escondem. Sabemos que existem, mas não podemos analisar com exatidão a sua força. Em dias de jogo, é impossível não notar sua ruidosa presença nas ruas e nos caminhos que as levam de suas sedes até o estádio.

Neste momento, “o tempo é o do jogo e a ética e os comportamentos são os da disputa.”⁶¹ Elas invadem as ruas, ocupando os espaços e transformando por completo o ritmo da cidade. Até mesmo os aparatos sociais, como a polícia e o transporte, são deslocados para conter a imensa massa torcedora, em seus momentos de alegria e tristeza, medo e raiva. (LUCCAS, 1998, p. 62)

Todo torcedor carrega em si a prerrogativa de que seu time vai ganhar e com a Fiel não é diferente. Cada jogo abarca aspirações distintas; em uns se torna obrigação o ato de ganhar e, se isso não ocorre, surge um misto de sensações.

Pode haver a aflição de perceber a pressão do ataque adversário à defesa de seu time, a raiva ao ver seu time sofrendo um gol, as diversas reações a uma falta injustamente marcada, ao erro do ‘seu’ jogador, à bola que passou muito próxima à trave e a inúmeras outras situações do jogo. Além disso, a determinação das equipes em marcar o gol decisivo provavelmente incita outro tipo de tensão em quem torce, tanto pela incerteza do êxito, quanto pela intensificação da sensação mimética de entrega, de luta. Se o jogo for de final de campeonato ou eliminatório pode-se supor que o grau de tensão deve ser ainda de uma grandeza muito maior. (MACHADO, 2005; ELIAS; DUNNING, 1992 *apud* CAMURÇA, 2019, p. 47)

E existe o torcedor apaixonado do Paysandu, como diz a música:

Sou apaixonado torcedor do Paysandu
Sou supercampeão, sou forte e vencedor
As cores do meu clube, defendo com vigor
Na luta estamos juntos, com raça e amor
Vencer é uma palavra de ordem
Vencer em cada campeonato
Na coleção de glórias estamos sempre na frente
É a Fiel Torcida que no campo está presente
Meu clube aonde joga eu tô lá
Aplaudir o meu time e torcer pra ganhar!
Letra e Melodia Cícero Cantuária

Figura 13. Torcedores do Paysandu.



Fonte: <https://dol.com.br/esporte/esporte-para/674383/tabela-detalhada-dos-jogos-de-ida-do-paysandu-e-divulgada?d=1>

Teço minha escrita atrelada aos argumentos de Pasolini, quando estrutura seu posicionamento questionando: o que seria uma língua? E logo ratifica, seria um 'sistema de signos', resposta esta que seria dada por um semiólogo.

Cabe frisar que esse sistema não trata apenas da língua escrita-falada, como estou agora escrevendo e você leitor lendo. Há outros sistemas de signos não-verbais que estão presentes na pintura, bem como no cinema, na moda. Pasolini (1971) nos faz olhar para o futebol também como um sistema de signos que possui uma língua não-verbal, portanto, uma linguagem.

E o leitor poderia se indagar: como se formariam as palavras então, no futebol? Antes de responder a essa pergunta, saliento que essa alcunha de linguagem referendada ao futebol foi proferida por um cronista esportivo que também foi jogador das Copas de 1966 e 1970, Eduardo Gonçalves de Andrade, "o Tostão" que falava da necessidade de se ler cada partida de futebol como se fosse um texto, mas uma leitura para além do foco dos meios de comunicação, uma vez que estes meios escondem mais do que revelam sobre o jogo.

Silveira (et.al, 2010) se apropria da ideia de Tostão que trata o futebol enquanto linguagem e, assim, cria um procedimento de leitura do jogo com o intuito de gerar, do mesmo, uma compreensão para além do que os meios de comunicação impõem.

Para tal fim, Silveira (2010) se utiliza de Franco Júnior (2007) e suas leituras repletas de metáforas, em seu livro "a dança dos deuses". Nesse livro o referido autor

confere ao futebol o mesmo preceito de arte performática existente na dança, no teatro, vai mais além ao afirmar que, antropologicamente, dança é linguagem; assim sendo, o futebol também o é.

Além desse olhar da linguagem corporal imbricada ao futebol, lanço a visão de Saussure sobre a língua, como um sistema de signos, ser parte social da linguagem e que apenas um indivíduo não é capaz de mudá-la, e a fala ser a expressão particular da linguagem, forjada por um ato individual. “Um ato individual de vontade e inteligência” (Saussure, 1995, p.22).

A partir dessas colocações de Saussure, Silveira (2010) afirma que a Língua-futebol seria um sistema composto por todas as possibilidades aceitas em campo. Ele ainda salienta que não são apenas aquelas disponibilizadas nas 17 regras oficiais, mas uma somatória das outras práticas e habilidades táticas como o posicionamento, a visão de jogo, entre outros; as físicas (resistência, antecipação, velocidade etc.); e a técnica (drible, desarme, carrinho etc.) imprescindível para se jogar o futebol. O jogador instaura sua Fala-futebol, selecionando e combinando os subsídios desses acervos.

Pensemos que esse acervo de que trata Silveira (2010) na Língua-futebol é uma somatória de sinais investidos em cada um dos acervos, contudo, não são totalmente acessíveis a todos os falantes. Tal fato faz com que os jogadores se estimulem a criar movimentos, jogadas, passes, que posteriormente, farão parte do acervo universal da língua-futebol; um claro exemplo a ser citado é do goleiro Rogério Ceni, que nos anos 90 foi o primeiro goleiro a entrar para a história ao realizar uma cobrança de falta pela seleção brasileira, foi também o maior goleiro artilheiro da história; a partir de então os demais goleiros passaram a se arriscar nas cobranças de falta.

Pasolini (1971) vai além, na discussão, afirmando ser, o futebol, uma modalidade que tem todas as características essenciais da linguagem escrita e falada. Como assim? Vejamos, as “palavras” do futebol são formadas tal como as da linguagem escrita-falada, estas são resultado das infinitas combinações das 26 letras do alfabeto, que, em italiano, nacionalidade de Pasolini, são 21 e chamadas de fonemas, sendo as unidades mínimas da língua escrita-falada, conforme salienta o autor.

Nessa lógica de raciocínio ele associou os fonemas (letras) da linguagem escrita-falada à linguagem do futebol e criou os “podemas”, que seriam a unidade

mínima da língua do futebol, isto é, o fonema dos pés de cada jogador em campo, assim seriam 22 “podemas” em campo.

As inúmeras possibilidades de combinação dos “podemas”, formam as palavras na língua-futebol; na prática seriam as várias trocas de passe entre os jogadores em campo, e o conjunto destas forma um discurso pautado em regras gramaticais precisas; a sintaxe está presente durante a “partida”, onde se difunde todo o discurso.

Os jogadores seriam os cifradores, nós torcedores seríamos os decifradores, uma vez que ambos conhecem o código, isto é, quem não conhece o código não conhece o significado. Por isso no senso popular se diz que existem milhões de técnicos, porque todo torcedor conhece as regras que permeiam uma partida de futebol, com isso, automaticamente, cada torcedor se sente preparado para ditar estratégias para o jogo.

Seguindo esta trilha de cifração e decifração do jogo, entre os jogadores e nós, torcedores, delineio uma reflexão voltada ao futebol sob a ótica da dança. Toda dança é comunicação que possui como instrumento principal o corpo, “entende-se que é necessário um autocontrole excelente dos movimentos para melhor expressar-se” (SILVEIRA, 2010, p.4).

Seguindo a proposta de Franco Souza Júnior (2007), vamos pensar o futebol enquanto “uma linguagem ao mesmo tempo natural (correr, fugir, enganar, chutar e pegar) (...) e artificial (regras para organizar a representação moderna daqueles atos primordiais) (p.349). Portanto, sob esse ponto de vista, não é uma atividade restrita aos indivíduos que dominam a língua-futebol, uma vez que todos nós, seres humanos, a partir da fase sensório-motor, como nos diria Piaget (1970), desde pequenos trazemos o instinto de correr atrás da bola, chutá-la, bem como a uma pedrinha; tal assertiva pode ser interpretada como indicativo da língua-futebol, não é à toa o ditado popular, de que o brasileiro já nasce gostando de futebol.

O futebol é uma dança feita de movimentos conhecidos por todos, de pequeno a grande, de uma geração a outra, variando apenas o gênero, mas a música é a mesma que orchestra os movimentos direcionados ao gol.

E essa dança é de total conhecimento da torcida do Paysandu, uma das maiores e apaixonadas do Brasil. Fiel, como é conhecida, está presente em todos os jogos do Papão (como também é chamado o Paysandu). Desde o primeiro REXPA, o Paysandu cativou torcedores; à época, em número menor que o rival, no

entanto, cabe frisar que o clube adversário já existia desde 1905, enquanto o Paysandu foi fundado em 1914.

Na atualidade esses números mudaram consideravelmente: a torcida do Papão se tornou a maior e mais fiel torcida do Norte do Brasil.

O Paysandu aparece como único clube citado entre todos os demais da Região Norte, possuindo um total de 857.432 torcedores, segundo pesquisa realizada no ano de 2022.

O torcedor está com o seu time em um relacionamento, em muitos casos, de forma incondicional. A palavra torcer (contorcer) nos leva a caminhar em direção a uma carga já estabelecida de emoções, de dor, experiências de forma geral ligadas a comportamentos de lamúria ou de reclamação (MACHADO, 2005, p.106).

Todo torcedor carrega em si a prerrogativa de que seu time vai ganhar e com a Fiel não é diferente. Cada jogo abarca aspirações distintas, nos clássicos, se torna obrigação o ato de ganhar e, se isso não ocorre, surge um misto de sensações.

Para Reis (1998), o público de futebol se encaixaria em quatro categorias, que seriam: os espectadores, os torcedores, os torcedores uniformizados e os torcedores organizados.

Na primeira categoria se encaixariam aqueles sujeitos que desempenham o papel de apenas assistir os jogos; na segunda categoria já seriam os sujeitos que, além de assistir aos jogos, elencam um time específico pelo qual vão torcer durante as partidas de futebol; já na terceira categoria estão aqueles que usam a camisa do seu time para mostrarem a preferência mediante a vestimenta; por fim, mas não menos importante, o torcedor organizado é aquele sujeito que pertence a uma agremiação de torcedores que possui uma estrutura organizacional burocrática e que não depende do clube para qual torce. (REIS *apud* CAMURÇA, 2019, p. 46).

Perpassando as duas últimas categorias de torcedores elencadas por Reis (1998 *apud* COLARES-CAMURÇA, 2019), pelas falas dos meus entrevistados e sendo atravessada por cada uma, vejo-me na obrigação de falar sobre o conceito de Paixão, já que esta é pulsante em todos os relatos dos torcedores sujeitos de minha pesquisa, bem como em músicas cantadas pelos mesmos e tal fato me conduz a fazer um toque de bola entre autores que conceituam o que é Paixão.

Quando se fala de Paixão faz-se, logo, alusão ao sofrimento – patologia –, mas ambas (patologia e paixão) apresentam a mesma origem etimológica (*páthos*). A paixão se caracteriza por um estado em que o prazer é dito exacerbado, resultado

de uma fusão de sentimentos: sofrimento por uma insatisfação, pela ansiedade, por uma necessidade imensa de estar com a pessoa amada, com o time de coração. (LINO, 2009, p.2)

Olhando para a Antiguidade posso destacar que nesse período os conceitos de Amor e Paixão eram vistos sob a ótica da má influência dos princípios afetivos acerca da consciência. A razão era o único meio capaz de remover essa ingerência.

Tal concepção pode ser percebida em Platão quando este fala que a alma seria uma espécie de conjunto de aptidões seguindo uma hierarquia em que a ordem superior adviria da razão e esta seria a cúpula de todas as instâncias.

Em Aristóteles a ênfase das paixões são os estados de alma que vêm atrelados às sensações de prazer e de desprazer. Em último caso seriam os sentimentos que possuem suas raízes na retribuição ou desilusão do desejo. (*Páthos*) é o que move e impulsiona o homem para agir. As paixões humanas, ou emoções, afirma o estagirita¹³, “são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer” (ARISTOTELES, 2015, p.116).

As reflexões de Aristóteles a respeito das paixões humanas tiveram repercussão imensurável ao longo dos séculos e até hoje são retomadas por pesquisadores de várias áreas de estudo. Seus apontamentos sobre a referida temática orientam, direta ou indiretamente, inúmeras concepções em relação às emoções vindouras até hoje, experimentadas em diversos campos do saber. Como recorda Meyer (2000. p. XXXIX), citando Aristóteles, “as paixões estão intimamente associadas ao prazer e ao sofrimento – por conseguinte, ao apetite sensível, o qual é flutuante e por isso desestabiliza o homem”.

Conforme afirma Figueiredo (2018, p.9) as paixões compõem uma estrutura na qual estão inseridas inúmeras variações dos estados da alma do ser humano. Continuando esse tracejar de definições relacionadas às paixões, trago a classificação de Aristóteles, no que tange às 14 paixões apresentadas em sua obra *A Retórica*, explanação que será realizada mediante uma breve apresentação feita por FIGUEIREDO (2018, p. 9)

- Cólera: é um impulso de vingança, causado por injustificada negligência em relação ao outro ou aos que são seus queridos. Essa

¹³ Assim era chamado Aristóteles por ter nascido em Estagira, região da Macedônia.

paixão reequilibra a diferença causada pela insolência, pelo despeito e pelo desprezo. Consiste na tentação de causar desgosto ao outro. Tange, portanto, ao pessoal, a questões particulares entre sujeitos.

- Calma: é o contrário e talvez o antídoto da cólera. Configura o estado de apaziguamento após um tormento estrondoso e recria a simetria entre os sujeitos.

- Amor: é desejar para alguém aquelas coisas que você considera boas (desejando-as para o outro e não para si) e tentar, ao máximo, fazer com que elas ocorram. É, pois, o laço de identidade com o outro.

- Ódio: é dissociador. É a ânsia por querer causar mal ao outro. Diferentemente da cólera, o ódio diz respeito à inimizade em relação ao geral, às classes, não ao particular. Odeiam-se aos ladrões, malfeitores e carrascos: às classes, não aos sujeitos. Quem sente cólera quer que o causador de seu tormento sinta, em seu lugar, seu mal, enquanto quem sente ódio deseja que seu alvo desapareça.

- Temor: uma dor ou distúrbio decorrente da projeção de um mal iminente que tem caracterização destrutiva e penosa. É acompanhado de uma expectativa. Temem-se, assim, os maus que podem nos arruinar ou arruinar quem nos é querido.

- Confiança (segurança): é o oposto do medo. É acompanhada da esperança (antecipação) das coisas que levam à segurança como algo próximo, enquanto as causas do medo parecem inexistentes ou distantes.

- Vergonha: valoriza a imagem que o outro cria de nós; é dor ou perturbação em relação ao presente, passado ou futuro, que achamos que tenderá ao nosso descrédito de acordo com a visão de outrem. Caracteriza a inferioridade que sentimos em relação ao outro.

- Imprudência (desvergonha): também ocorre de acordo com a imagem que criam de nós, porém, essa concepção não nos traz dor alguma, pelo contrário, cria indiferença que anula qualquer possibilidade do desgosto. Deflagra a posição de superioridade em que nos colocamos em relação ao julgamento do outro.

- Favor (obsequiosidade): bondade desinteressada em fazer ou devolver o bem ao outro.

- Compaixão (piedade): sentimento de dor, considerado como sendo um mal destrutivo ou doloroso, que recai sobre quem não o merece. É despertada quando pensamos que nós mesmos ou alguém próximo a nós poderia sofrer tal mal, sobretudo, quando essa possibilidade parece real e alardeadora.

- Indignação: compreende uma dor ao avistar o destino de alguém que não o mereceu.

- Inveja: angústia perturbadora dirigida à boa sorte de um igual. A dor é sentida, não porque se deseja algo, mas porque as outras pessoas o têm. É relacionada ao sentimento de querer tirar, ou destruir, o que é de outrem.

- Emulação: relaciona-se ao movimento de imitação ao outro. Sentimento em relação aos bens ou conquistas de outrem, que consideramos desejáveis e que estão ao nosso alcance. É uma dor sentida, não porque as outras pessoas tenham tais bens, mas porque não os temos também, o que nos impele a querer possuí-los.

- Desprezo: antítese da emulação. As pessoas que estão em posição de serem imitadas tendem a sentir desprezo por aqueles que estão sujeitos a quaisquer males (defeitos e desvantagens). Assim, o

desprezo pressupõe que o outro não merece o que tem pelo fato de ser inferior ao seu destino.

Ao ler essas 14 paixões proferidas pelo estagirita, vejo pertinência em salientá-las na *performance* do torcedor do Paysandu que vai aos jogos. Elas podem estar presentes em todos os jogos, é muito indefinido o que vai acontecer durante as partidas, claro que se fosse contar com o desejo do torcedor só existiriam alegrias, vitórias, festa, mas cada partida é uma nova partida, tudo como do marco zero, cada jogo é uma nova oportunidade de se retificar os erros, e/ou fortalecer os acertos.

A cólera é latente quando o time do Paysandu, por algum deslize, perde, ou empata, principalmente dentro da Curuzu, ou também, quando no limiar da partida, o árbitro do jogo age levianamente e não marca, ou o contrário, marca indevidamente, uma falta, um pênalti, um impedimento; neste momento assoma o xingamento, como uma atitude de desprezo ao ato irregular. “Juiz ladrão por marcar falta inexistente” (Geferson Figueiredo, 2022). “Sim, apenas palavrões e xingando a mãe do juiz” (Vini Fagundes, 2022). “Isso é roubo, juiz esqueceu o cartão” (Katia Rodrigues, 2022). “[...] eu xingo e ao árbitro também, ainda mais quando ele não apita certo a partida. Geralmente os xingamentos não são pesados, estou dizendo por mim [...]” (Arthur Gonçalves, 2022). “Árbitro ladrão [...]” (Jaqueline Duarte, 2023). “Eu xingo e muito, principalmente o juiz, porque às vezes não marca o jogo como deveria” (Euriane do Rosário, 2023). “Eu costumo xingar na minha mente (risos) [...]” (Naiara Pires, 2023). “Ei, juiz, vai tomar no c(**) [...]” (Hugo Faro, 2023).

Em contrapartida, a calma se faz latente quando tudo ocorre como o torcedor previu, antecipadamente: o Paysandu ganhou, a torcida lotou o estádio, conquistados mais três pontos, o árbitro apitou de forma coerente e coesa; “sempre fui um torcedor tranquilo [...]” (Bragmar Santos, 2022).

Figura 14. Torcida do Paysandu



Fonte: Roberto Silva, 2022

O amor se dá na relação harmônica entre os torcedores e os jogadores quando tudo está correndo bem, são vitórias adquiridas, títulos conquistados, troféus levantados, “eu amo o Paysandu” (Maurilio Tavernad, 2022); “[...] é aquele amor que me tira do chão” (MEL RAMIREZ, 2022); eu, enquanto torcedora, direi, é um amor imensurável, que levo comigo por onde vou, em qualquer canto desse Brasil; demonstro esse sentimento vestindo meu manto (minha camisa) e carregando minha bandeira, como um estandarte.

A maior prova do meu amor pelo Paysandu foi casar carregando seu escudo bordado em meu vestido, feito com todo o carinho que uma noiva merece, além de tê-lo mandado gravar nas alianças, para compor o rito de passagem, meu e de meu esposo, da vida de solteiros a casados, pois ele (Paysandu), estará em nosso relacionamento, na vida de nossos filhos, em nossa casa; é um amor que se transferirá aos nossos descendentes, assim como o fizeram nossos pais e avós. O tema da festa do nosso casamento teve como temática o Paysandu, desde o convite até a toalha das mesas e cadeiras, decoração, topo do bolo, cor do bolo, tudo respirava as cores azul e branco.

Figura 15. Casamento de bicolores



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020.

O ódio se faz presente quando o Paysandu perde o jogo, principalmente se for para o maior rival, chega a ser uma humilhação, bem como quando é escamoteado de forma leviana, além, é claro, de ser rebaixado para série inferior à qual pertence, suscita o ódio maior nos torcedores: “você se revolta com a possibilidade do erro do árbitro prejudicar seu time e aos jogadores, pois você acaba o vendo como inimigo pessoal” (MEL RAMIREZ, 2022).

O maior receio do torcedor do Paysandu é a temível derrota, mas existem times, e times, para se perder, o que não se admite em hipótese alguma é a derrota para o rival, e o time que é o maior rival é o Remo. Perder um jogo para o Remo chega a ser uma desonra, principalmente, se o jogo vale um título, porque,

além da derrota, o torcedor vai ter que aceitar a encarnação¹⁴ depois do jogo e o resto da semana toda.

A confiança emerge a partir do momento em que o torcedor vê seu time com jogadas ensaiadas, uma defesa onde não passa nada, um centroavante participativo, um goleiro que agarra tudo, jogadores entrosados, um técnico que sabe mexer no time, todo esse conjunto harmônico resulta em conquistas de títulos, campeonatos, e faz com que a torcida cante vitória antes mesmo de rolar a bola, sejam marcados encontros, depois do jogo, com todos que compõem a torcida organizada, para desfilar pelas ruas, mostrando seu orgulho. E esse confiar é uma via de mão dupla, uma vez que os jogadores também se tornam mais confiantes a partir do apoio, incondicional, de todos os torcedores; assim o desempenho é cada vez mais elevado.

Figura 16. Torcida Organizada Terror Bicolor



Fonte: Grupo privado da Terror Bicolor no Facebook

A vergonha pulsa em meio à torcida, quando seu time perde para outro considerado inferior, como, por exemplo, no final de janeiro, quando começou o campeonato paraense de 2023 aqui na cidade de Belém, sendo que os três maiores times presentes na disputa são: Paysandu, Remo e Tuna Luso. Todos os demais são do interior do Pará: Águia de Marabá, Bragantino, Caeté, Cametá, Castanhal, Independente, Itupiranga, São Francisco e Tapajós. Abaixo mostrarei uma tabela com o desempenho de todos os times.

¹⁴ Enquanto gíria que significa zoar, tirar sarro com outra pessoa. [Dicionário Papa Xibé ArtePapa Xibé \(wordpress.com\)](https://dicionario.papa.xibe.com.br/encarnacao). [Acesso em 03 de março de 2023]

Tabela 2. da Classificação Geral do Campeonato Paraense 2023

Posição	Times	Jogos	Pontos	Vitórias	Empates	Derrotas	Gols pró	Gols sofridos	Saldo de gols	Aproveitamento
01°	Remo	05	15	05	00	00	12	05	07	100%
02°	Paysandu	05	12	04	00	01	09	04	05	80%
03°	Águia de Marabá	05	10	03	01	01	10	06	04	66,6%
04°	Cametá	05	08	02	02	01	07	07	00	53%
05°	Caeté	05	07	02	01	02	06	06	00	46,6%
06°	Bragantino	05	06	01	03	01	06	06	00	40%
07°	Castanhal	05	06	01	03	01	05	05	00	40%
08°	Tuna Luso	05	05	01	02	02	07	08	-01	33%
09°	Independente	05	04	00	04	01	06	08	-02	26,6%
10°	Tapajós	05	03	01	00	04	06	12	-06	20%
11°	São Francisco	05	03	01	00	04	03	06	-03	20%
12°	Itupiranga	05	02	00	02	03	04	08	-04	13,3%

Fonte: Globo esporte.com

No dia 04 de março de 2023, o Paysandu foi até Ipixuna do Pará, interior do estado, para fazer um jogo contra o time do Caeté, o qual faz parte dos times com pouco prestígio, e o pior aconteceu: o Paysandu perdeu de virada, além de perder a invencibilidade e ficar na vice-liderança, atrás apenas do maior rival, Remo.

Foi uma mega vergonha, primeiro por perder para um time dito “pequeno” que não vinha conseguindo vencer e estava precisando, portanto, de uma vitória, para respirar na tabela, e o Paysandu vai lá e dá de presente os três pontos e a vitória para o Caeté. Foi um jogo que suscitou em nós, torcedores, muita vergonha, por ter sido uma partida com poucas jogadas certas, muitos passes errados, pouca criatividade, jogadores pesados em campo, uma defesa completamente desestabilizada, além dos gols perdidos. Foi um verdadeiro desastre.

A imprudência ocorre quando o torcedor age agressivamente contra outro torcedor do time adversário, por motivos fúteis, ou porque a equipe rival conseguiu ganhar a partida, o campeonato, o título, e o agressor acredita que, atingindo fisicamente ao torcedor adversário, vai devolver a honra ao seu time por aquela derrota, e essas agressões, com o passar do tempo, se tornam ainda mais severas. Antes eram confrontos de pedras, paus, tijolos, hoje são armas brancas, rojões,

arma de fogo. Não importa as consequências, esses torcedores chegam ao extremo de ceifar a vida do torcedor rival, e utilizam termos como “abati o inimigo”, “perdeu”, entre outros, para se vangloriarem da “vitória” sobre o adversário.

Figura 17. Briga entre torcedores do Paysandu e Remo



Fonte: Diário online -DOL

Aristóteles utiliza o termo favor como uma bondade desinteressada; atualmente, seriam as ações solidárias, em que muitas torcidas organizadas do Paysandu se propõem a realizá-las com o intuito de doar alimentos, presentes, roupas para famílias carentes, além de comemorações como do dia das Crianças, do Natal, da Páscoa.

Os torcedores promovem um dia diferenciado às crianças, adolescentes, adultos, por isso costuma-se salientar a frase “é mais que futebol”, é amor, parceria, amizade, solidariedade, empatia.

Figura 18. Ação social, em homenagem ao Dia das Crianças realizada pela Torcida Organizada Papão Chopp



Fonte: Grupo Privado do Papão Chopp no Facebook

A compaixão também é latente entre os torcedores do Paysandu; as torcidas organizadas sempre promovem campanhas para estímulo à doação de sangue, além das correntes do bem, com o intuito de angariar recursos, em dinheiro ou cestas básicas, destinados a alguém que esteja precisando.

A mídia dá pouco destaque a essas ações promovidas pelas torcidas organizadas, mas quando é o contrário e estas se envolvem em brigas, confusões, discórdias, viram notícia, com destaque nos jornais escritos, na televisão, enfim, a controvérsia midiática.

Figura 19. Corrente do bem promovida pelas torcidas organizadas

Alberto Amorim sofreu um princípio de AVC, ficando impossibilitado de trabalhar como motorista e sustentar sua família. Solicitamos a ajuda de nossos amigos, que queiram entrar nessa corrente do bem, contribuindo com a doação de uma cesta básica ou doando pela chave pix: 91982708167 Alberto Amorim/NUBANK

DOE SANGUE E SALVE VIDAS
14 MARÇO

GRUPO DE AMIGOS DO PAYSANDU REALIZA DOAÇÃO DE SANGUE. VOCÊ TORCEDOR BICOLOR É CONVIDADO A PARTICIPAR DA NOSSA AÇÃO SOCIAL.

FUNDAÇÃO HEMOPA

SORTEIO DE BRINDES DAS 08 ÀS 15H

Tr. Pedro Estilique, 2109 - Batista Campos, Belém - PA

Fonte: Grupo privado da Terror Bicolor, do Instituto Raça Bicolor no Facebook

Nós, torcedores do Paysandu, sabemos bem o que é indignação: no dia 08 de setembro de 2019, nosso time foi afanado na cara dura pelo árbitro Leandro Vuaden; era uma disputa de acesso à série B no brasileirão da série C, a partida já estava no segundo tempo e nos acréscimos, o Paysandu ganhava de 2 a 1, quando Vuaden marcou um pênalti para o Náutico, o jogador Jean Carlos cobrou e fez o gol de empate, levando a decisão para os pênaltis, uma vez que o jogo em Pernambuco, na casa do Náutico, teve empate sem gols, e como houve novo empate, a decisão seria nas penalidades.

Após a cobrança do pênalti, Vuaden encerrou o segundo tempo, levando a partida para os pênaltis; no entanto, o time todo do Paysandu já havia se desconcentrado, por ser prejudicado da forma mais vil possível; resultado: Paysandu perdeu de 5 a 3 nas penalidades; com isso, restou apenas indignação, frustração, choro, revolta, sentimentos juntos e misturados.

Lembro como se fosse hoje, a indignação que nos restou em ver um time comemorar o acesso após ser privilegiado por um pênalti que não existiu, dentro de sua casa; estávamos ali, torcedores assistindo pela tv e alguns no estádio Eládio de Barros Carvalho, popularmente conhecido como Estádio dos Aflitos, por estar

localizado no bairro do Aflitos. Jogadores e o time todo sem ter o que fazer, apenas aplaudir o esforço do time bicolor, enxugar as lágrimas e voltar para casa (aqueles que foram pessoalmente assistir ao jogo), quem estava em casa era mudar o canal da tv e tentar esquecer aquela partida de futebol, mas, como esquecer? Para quem torce por um time, sabe que perder já é difícil aceitar, agora perder sendo duramente roubado, dói mais que um soco, uma rejeição, fazer uma tatuagem.

Jamais esqueceremos; fica passando na cabeça como um filme, porque era um acesso a série superior, e junto com ele imbricavam-se muitos anseios, desejos, sonhos, e todos caíram por terra, tudo por um ato sem caráter de um juiz leviano e perverso, até hoje não tem um torcedor que não aparente indignação ao ver tal árbitro apitando outros jogos, como bem explicitou Ricardo Gluck: “não foi um assalto, foi um latrocínio: além de nos roubar, nos matou” (entrevista concedida ao ESPN.com.br em 09 de set. de 2019).

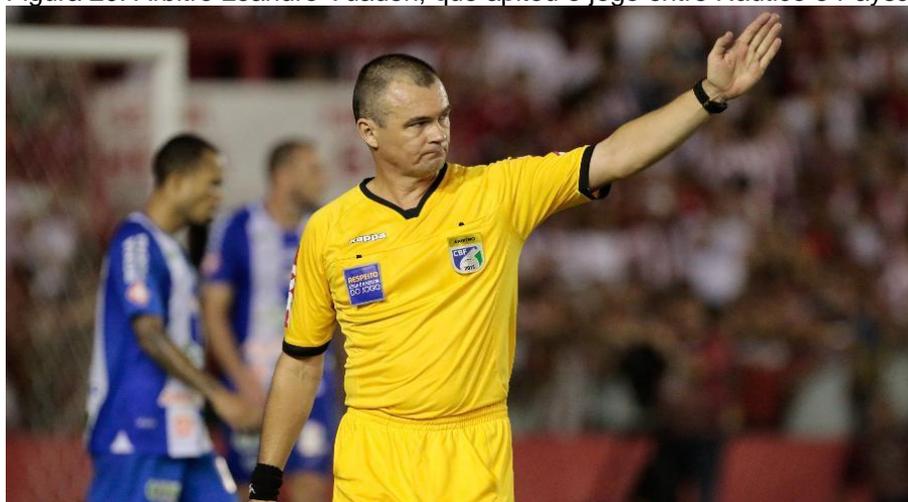
O presidente do clube à época, Ricardo Gluck, recorreu ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) com o pedido de impugnação da partida, a mídia, como um todo, ressaltou o pênalti marcado de forma equivocada, protocolou-se o pedido de impugnação com a seguinte explicação, por parte do presidente do Paysandu:

A fundamentação principal é que a gente entende que há um erro de direito. Você tem os erros de fato e os de direito. Nos de fato, cabe a interpretação: se a pessoa teve intenção de colocar mão na bola ou não, por exemplo. O de direito é quando não cabe interpretação. Você não pode bater um pênalti com a mão, por exemplo. Não tem interpretação, é uma questão clara. Na situação que houve, não existe nenhum elemento a favor do pênalti, todos são do não-pênalti. Ali não há o que interpretar. Ele marcou o pênalti ou por desconhecimento da regra, ou por outro motivo. (Ricardo GLUCK em entrevista concedida ao ESPN.com.br em 09 de set. de 2019)

O Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), em sessão realizada na tarde do dia 20 de setembro de 2019, na cidade do Rio de Janeiro, julgou improcedente, por unanimidade (7 votos a 0), o pedido de impugnação do jogo entre Náutico e Paysandu. Lógico que nós torcedores sabíamos que seria impossível julgarem procedente a solicitação do Paysandu, mas lá no fundo de nossos corações, acreditávamos que poderia acontecer um milagre a nosso favor, mas, como sabemos que o nosso time é da região Norte, os julgadores iriam fazer de tudo para não nos beneficiar, é claro.

No final, o que resultou para nós não foi como um pênalti, mas um gol marcado a favor do adversário. E, ao cabo de tudo, amargamos mais uma derrota, agora na Justiça Desportiva, além de termos de encarar as encarnações, não só pelo resultado do jogo, como do julgamento também.

Figura 20. Árbitro Leandro Vuaden, que apitou o jogo entre Náutico e Paysandu



Fonte: uol. com.br

A inveja aflorou em nossos corações de forma pulsante e dilacerante no dia 10 de janeiro de 2021, quando o nosso maior rival, Remo, conseguiu o acesso à série b, vencendo o duelo contra o nosso time por apenas 1 gol, além de ter se beneficiado com o empate de 1 a 1 entre Londrina e Ypiranga; tudo contribuiu para o retorno do rival à segundona, depois de 13 anos.

O gol aconteceu ainda no primeiro tempo, exatos 34 minutos de bola rolando, em uma cobrança de falta; o jogador Marlon rolou a bola para Gedoz (conhecido pelo apelido de gominho), este bateu a bola com forte intensidade, o goleiro Paulo Ricardo espalmou de forma equivocada para o meio da área e lá se encontrava o atacante Salatiel, completamente livre, sem nenhuma marcação, o qual empurrou a bola para o fundo da rede e, além de comemorar o gol, sagrou-se o herói da partida.

O Paysandu ainda tentou empatar, mas não passou da vontade, porque o futebol deixou muito a desejar e amargamos a derrota; ainda tínhamos a oportunidade de ter o acesso, exemplo de nosso rival, pois tínhamos mais um jogo seis dias após o REXPA e o resultado só dependeria do Paysandu, era só ganhar e correr para o abraço; enfrentaríamos o Ypiranga em Erechim, no Rio Grande do Sul,

no entanto, mais uma vez o Paysandu nos decepcionou e perdeu por um gol e nos fez invejar ainda mais o acesso do rival à segundona.

Figura 21. Paysandu 0 Remo 1 (Salatiel e Lucas Siqueira)



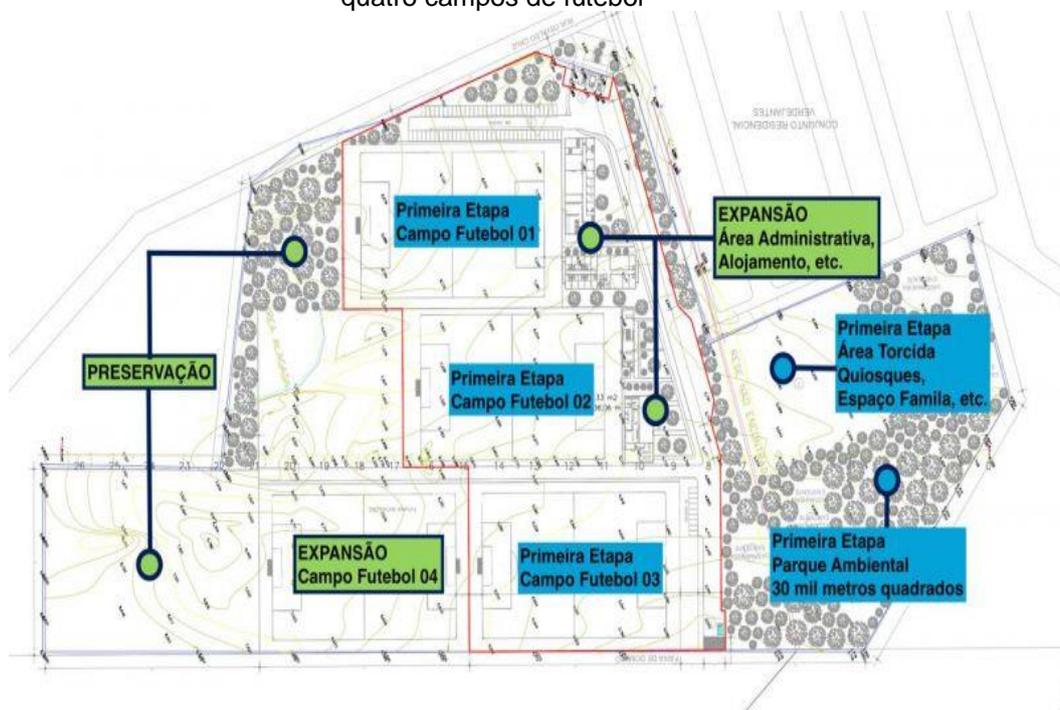
Fonte: <https://www.remo100porcento.com>

A emulação vigora até hoje. Quando pensávamos em ter um Centro de Treinamento (CT) inspirado no ninho do Urubu, por exemplo (seu CT é um dos mais modernos do Brasil: ele é utilizado tanto pela equipe de futebol profissional quanto pelas categorias de base). O sonho do CT começou a se tornar realidade em 2020, com o apoio financeiro dos torcedores, colaboradores e abnegados, e o mesmo está localizado no bairro de Águas Lindas, em Ananindeua. Aspiravam à construção de um Parque Ambiental, em um espaço de 30 mil metros de preservação. No entanto, o sonho está acabando, o CT foi penhorado pela justiça, como garantia de uma dívida contraída pelo Paysandu, durante a gestão do ex-presidente Luiz Omar Pinheiro, feita pelo diretor de futebol à época, “Louro”. Naquele período o Paysandu passava por uma grande crise financeira e vários abnegados tiraram do seu próprio bolso para ajudar nas despesas.

Ao final da Gestão de Pinheiro o Paysandu conseguiu o acesso à série b, mas houve uma nova eleição e a gestão da época não foi reeleita, sendo a nova presidência assumida pelo ex-jogador do Paysandu, Vandick Lima, que confessou a dívida após uma auditoria interna. Passado tempo, em 2018 o ex-diretor “Louro” procurou a presidência de Tony Couceiro para tratar do referido assunto; como não houve retorno positivo, o caso tornou-se ação judicial. O atual presidente Maurício Ettinger já admitiu o fato do processo e em entrevista concedida afirma que o Paysandu já entrou com recurso para o embargo da penhora e acredita que o

resultado favoreça ao time, apenas aguardar o tempo. E enquanto o tempo passa, vamos sonhando e nos inspirando no ninho do urubu.

Figura 22. Projeto final do Centro de Treinamento do Paysandu prevê a construção de quatro campos de futebol



Fonte: Paysandu.com.br

O desprezo é latente nas torcidas, infelizmente: em pleno ano de 2023, ainda presenciamos cenas de machismo, preconceito, misoginia, importunação sexual, homofobia, racismo dentro das torcidas, no mundo todo, constantemente; as mídias noticiam fatos envolvendo situações que denigrem a imagem de mulheres, negros, homossexuais.

A nível mundial, muitos jogadores que fazem parte de times europeus sofrem com atitudes preconceituosas; as mais comuns são: os racistas jogarem banana no campo e ainda imitarem os movimentos de um macaco.

A nível mundial e local não apenas os jogadores sofrem, mas os torcedores também, ou a torcida escolhe um jogador do time rival para discriminar, ou o fazem com os torcedores; essas situações acontecem, principalmente, entre torcidas rivais, como Flamengo e Fluminense, Palmeiras e Corinthians, aqui em Belém entre Remo e Paysandu.

Figura 23. Torcedor do River Plate arremessando banana contra os jogadores do Fortaleza



Fonte: Sportbuzz.uol.com.br

Figura 24. Torcedor imitando gesto de macaco para jogador



© David Klein/SportImage
Fonte: observatorioracialfutebo.com.br

Além das situações de preconceito racial, há aquelas contra as mulheres líderes de torcida, as mulheres presentes nas arquibancadas, os homossexuais, as mulheres árbitras e bandeirinhas. Aqui em Belém as líderes de torcida de Remo e Paysandu, respectivamente, “Azulinas” e “Bicolindas”, fizeram uma manifestação, em 2019, no clássico REXPA, na qual pediam mais respeito às mulheres que vão aos estádios; carregavam uma faixa com a frase “Respeite a Mulher onde ela

estiver”; mesmo assim o ato não impediu que os machistas presentes na torcida do Remo cantassem músicas com palavras que denegriam o público feminino.

De acordo com o levantamento realizado pela Kantar ibope no ano de 2022¹⁵, cujo enfoque são as mídias digitais, as mulheres representam cerca de 44% da base de fãs de futebol no Brasil; isso quer dizer que uma grande parte do público nos estádios é composta pelo sexo feminino, no entanto, o machismo ainda impera nas arquibancadas.

Infelizmente, poucos avanços ocorreram para atender as necessidades das mulheres nos estádios: o ambiente dos estádios paraenses ainda é direcionado à masculinidade; entretanto, o poder público tem tomado algumas medidas, a exemplo da Lei 9.622, que foi sancionada no Pará em junho de 2022, com o intuito de criar campanha permanente contra a importunação sexual nos estádios paraenses, a partir de orientações, além da garantia da presença de uma viatura policial exclusiva para o atendimento às mulheres, em dias de jogo.

As mudanças são lentas, mas, se forem colocadas em prática, tornarão os estádios um ambiente digno de nós, mulheres, podermos ir e vir sem sermos incomodadas, sem precisarmos da presença masculina para termos respeito; lugar de mulher é onde ela quiser, vestida do jeito que lhe agrada, da forma que lhe convém.

O desprezo sempre parte daquele que se acha superior ao outro; nos estádios é sempre a figura masculina, querendo ser superior. O negro é um ser humano que lutou e luta ao longo de toda história para ter o seu valor, é digno de estar presente em todo lugar, fazendo o que desejar sem ser diminuído; o racismo deveria ser julgado como um crime hediondo, assim teríamos a erradicação de tantas cenas absurdas de discriminação racial.

Para a homofobia, a Lei 10.948, de 2021, está aí para punir toda discriminação praticada contra homossexuais, bissexuais, transexuais, prevendo multa e reclusão de um a três anos. Basta de tanta intolerância; somos seres humanos, com pensamentos diferentes e é essa a beleza do mundo: podermos ser iguais e, ao mesmo tempo, diferentes, viva a liberdade, com zero preconceito!

Salientar essas 14 paixões aristotélicas, de forma sucinta, nos ajuda a compreender melhor as diversas nuances que transmudam o juízo do homem.

¹⁵ Disponível em observatorioracial.com.br

Trueba Atienza (2009, p.152 *apud* FIGUEIREDO, 2019, p.11) afirma que a partir das evidências deixadas no *corpus* Aristotélico, as paixões, ou emoções, são consideradas afecções psicofísicas que estão associadas às alterações fisiológicas que envolvem tanto as sensações de dor quanto de prazer. Tais alterações são estabelecidas tanto na alma quanto no corpo daquele que está submetido ao seus caprichos.

Cabe salientar o sentido de dor e prazer entendidos para além do campo psíquico, adentrando o sensorial. Os estados e processos cognitivos se manifestam a partir do desencadeamento dos sentidos de dor e prazer. Estando desencadeados os estados de dor e prazer, conseqüentemente manifestam-se os estados e processos cognitivos, o sentimento instaura um estado mental naquele que sente, assim, o sujeito começa a criar significações cognitivas, a partir de: sensações, ou percepções; impressões sensíveis, ou racionais; crenças, ou julgamentos.

A partir da manifestação desses processos, o sujeito, cujo juízo e corpo sofreram alterações passionais, é lançado a posições e determinações em relação ao mundo e à questão relacionada ao desencadeamento das paixões. Isso, por fim, gera os desejos ou impulsos que remetem ao movimento/ ação daquele sujeito em relação à problemática que alterou seu campo emocional em um nível psicofísico. (FIGUEREDO, 2000, p. 11)

O torcedor do Paysandu vive sua Paixão não só nos estádios, nas competições; esse viver dá-se em qualquer lugar, ou momento, como nos diz Aristóteles: “as paixões humanas, ou emoções, fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor ou prazer (Aristóteles, 2015, p.116).



Fonte: Grupo privado da Terror Bicolor no Facebook

É essa Paixão que faz o torcedor, e não é qualquer um, mas aquele que vai torcer pelo seu time no estádio, sair da sua casa sozinho, em grupo, com a família, amigos, vizinhos, torcida organizada (etc.). Ele, (torcedor), vai para o estádio em pleno domingo, 11h00 da manhã, para esperar a partida começar às 17h00. Pega chuva, sol, atola os pés na lama, ou o carro dá prego, come o churrasco compartilhado da dona Mariazinha.

Aquele que enfrenta fila, empurrões corre pela rampa para pegar o lugar com o melhor ângulo do campo, toma uma água para refrescar, ou tira a camisa para secar, após o “toró”¹⁶ de toda tarde, ou do dia inteiro, ou de todos os dias; essa é a nossa cidade das mangueiras, Belém do Pará, nossa terra morena.

Para aqueles que não amam futebol pode ser um absurdo, mas para o torcedor apaixonado isso é o mínimo a oferecer. Todos vestem seus “mantos sagrados”, ou vão mais além, realizam a conversão semiótica, como diria Paes Loureiro (2007), os sujeitos, objetos ou ideias se reorganizam e se configuram de outra maneira, ou situação cultural.

Figura 26. Torcedor do Paysandu em sua *performance*.

¹⁶ Chuva muito forte. Disponível em: [Dicionário Papa Xibé – Arte Papa Xibé \(wordpress.com\)](https://www.papaxibe.com.br/dicionario-papa-xibe/). [Acesso em 03 março de 2023]



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2019.

A principal cor da camisa do Paysandu é a listrada em azul e branco, mas com o passar do tempo surgiram novos designs, cores fazendo alusão à copa, aos países, a manifestações religiosas como o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, além de acessórios como bonés, cabeças de lobo, cocares de pena. Suas bandeiras tremulam na brisa leve e quente da tarde de domingo, em Belém do Pará; refiro-me ao domingo, por ser o dia em que todos vão a campo, uma vez que, durante a semana, torna-se mais inviável o comparecimento do torcedor, devido a escola, trabalho, faculdade.

Falar do Paysandu é sentir um arrepio na espinha, é deixar cair uma lágrima, é lembrar da euforia das conquistas, e da tristeza das derrotas, é lembrar do mosaico feito por todas as mãos unidas por um único objetivo: ser o décimo segundo jogador em campo.

Em dias de clássico, quando acontece a disputa entre as duas maiores torcidas rivais, nos jogos entre Remo e Paysandu, a emoção é diferente; nós, torcedores, vamos a campo com um único objetivo: vencer o rival. Tudo é diferente, desde a entrada; jamais esquecerei meu primeiro clássico, lembro-me como hoje da muvuca para entrar, do aperto, todos querendo entrar e a hora já se tornava nossa inimiga, ela não só passava rápido como voava, e milhares de pessoas desejando entrar ao mesmo tempo. Comigo não foi diferente, estava na companhia de meu primo Gilmar Filho, e meu irmão, Welber Coutinho, este entrou pelo portão dos sócios torcedores, lugar mais tranquilo e sossegado.

Meu primo e eu, que não somos sócios, passamos por um “tornado” de pessoas. No meio da agitação, entra a polícia, com a cavalaria, e aciona o temido spray de pimenta; jamais esquecerei aquela sensação de ar faltando, peito apertando, narinas fechando, minha bandeira, pendurada em meu pescoço, ficou presa em outra pessoa, causando, quase, meu engasgo, não fosse meu primo, me protegendo, creio que seria muito pior; aqueles minutos pareceram horas, mas chegamos à catraca de entrada, e o ar começou a ficar mais ameno, o coração desacelerando, e enfim, conseguimos entrar; lá, esquecemos toda a agonia e a euforia do jogo nos embestia de entusiasmo. Muitos poderiam perguntar: valeu a pena? Eu responderia citando Fernando Pessoa (1959) “tudo vale a pena se a alma não é pequena. Quem quer passar além do bojador tem que passar além da dor”.

Aqueles que pertencem a torcidas ditas organizadas precisam chegar antes de todo mundo, para pendurar suas faixas e mostrar, aos jogadores em campo, que eles se fazem presentes e estão ali incentivando, apoiando, mas também cobrando, criticando, as vezes xingando, porque ninguém é de ferro. Na arquibancada, ou nas cadeiras, é a dança das mãos, dos braços, dos gestos de aprovação e desaprovação de algum lance, de uma falta, de um cartão, de uma briga. O corpo singular é um corpo coletivo, como diria Le Breton (2009), esse corpo coletivo é um corpo alterado pelas sensações, emoções, êxtase, euforia.

Aflora a noção de “intercorporeidade” de Merleau-Ponty (2002) na qual o corpo, o gestual e a expressividade são intentos que implicam o jogo constante das interações, espelhamento e permanência do outro. O incentivo chega em ritmo de funk, samba, marchinha, brega, o hino não oficial; as torcidas organizadas criam suas próprias músicas para tatuar na memória de cada membro pertencente à mesma.

As ações do corpo alterado do torcedor se ativam a partir do ajuntamento da torcida e reverberam, de uma ponta a outra do estádio, como se fossem um tsunami de movimentos; assim começa o ritual de incentivo do torcedor da fiel; o jogo começa e é um misto de emoções: o sentar dá lugar ao movimento em riste, de pé, para observar cada lance, questionar um passe errado, reclamar da posição deste, ou daquele jogador.

A torcida fiel é a decifradora das jogadas, sabe quando o time está mal, ou está bem, cobra providências, porque está incentivando não só nos estádios, mas, em muitos casos, sendo sócio torcedor, pagando um valor estimado para ajudar o

Paysandu na melhoria do gramado, cadeiras, arquibancada, banheiros de sua segunda “casa”, a Curuzu. Este, é aquele torcedor que chora nas derrotas e também nas vitórias e conquistas de títulos; é aquele que sai do estádio para comemorar pós-jogo e que, independente do resultado, apoia, incondicionalmente, porque estamos falando não só de futebol, mas de sentimentos, emoções, pertença, laços que unem indivíduos desconhecidos em um único propósito: gritar gol e cantar, como na música, “ quero, gritar Campeão...”

Como bem afirma Franco Júnior (2007), o fenômeno do “torcer” está conectado aos aspectos da vida real em instâncias políticas, econômicas, históricas e religiosas. Toledo (2010) salienta que o torcer integra um universo de experimentações que passam por inúmeras instabilidades, pois somos seres em constante mutação, crises, sentimentos, em um momento mais apaixonados, mais fanáticos, em outros amortizamos as paixões, e depois voltamos novamente a nos apaixonar, criamos rivalidades, se o time perde, prometemos nunca mais torcer, para, em outro instante, reavivar ainda mais a paixão pelo time, são infimas situações.

3.1 Domingo de Payxão

Em pleno domingo de Páscoa, no dia 09 de abril de 2023, às 17h00, estava marcado o terceiro REXPA do ano, o septingentésimo sexagésimo nono (769) clássico, pela oitava rodada do Campeonato Paraense. O clássico também foi um marco em mais uma disputa entre os dois times, uma vez que foi a data elencada para a reinauguração do estádio Mangueirão.

Mas antes de chegar ao palco do espetáculo é imprescindível destacar a preparação que todo torcedor faz antes de se dirigir ao destino elencado para aquele dia. Enfatizo que tal rito de preparação é mais salutar nas mulheres, já que tornam todo acontecimento um espetáculo, e este começa dentro de casa com a escolha do manto ao qual irá vestir. Como bem define Terrin (2004, p.19) “coloca ordem, classifica, estabelece as prioridades, dá o sentido do que é importante [...]”.

E a prioridade deste momento é o arrumar-se para ver a “Payxão” em campo, a primeira escolha é o “manto” o que vestir. Como é de costume, em clássicos a cor prioritária é o azul e branco, então está é a cor elencada do manto, mas você, leitor, poderia me perguntar: quais são as outras cores da camisa do

Paysandu? Eu lhe responderei: a cada ano a diretoria lança uma nova coleção, fazendo alusão a uma data importante, uma conquista, um país; abaixo, mostrarei a imagem das camisas/“manto”, e ao que ela remete.

As camisa, ou manto, como nós torcedores costumamos chamar, corresponde aos uniformes adotados pelo time do Paysandu. O uniforme é considerado um dos maiores símbolos que todo clube tem, seu surgimento está ligado a razões práticas.

Cabe falar sobre a introdução do uso do uniforme, que ocorreu no ano 1870, na Inglaterra, durante a primeira final da Copa, na qual se enfrentavam o Wanderers, vestindo rosa, preto e um vermelho escuro, e seu adversário, o Royal Engineers, vestindo vermelho escuro e camisas azuis. Cabe salientar que neste período o futebol era, predominantemente, jogado por homens da classe alta até a baixa aristocracia, uma vez que era preciso ter condições financeiras para comprar a camisa, no alfaiate, com as cores do time no qual se jogava. Tal fato fazia com que a maioria dos times optassem pelo branco, por ser mais em conta e de fácil acesso.

Já na Escócia, em 1870 o futebol se veiculava entre a classe trabalhadora e a introdução do uniforme já tinha um cunho mais político; o Queen's Park F. Club, que até hoje existe, foi quem emprestou suas camisas azuis para a seleção da Escócia enfrentar a Inglaterra, no ano de 1873, que marcou o primeiro jogo entre seleções na História.

Cabe destacar os fatores que levaram à criação do uniforme, com a mudança das regras do jogo: até o final do século XIX a regra era clara, o jogador com a bola nos pés tinha que passar a bola para trás, uma vez que aquele jogador que estivesse à frente da linha aonde a bola estava, conseqüentemente, estaria impedido; com a mudança da regra houve a permissão de passes com a bola rolando para a frente do jogador, com isso, os jogadores precisariam estar com cores bem definidas em cada time, já que a bola passou a ser lançada a distâncias muito maiores, e assim o importante era permitir ao jogador distinguir a cor da camisa de seu time e do adversário.

Esse ponto seria um fator contextual, mas há também o econômico, pois, camisas multicoloridas são muito mais caras, e nessa época os próprios jogadores compravam seus uniformes, portanto, quanto mais colorida fosse a camisa, mas verba para gastar. Tornou-se comum o uso de camisas nas cores azul marinho, vermelho, marrom, verde, raramente o branco, acontecia também de ter uniformes

listrados com duas cores, que era considerado algo mais simples para ser feito naquela época.

O fator econômico juntar-se-ia com o prático, o impulso do profissionalismo, com a formação da Football League na Inglaterra em 1888, levou os times a começarem a cobrar ingressos dos então torcedores, com isso tornava-se mais importante que os espectadores nos estádios conseguissem distinguir bem os dois times, assim, as cores dos uniformes das equipes tinham que contrastar umas às outras. Com o profissionalismo, os uniformes passaram a ser comprados pelo próprio time, que para gastar o menos possível, reforçou o uso de uniformes mais simples, com cores mais básicas e o predomínio de uma única cor.

Os uniformes então passaram a ser parte integrante dos times, eram registrados na liga para determinar as cores de cada um e impedir uniformes idênticos, cabendo destacar que, até o surgimento da segunda divisão, na Inglaterra, cada time era considerado “dono” de uma cor.

Após a criação da segunda divisão passou a ser obrigatoriedade o time possuir camisa branca de reserva, para ser usada no caso em que a cor da camisa da equipe adversária fosse muito parecida com a sua. É importante frisar que só houve alteração dessa premissa com o passar do tempo e se estabeleceu que o time que estivesse jogando em casa usaria seu uniforme principal.

E assim os uniformes passaram a fazer parte da regra do jogo, e não um elemento apenas para diferenciar as cores dos times. Os criadores dos uniformes jamais imaginariam que sua criação impulsionaria uma indústria bilionária que influenciaria a vida das pessoas em seu cotidiano, e tomaria espaços para além dos gramados.

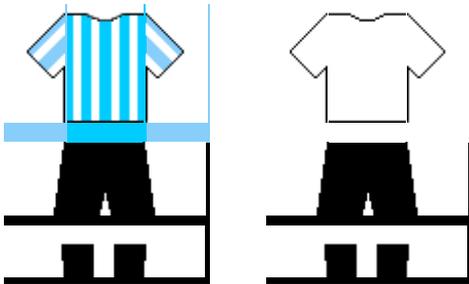
O primeiro time a praticar o futebol no Brasil foi o Clube Atlético São Paulo, originalmente, São Paulo *Athletic Club* (SPAC), um clube desportivo da cidade de São Paulo, fundado em 13 de maio de 1888. Existente até hoje, mantém uma sede social, uma equipe de *rugby* (esta é considerada uma das mais importantes no país). É considerado o primeiro time a praticar futebol no país, quando iniciou suas atividades, em 1895.

Teve nada menos que a presença de um dos sócios mais ilustre da época, Charles Miller, que em abril de 1895 organizou, junto com seus colegas do SPAC o primeiro jogo “oficial” de futebol, que foi disputado entre as equipes de funcionários da São Paulo Railway Company, (SPR) e a equipe dos funcionários da São Paulo

Gaz Company, a qual era fornecedora de gás da capital; o resultado foi favorável ao SPR, que ganhou de 4 a 2, com dois gols de Charles Miller. Considera-se esse jogo a semente que possibilitou ao SPAC o primeiro tricampeonato da Liga Paulista de Futebol; também foi o precursor da Liga Paulista de Futebol em 1902, 1903, 1904.

O uniforme considerado titular do SPAC era composto de camisa com listras verticais brancas e celeste, calção e meias pretas. A cor da camisa do SPAC e do Paysandu é uma feliz coincidência.

Figura 27. Uniforme do São Paulo *Athletic Club*

Nome	São Paulo Athletic Club
Alcunhas	<i>Clube dos Ingleses</i>
Fundação	<u>25 de Abril de 1895</u>
Estádio	Praça de Esportes Charles Miller
Competição	<u>Campeonato Paulista</u>
	
Uniforme titular	Uniforme alternativo

Fonte: Wikipedia.org

O uniforme é a identidade do jogador em campo, identifica a qual time o mesmo pertence e vai defender durante a partida; nas arquibancadas é o passaporte de entrada do torcedor na área reservada para o seu time, no espaço demarcado pela torcida uniformizada.

A escolha do manto ao qual vestir, é distinta para os sexos: para o homem é de modo bem simples, escolheu a camisa, colocou uma bermuda e as havaianas,

está pronto! Já a mulher, precisa combinar os acessórios: sandálias havaianas ou tênis, a maquiagem, que jamais pode faltar, brincos, relógio e pulseiras, adornos da cabeça em formato de lobo, ou cocas de índios, boné ou touca, tudo merece ser escolhido com carinho e dedicação, nada é colocado por acaso e toda essa produção é enfatizada por 92,68% da mulheres entrevistadas.

Figura 28. Camisa e acessórios da Torcida Feminina Apayxonadas PSC para o REXPA



Fonte: Nayra Silva, 2023

Essa longa explicação é imprescindível para você, leitor, entender que nada que se vê nos estádios é aleatório, tudo tem uma explicação plausível. Vamos voltar para a sequência de preparação para o jogo.

Domingo de jogo já começa diferente; o torcedor desperta com o time na cabeça e com a dúvida: qual vai ser o placar? Quem fará gol? Ou não consegue nem dormir, pensando apenas no jogo.

O primeiro momento já citei, anteriormente; se dá com a escolha do “manto” que se vestirá, pois este deve “conversar” com o uniforme dos jogadores, uma vez

que a cor principal do time é azul e branco, e, normalmente, em clássicos é a cor solicitada; na verdade, cabe frisar que, desde o dia 13 de março de 2013, a diretoria do Paysandu começou uma campanha para o torcedor vestir a camisa do clube, que é azul e branca, como uma forma de salientar a identidade do torcedor, como o próprio nome diz, bicolor: duas cores.

Seguindo esta lógica, escolhi vestir o manto oficial em azul e branco, da temporada de 2019: short jeans, tênis verde com rosa, lilás e preto, meia rosa, batom vermelho e trança lateral, que é minha marca registrada; não é a toa que meus alunos me chamam de Frozen.

Além da minha pochete, para muitos pode parecer brega, mas eu super amo, primeiro, por ser de fácil manuseio, segundo pela praticidade, terceiro porque nela posso colocar a chave do carro, o celular, um batom, papel higiênico (item imprescindível), o descongestionante nasal (para uma alérgica é o item mais importante da pochete), um pente pequeno, pois uma paraense raiz sabe que aos domingos ou chove o dia inteiro, ou chove a tarde toda e meus cabelos finos, depois da chuva, ficam mega atrapalhados e parecendo um macarrão escorrido; no entanto, neste dia, acabei esquecendo esse item e tive que aguentar o cabelo atrapalhado, mas a trança ajudava a disfarçar.

Figura 29. Look para o jogo



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2023

Esse jogo teve um sentido todo especial, para mim, enquanto torcedora, já que ele é meu retorno às arquibancadas, depois de quase 4 anos, pós-pandemia, pós-gravidez, segundo por ser o jogo em que a presença se faz mais latente, não apenas da apaixonada torcedora, mas também da pesquisadora, sentimentos todos juntos e misturados, trazendo uma sensação semelhante à da primeira vez em que fui ao estádio: o frio na barriga, o nervosismo, a tensão, a agonia de querer chegar e encontrar uma boa vaga, já pensando em um lugar estratégico para a muvuca da saída. Mas, enquanto isso, vamos voltar à preparação.

Depois que a gente se torna mãe, tudo fica para segundo plano, a prioridade são os filhos; no meu caso, meus trigêmeos: precisei servir o almoço deles, e esperá-los dormir, em seguida apenas beliscar o almoço, umas três colheradas de panqueca, macarrão e feijão, um copo de água, foi só o tempo deles dormirem, os coloquei na cama, dei um beijo no marido, peguei a chave do carro chamei meu irmão é pé na estrada, rumo ao colosso do Pará, o Mangueirão, às 13h30 da tarde;

chegamos ao estádio às 14h00, o jogo começaria às 17h00.

Meu retorno foi mais que aguardado e, claro, não poderia deixar de fazer minha etnografia em um REXPA. Todos os jogos são únicos, mas um Remo e Paysandu tem um gosto a mais: é rivalidade, é história, são números a serem somados, em mais um encontro dos maiores rivais, é o sentimento latejante pairando no ar, é como adentrar no campo de guerra e ir para o confronto: é morrer ou viver. Para você, leitor, pode parecer um exagero, mas, para um torcedor, não é.

Além do confronto com o “inimigo” (corro até o risco de parecer grosseira, mas é como vemos), o lugar também marca esse dia, pois é o Estádio que depois de 45 anos é reinaugurado; muitos, como eu, nem haviam nascido quando o Mangueirão foi inaugurado, e agora tínhamos a oportunidade ímpar de participar desse evento de reabertura para, no futuro, podermos contar aos nossos descendentes como foi esse dia em nossas vidas e na trajetória de nosso time de coração.

É importante salientar que o Estádio Olímpico do Pará - Jornalista Edgar Proença, o Mangueirão, passou dois anos em reforma; o “novo” estádio se tornou referência, enquanto complexo esportivo; um dos fatores para tal é o fato de o mesmo contemplar iniciativas de sustentabilidade, como o uso de placas fotovoltaicas e o uso de sistema de coleta de água da chuva, além de possuir uma usina de esgoto e tratamento de fluentes, isto é, toda a água utilizada é tratada e, posteriormente, devolvida ao meio ambiente, garantindo a sustentabilidade¹⁷.

Outro fator que torna o Mangueirão um estádio diferenciado, hoje, são as medidas tomadas para garantir a inclusão: mediante um projeto intersetorial desenvolvido pela Secretaria de Estado de Saúde (SESPA), pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) terão espaço de acomodação sensorial, para garantir que elas tenham certo conforto durante os eventos que acontecerem no estádio; com isso, evita-se estresse em crianças, adultos e idosos diagnosticados com TEA.

Cabe destacar, também, que a nova estruturação do estádio elevou a segurança e o conforto: hoje a capacidade é de 50 mil torcedores. Com novas rampas de acesso, elevadores, cabines de transmissão, camarotes, banheiros,

¹⁷ Disponível em: <http://semas.pa.gov.br/2023/04/05/novo-mangueirao-vira-referencia-de-complexo-esportivosustentavel/#:~:text=O%20Novo%20Mangueirão%20contempla%20iniciativas,que%20prese rvam%20o%20meio%20ambiente.> [Acesso em 18 de abril de 2023]

restaurante, coberturas, placares, sistema de sonorização e iluminação cênica, controle de acesso, substituição da pista de atletismo, área externa refeita, projeto de sustentabilidade, acomodações novas para atletas, postos policiais, recuperação da estrutura, câmeras que possuem reconhecimento facial, além da ampliação de cadeiras, com substituição dos assentos por poltronas retráteis¹⁸.

Figura 30. Estádio Olímpico do Pará e a nova fachada



Fonte: Rodrigo Pinheiro/Ag.Pará.

Como torcedora e frequentadora de jogos no Mangueirão, confesso que ocorreu um avanço enorme, mas isso não quer dizer que está perfeito. Tem muitas falhas e estas são gritantes, em relação às cadeiras que hoje substituem os assentos, tornaram o espaço muito menor, tão pequeno que para se deslocar do lugar onde se está sentado e sair de sua cadeira as pessoas ao longo da fileira da

¹⁸ <https://www.agenciapara.com.br/noticia/42774/governo-do-para-entrega-hoje-o-novo-mangueirao-ao-torcedor-paraense>

arquibancada precisam se levantar e, de acordo com o porte físico da pessoa o aperto é maior e isso causa um certo desconforto; é equiparado ao corredor do avião: pessoas corpulentas se sentem muito mais constrangidas por terem que se locomover em um espaço tão ínfimo. Eu, que sou magra, me sentia incomodada toda vez que alguém se levantava e desejava passar por mim.

Outro ponto que destaco é o banheiro, melhorou 98%, hoje tem espelhos, iluminação, portas, pias e torneiras perfeitas e funcionando, no entanto, o papel higiênico, item primordial para as torcedoras femininas, não se encontra no lugar. E um pouco de água no chão também foi bem incômodo, penso que deveriam deixar uma pessoa para fazer a limpeza de hora em hora, já que o preço que se paga na compra dos ingressos não é barato.

Em relação à área de lanche, ficou perfeita, tudo está limpo, as pessoas de luvas, toucas, máscaras, lugar ficou iluminado, a presença de mulheres e homens vendendo os lanches foi essencial. Bem como a segurança que ficou 100% melhor, a presença da Delegacia da Mulher durante os jogos, possibilitando a nós mulheres um conforto imensurável; enquanto torcedora mulher digo, com toda propriedade, nós mulheres podemos ir aos jogos no Mangueirão sem medo, agora. Tanto é que no jogo da Copa Verde, ao qual fui pela primeira vez na companhia de uma mulher, que é minha orientadora e amiga, não tivemos nenhum fato importuno, incômodo; nesse ponto o Mangueirão está nota 1000.

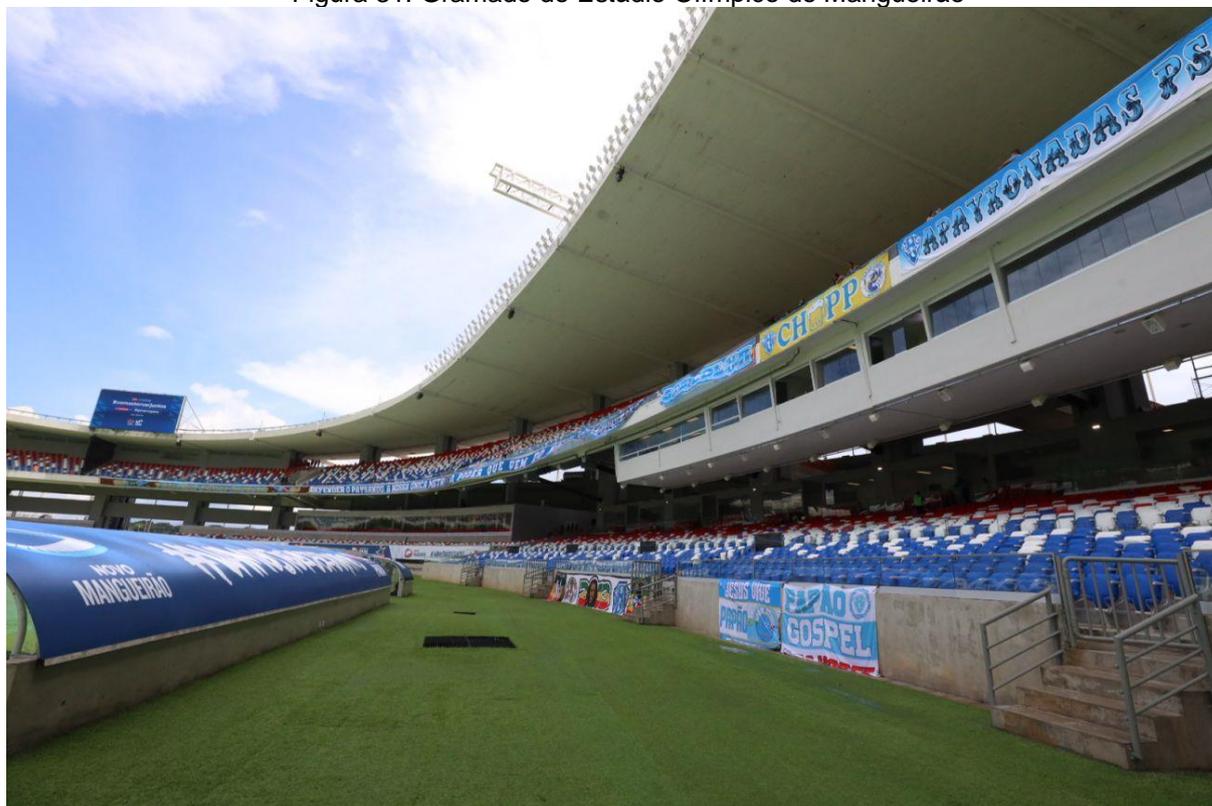
Destaco, também, a imprescindível mudança no tapete verde, perceptível e presente no relato do engenheiro agrônomo do estádio e ex-jogador de futebol, hoje o responsável pelo gramado do Mangueirão, é muito marcante quando este, em entrevista, fala a respeito desta reabertura.

Realmente, agora podemos considerar a história antes e depois do Novo Mangueirão. Eu, que joguei na estreia oficial do estádio, em 1978, nunca vou esquecer aquele jogo. Hoje o nosso gramado não deve nada ao de Maracanã, Morumbi e até a estádios da Copa do Qatar. Foi empregada toda a tecnologia possível aqui (...) (ex-jogador Raimundo Nonato Mesquita¹⁹ em entrevista à Agência Pará, em 09/04/2023)

¹⁹ Autor de dois gols do placar de 4x0 da Seleção Paraense contra a Seleção do Uruguai, durante a partida oficial de inauguração do estádio há 45 anos, no ano de 1978. Disponível em: <https://www.agenciapara.com.br/noticia/42774/governo-do-para-entrega-hoje-o-novo-mangueirao-ao-torcedor-paraense>

O destaque ao campo se dá por ter sido elencado em uma das etapas de modernização, priorizada na reforma do Mangueirão, e feita pelo Governo do estado do Pará, por intermédio da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Obras Públicas (SEDOP), e que hoje segue as diretrizes regidas pela Federação Internacional de Futebol (Fifa).

Figura 31. Gramado do Estádio Olímpico do Mangueirão



Fonte: Davis Alves/Ag. Pará, 2023

Friso outro ponto, de relevância imensurável, que ocorreu durante o REXPA de reinauguração: a Polícia Civil, em parceria com a Secretaria de Estado de Segurança Pública (Segup) realizaram a Campanha contra a Importunação Sexual nos Estádios; esta já havia sido lançada na Curuzu e no Baenão. Aproximadamente 35 agentes de segurança foram escalados para atuar na Delegacia do torcedor e orientarem os torcedores sobre a Campanha que objetiva a sensibilização de

torcedores sobre comportamentos que caracterizem o crime de Importunação sexual.

O Mangueirão é o principal estádio do futebol paraense. Trazer a campanha para cá, em um jogo como esse, aumenta a quantidade de pessoas que conseguimos orientar sobre o crime e encorajar para a denúncia, que pode ser feita na Delegacia da Mulher, montada no estádio para os dias de jogos. (Delegada Ariane Melo, titular da Diretoria de Atendimento à Vulneráveis (DAV) para Agência Pará em 09 de abril de 2023).

Figura 32. Agentes de segurança que trabalharam na Delegacia do torcedor dentro do Estádio Olímpico Mangueirão



Fonte: AgenciaPara.com.br

É importante enfatizar que o espaço da Delegacia foi implementado mediante parceria entre a Secretaria de Estado de Esporte e Lazer (Seel), a Polícia Civil e a Secretaria de Estado de Mulheres (Semu) com o intuito de possibilitar às mulheres usufruírem de um ambiente seguro, seja enquanto lazer, atividade ou labuta. A orientação dada é que qualquer mulher que sofra importunação ou assédio seja direcionada, de imediato, para denunciar o sujeito agressor. Felizmente, nesse REXPA, não houve registro de nenhum caso. Mas a Polícia reforça a importância de

se fazer a denúncia de qualquer um desses crimes, na região Metropolitana, nas Delegacias da Mulher, de Belém, Ananindeua, Icoaraci; mas pode ser feita em qualquer unidade policial.

Retornando ao acesso dos torcedores ao Estádio, chegar ao estacionamento, não quer dizer já adentrar no Colosso, a tradição mandava passar minutos ou até horas batendo papo, embaixo de gazebo, consumindo bebidas alcoólicas ou não, ouvindo aquele funk ou brega, reunindo a torcida organizada, as famílias, amigos; hoje, com a reforma, é proibido o som alto, e a famosa venda de comidas, mais conhecida como os espetinhos de gato.

Na verdade, as vendas foram remanejadas para a lateral direita de quem acessa o estacionamento, uma vez que eram muitas barracas, carrinhos, mesas, que ocupavam quase metade das vagas para os veículos; ainda é permitido que se leve cooler térmico ou caixa térmica com bebidas e/ou comidas, pois é proibido a entrada no Estádio com qualquer bebida, garrafa, copo.

Segundo a Secretaria de Estado de Segurança Pública e Defesa Social (Segup), houve a necessidade de ordenamento dos vendedores ambulantes em áreas delimitadas, demarcação esta que foi definida em comum acordo com a Associação dos Vendedores Ambulantes internos e externos do Manguirão, e, no espaço, acomodaram 100 ambulantes para o lado do Paysandu e para o lado do Remo. Assim como houve a proibição de montagem de barracas, e estacionamento de veículos no anel viário do Manguirão, a justificativa é o melhor acomodamento do público para assistir aos jogos, assim o trânsito flui normalmente e a chegada ao estádio se mantém segura e sem demora.

Figura 33. Maria dos Santos, vendedora há mais de 30 anos, no Manguirão



Fonte: Ascom/Seurb, 2023

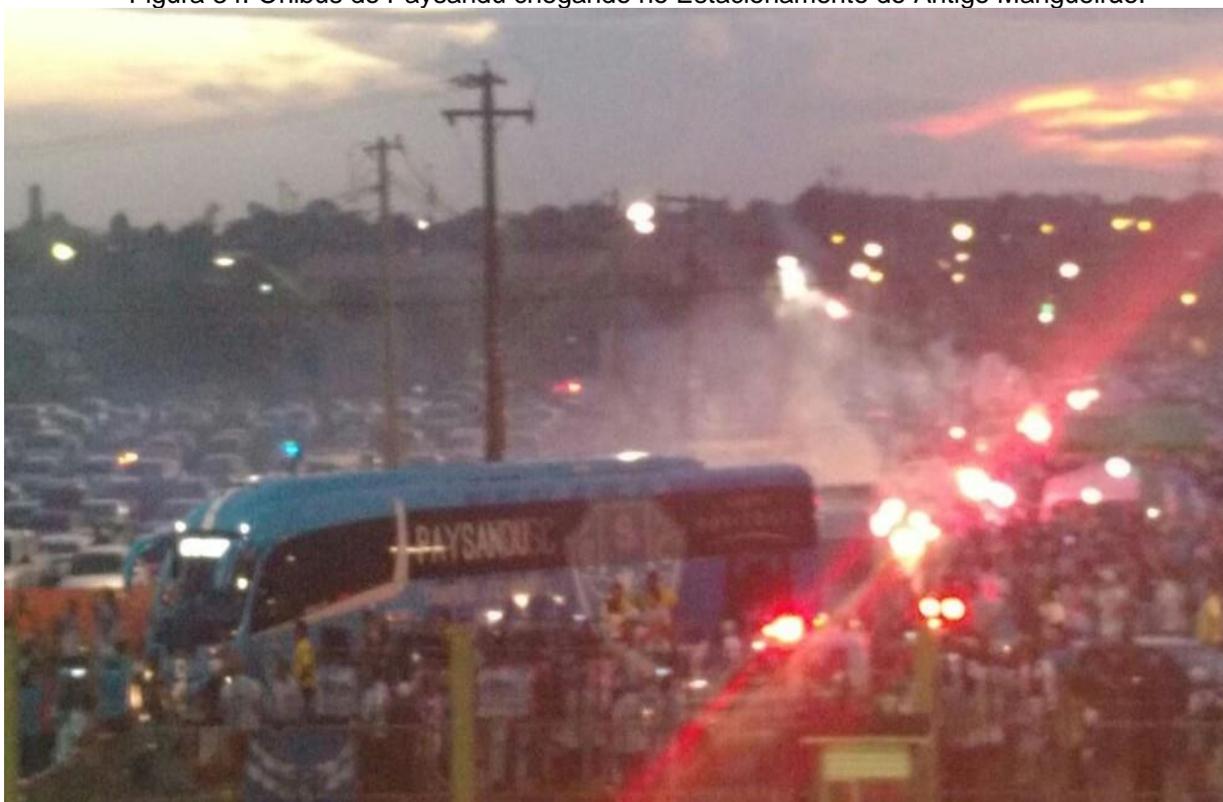
Na teoria tudo é lindo, mas na prática é bem desgastante, os organizadores não conseguiram fazer uma organização externa de verdade. Para acesso ao estacionamento se formam longas filas, o ticket se compra nas lojas oficiais do Clube do Remo e do Paysandu, ou digitalmente, pelo site ingressosa.com. Mas no dia do jogo, centenas de carros chegam ao mesmo tempo, e entra quem tem o ticket, mas quem não tem também entra, porque consegue comprar na hora.

Eu, no dia do REXPA, inclusive, não comprei o ticket, antecipadamente, uma vez que meu esposo e meu irmão esqueceram-se de adquirir; consegui entrar e pagar com uma das pessoas responsáveis pelo recebimento e venda do mesmo, mas para isso cheguei três horas antes do início do jogo, e esse é um ponto relevante para se conseguir uma vaga no estacionamento; por exemplo, já no jogo do dia 17 de Maio, em que o Paysandu enfrentou o Goiás, não fui dirigindo, pois um dos meus padrinhos de casamento, Sidivaldo Farias, me levou até o Mangueirão, assim não precisei comprar o ticket; cheguei junto com minha orientadora só que bem tarde, só faltavam 15 minutos para o início da partida e descemos do carro ainda distantes da calçada de acesso às catracas digitais, por estar muito engarrafado. Descemos um pouco longe e fomos caminhando em direção à entrada, e ouvi várias pessoas reclamando que adquiriram o ticket e não conseguiram vaga

para estacionar, portanto, dinheiro jogado fora, o torcedor fica à mercê da própria sorte.

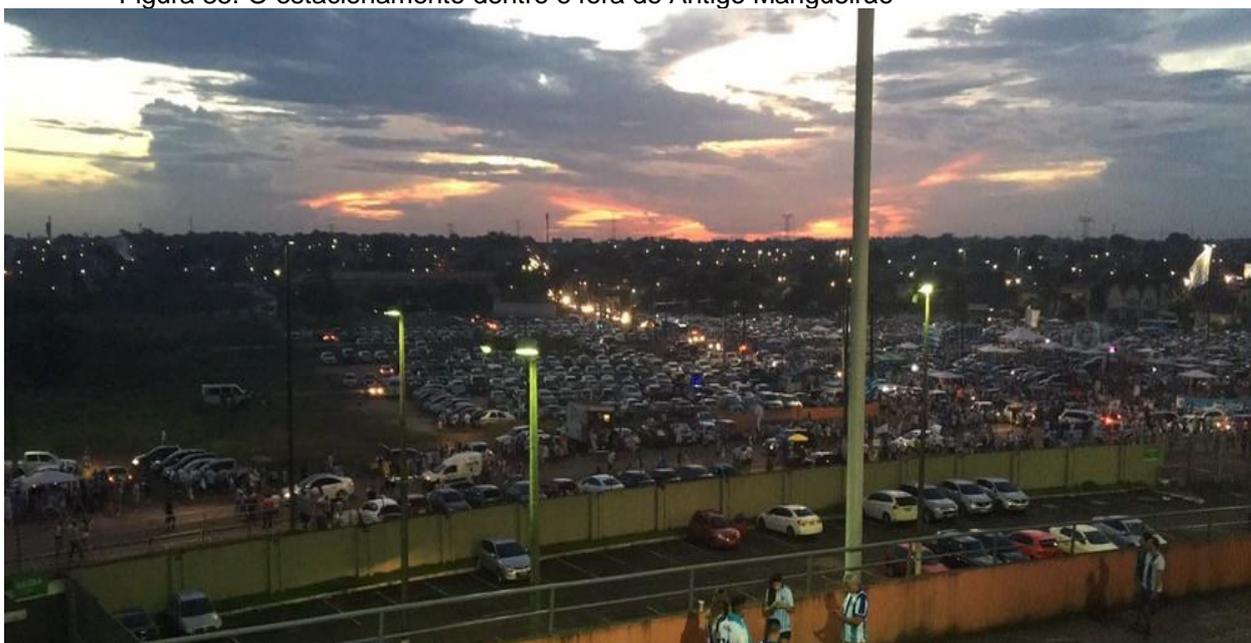
Isso apenas na entrada, na saída o sufoco é ainda maior, porque os responsáveis pelo recebimento do ticket não ficam lá, então, imagine a cena: todos os cerca de 3 mil carros e mais, aproximadamente, 500 motos, querendo sair ao mesmo tempo. Fica uma torre de babel, são várias buzinas, carros quase batendo um no outro, nesse ponto a organização está ainda muito falha, é uma completa desorganização.

Figura 34. Ônibus do Paysandu chegando no Estacionamento do Antigo Mangueirão.



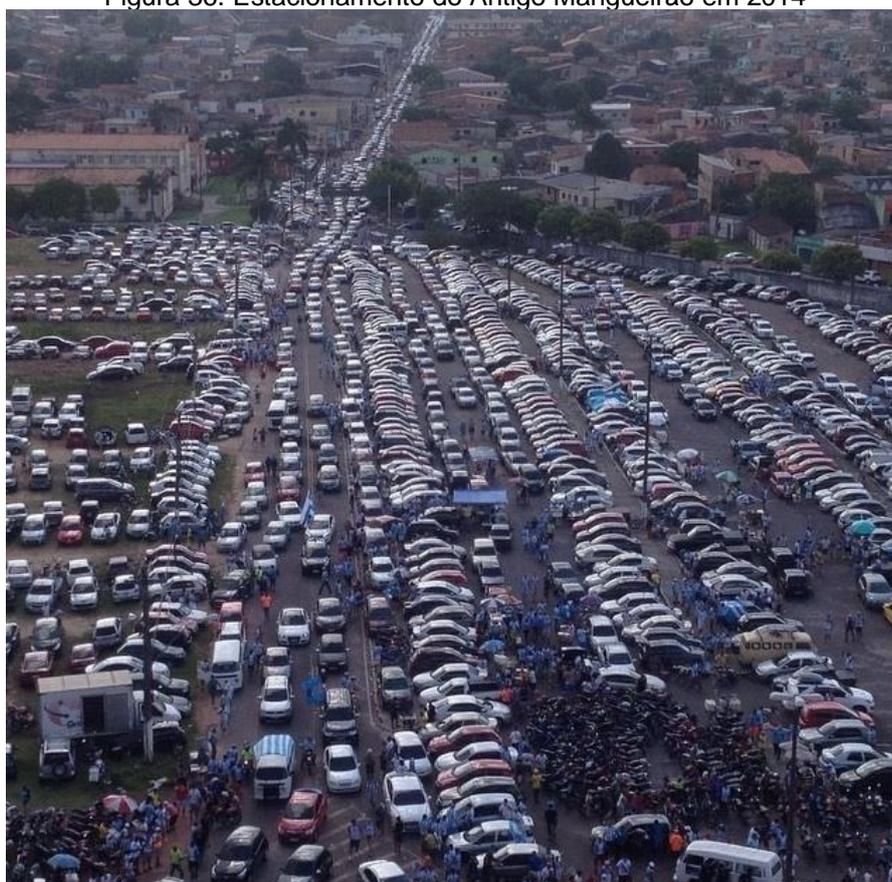
Fonte: GloboEsporte.com, 2017

Figura 35. O estacionamento dentro e fora do Antigo Mangueirão



Fonte: Gleydson Guimarães/Colaborativo do GloboEsporte.com, 2017

Figura 36. Estacionamento do Antigo Mangueirão em 2014



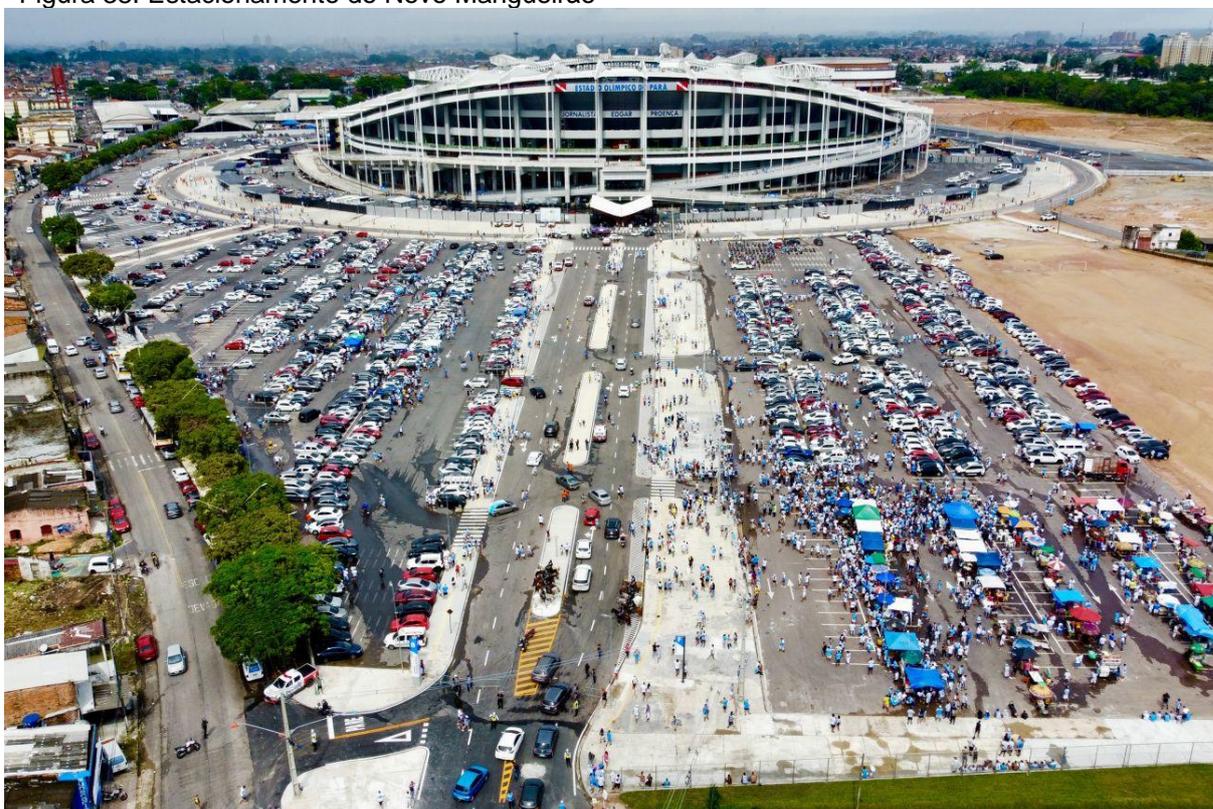
Fonte: Paysandu.com.br, 2014.

Figura 37. Torcedores do Paysandu subindo a rampa de acesso às arquibancadas do Mangueirão



Fonte: Paysandu.com.br, 2014

Figura 38. Estacionamento do Novo Mangueirão



Fonte: Btmais.com.br, 2023

Figura 39. Torcedores do Paysandu ocupando o estacionamento do Novo Mangueirão no REXPA



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023

Figura 40. Torcedores do Paysandu no estacionamento do Novo Mangueirão



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023

Passado o sufoco para adentrar ao estacionamento, chega o momento de descontração, conversa com os amigos, parentes, vizinhos, molhar a garganta com aquela cerveja gelada, não apenas quem consome álcool aproveita esse encontro antes do jogo, pessoas como eu, que não bebem, também se divertem ouvindo música, dançando, conversando, é o momento de encontro das massas, como diria Le Bonn em sua 'Psicologia das multidões':

A massa é impulsiva, volúvel, excitável. É guiada quase exclusivamente pelo inconsciente. Os impulsos a que obedece podem ser, conforme as circunstâncias, nobres ou cruéis, heroicos ou covardes, mas, de todo modo, são tão imperiosos que nenhum interesse pessoal, nem mesmo o da autopreservação, se faz valer. (LE BONN, 1895, p. 20 *apud* FREUD, 2011, p.13-14)

Figura 41. Encontro no estacionamento do Mangueirão antigo



Fonte: Welber Coutinho, 2018

Figura 42. Reunião da torcida antes de adentrar ao Estádio Mangueirão antes da reforma

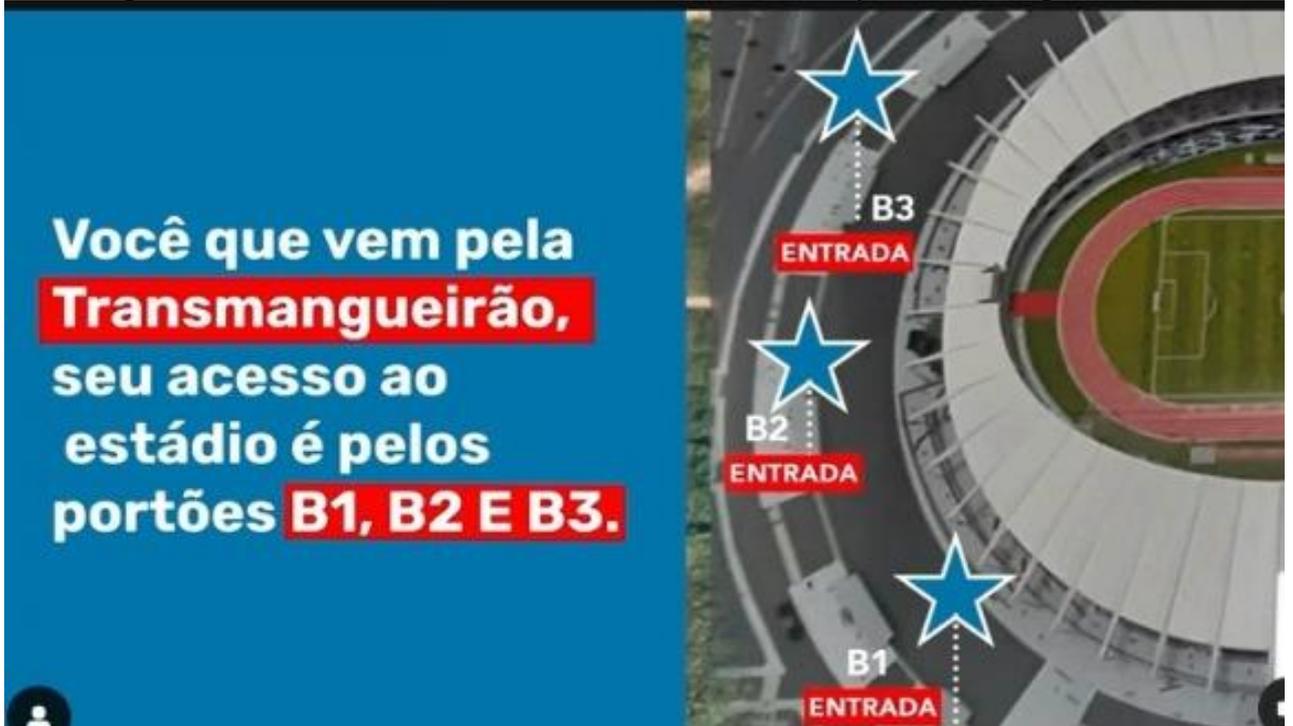


Fonte: arquivo pessoal da autora, 2019

Após o momento de encontro com amigos, parentes, parceiros e parceiras entre os torcedores, de modo geral, e das torcidas organizadas, é a hora de adentrar, definitivamente, ao Estádio.

Cabe frisar que o Mangueirão, em dia de REXPA, tem uma divisão diferenciada e importante para a segurança dos torcedores, isto é, a torcida do Remo entra pela Rodovia Augusto Montenegro, e tem acesso aos portões A1, A2, A3. Já a torcida do Paysandu entra pela Transmangueirão e o acesso aos portões B1, B2, B3. Com um aparato policial gigantesco, no intuito de evitar confronto entre as torcidas.

Figura 43. Portões de entrada destinados aos torcedores do Paysandu no Mangueirão



Fonte: Romanews.com.br, 2023

Figura 44. Portões de entrada destinados aos torcedores do Remo no Mangueirão



Fonte: Romanews.com.br, 2023

Figura 45. Visão aérea do Mangueirão



Fonte: Romanews.com.br, 2023

Meu irmão e eu, às 14h00 chegamos ao estacionamento e decidimos adentrar ao estádio às 15h15 e nesse exato momento a chuva decidiu nos acompanhar, como de costume. Nos direcionamos ao portão B2, ao nos aproximarmos no portão senti uma ardência nos olhos, pensei que poderiam ser meus lápis (de maquiagem) terem escorrido em meus olhos, por conta da chuva, mas em seguida me veio um *insight*, lembrei do meu primeiro REXPA, quando também pela primeira vez senti o odor desagradável do spray de pimenta, e minha memória estava certíssima, devido a um início de tumulto para passar na catraca eletrônica, um dos policiais, como sempre, decidiu soltar um jato de spray, no entanto, como aprendi com meu esposo, que passou por treinamento no exército, a primeira instrução dele foi, não te desespera, segundo, prende a respiração e vai expirando devagar, não inspira, porque o spray age quando você inspira, pois a finalidade do mesmo é sufocar; quando passei pela primeira experiência desse contato aterrorizante com o spray, não sabia dessas instruções, me senti mal, a sensação foi horrível, me deu ardência nos olhos, salivação, estreitamento das narinas, um pequeno desespero me acometeu, mas eu de imediato tampei o nariz e a boca com a bandeira do Paysandu, que eu carregava amarrada em meu pescoço, o que aliviou bastante, porém, em meio à muvuca e ao desespero, em certo momento quase engasguei com a bandeira em volta do pescoço, uma vez que ela engatou em outra pessoa devido ao aperto de muitos torcedores juntos; por sorte

meu primo estava comigo, me segurei no braço dele e consegui me soltar e desengatar a bandeira; isso no meu primeiro REXPA, já neste dia 09 de Abril, quando percebi o spray no ar, segui todas as instruções do meu esposo, preendi a respiração, fui expirando devagar e não senti absolutamente nada e assim seguimos rumo à rampa de acesso às arquibancadas.

Figura 46. Subida da rampa de acesso às arquibancadas, cadeiras do estádio



Fonte: Arquivo pessoal da autoral, 2023

Na subida desta rampa passa um misto de muitas emoções, pois não sabemos o que teremos pela frente, um time jogando com raça ou um time apático, inofensivo, despreparado. Mas carregamos no peito a esperança de galgar a vitória, e o caminho em direção às arquibancadas é o nosso trajeto antropológico para mais um jogo. Como diria Durand (1989a, p. 29): “incessante intercâmbio que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social”.

Às 17h07 os jogadores começaram a entrar em campo para se posicionarem e cantarem os hinos do Brasil e do Pará, para delírio de todo e qualquer torcedor.

Neste momento a torcida já está, como chamamos, aquecida, já que antes dos jogadores entrarem a torcida canta, dança, pula, vibra. É importante um adendo em relação ao Hino Nacional, ele foi introduzido nas partidas de futebol no início deste século em que estamos, mas a obrigatoriedade se fez a partir da Lei 13.413/2016, a qual determina que a execução do Hino é obrigatória em todo evento esportivo. Após o Hino os jogadores se posicionam, para começar a partida.

Saliento que houve uma programação especial para antes do jogo, no intervalo e no final, os portões foram abertos a partir das 13h00 quando iniciava o que chamamos de “esquenta” com Dj Assayag que se concentrava na lateral do gramado, a partir das 14h00 houve um “*ping-pong*” com as aparelhagens Crocodilo e Super Pop ambas estavam alocadas atrás dos gols.

Outro ponto que devo destacar que acontece antes de todas as partidas do Paysandu e envolve, especificamente, as torcidas organizadas, as quais têm reuniões com a diretoria do Paysandu, com o Batalhão de Polícia de Eventos (BPE) e este último é quem gerencia a entrada das torcidas organizadas junto com seus materiais, que devem ser registrados em ofício, enviado por e-mail, juntamente com o nome de todos os integrantes, e seu registros gerais, este documento deve ser enviado na sexta-feira, quando o jogo é no domingo, e na terça-feira, se o jogo é na quarta-feira, neste ofício deve estar descrito o que vai entrar, como bandeiras, faixas, instrumentos musicais, número de integrantes.

Nos jogos realizados no Estádio Banpará Curuzu a entrada para a colocação dos materiais das torcidas é das 17h00 às 18h00, porque na Curuzu os jogos sempre são a noite, o acesso é pelo portão P3, localizado na travessa Curuzu, e no mangueirão o acesso é pelo portão B3, e depende do horário do jogo, se o jogo é à tarde, como 17h00, a entrada com os materiais será de 12h00 às 13h00; ao contrário, se é à noite, por exemplo às 21h30 como nos jogos da Copa do Brasil, o horário fica das 17h00 às 18h00. Para minha felicidade, no decorrer da escrita da minha tese tive a oportunidade de me inscrever para a seleção de novas integrantes da Torcida Feminina “Apayxonadas PSC”; ao ser agraciada na seleção comecei a fazer parte desta torcida, na qual passei a conviver de perto com situações nunca antes vivenciadas e, entre elas, a oportunidade ímpar de ter acesso ao Estádio Leônidas Sodré de Castro, isto é, a Curuzu, junto com outras integrantes mais antigas das Apayxonadas.

Na tarde do dia 19 de Abril de 2023, foi marcado encontro na frente da Loja Bicolor Mix, situada ao lado da Curuzu, às 17h00, entre as integrantes que iriam colocar o material, destaco que há apenas um rapaz no meio da torcida ao qual as meninas chamam colaborador, pois este é imprescindível para carregar a integrante que prenderá a faixa no muro da arquibancada (destaco o fato de não ser permitido entrar com objetos cortantes como tesouras, facas, canivetes, apenas rolos de fio, e isqueiro, no caso dos fumantes).

No portão somos recebidos pelo BPE, que solicita a apresentação do ofício, mesmo ele tendo em mãos aquele que foi enviado por e-mail; o policial responsável pela acolhida verifica se está tudo organizado de acordo com o que foi descrito no documento, bem como solicita a identidade e faz a averiguação de bolsas, pochetes, mochilas.

Após esse momento mais demorado, nos direcionamos à arquibancada que fica para o lado do Chaco e lá penduramos a faixa da nossa torcida. Friso também o fato de cada torcida já ter seu espaço demarcado para colocar suas faixas, bandeiras, escudos.

Segundo a presidente das “Apayxonadas”, Giselly Pereira, os melhores locais de estender a faixa pertencem às Torcidas Organizadas mais antigas, como Força Jovem, Terror Bicolor, Fúria Bicolor e Facção, pois estas tiveram o privilégio de escolher onde ficar, as outras, que têm de 10 anos para baixo de existência, vão ficando com os lugares que estiverem livres; por exemplo, no Mangueirão as Apayxonadas não têm espaço na parte superior do estádio, mas possuem o espaço próximo ao campo, já na Curuzu, a parte toda do Muro do Chaco era comandada pela Força Jovem; quando Giselly decidiu, em 2016, fundar as Apayxonadas, pediu para o filho do presidente da Força, conhecido como Mauricinho, para ceder um espaço para ela e sua torcida e assim ele fez.

Figura 47. Torcida Organizada Apayxonadas PSC, colocando sua faixa no jogo entre Paysandu e Tuna na Curuzu, pelo Campeonato Paraense



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023

Figura 48. Torcida Organizada Apayxonadas PSC, colocando sua faixa no jogo entre Paysandu e Tuna na Curuzu, pelo Campeonato Paraense



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023

Figura 49. Torcida Organizada Apayxonadas PSC, colocando sua faixa no jogo

entre Paysandu e Tuna na Curuzu, pelo Campeonato Paraense



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023

Figura 50. Torcida Organizada Apayxonadas PSC, colocando sua faixa no jogo entre Paysandu e Tuna na Curuzu, pelo Campeonato Paraense



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023

Figura 51. Registro dos integrantes da Torcida Organizada Apayxonadas PSC que participaram da colocação dos materiais



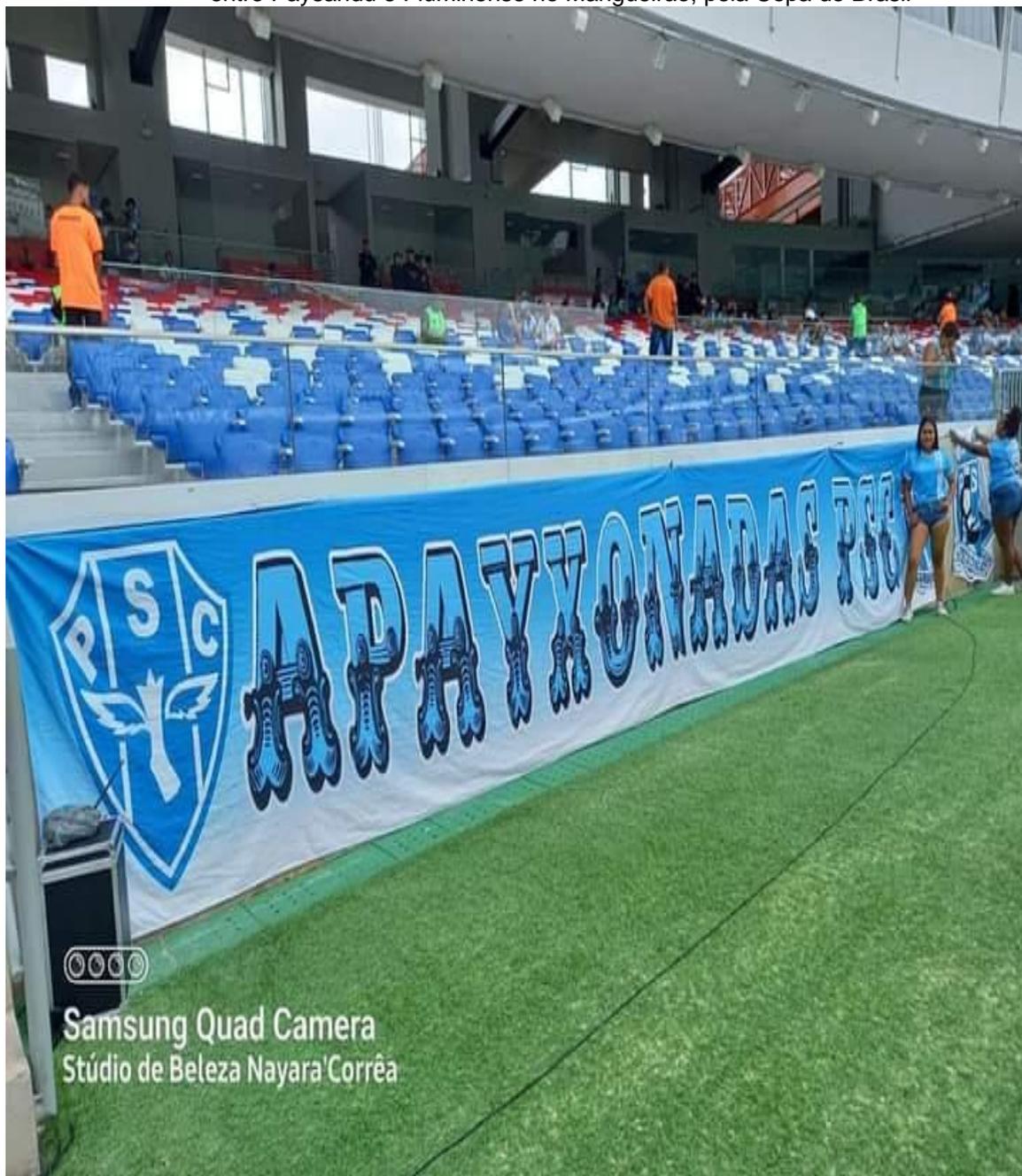
Fonte: Patrícia Merylin de Paula, 2023

Figura 52. Registro dos integrantes da Torcida Organizada Apayxonadas PSC que participaram da colocação dos materiais



Fonte: Patrícia Merylin de Paula, 2023

Figura 53. Torcida Organizada Apayxonadas PSC, colocando sua faixa no jogo entre Paysandu e Fluminense no Mangueirão, pela Copa do Brasil



Fonte: Nayara Corrêa, 2023

Figura 54. Torcida Organizada Apayxonadas PSC, colocando sua faixa no jogo entre Paysandu e Fluminense no Mangueirão, pela Copa do Brasil



Fonte: Nayara Corrêa, 2023

O jogo começou às 17h20 e a bola saiu dos pés do adversário. Agora as expressões modificam-se, no rosto do torcedor: o entusiasmo, a empolgação, dão lugar a nervosismo, impaciência, raiva, desapontamento, mas o incentivo continua o mesmo, através dos gestos de incentivo, tremulação de bandeiras, faixas apostas sobre as cabeças.

[...] os indivíduos difundem informações suscetíveis de serem recolhidas e analisadas. Não se pode não comunicar, ou seja, cessar a produção de signos dotados de sentido para aqueles que os recebem. Mesmo calando-se, desviando o olhar [...] o rosto e o corpo propagam mímicas de nervosismo, de enfado, de desprezo, de cólera, gestos de impaciência etc. (LE BRETON, 2009, p. 52-53)

Friso a importância de se falar do conjunto dos movimentos corporais, uma vez que estes já foram objetos de muitas tentativas de classificação, no que se refere ao significado que fixam em uma interação. D. Efron (*apud* Le Breton, 2009, p.58) denominou de emblemáticos (grifo meu) aqueles gestos ou mímicas que em outro contexto, “poderiam ser traduzidos em mensagens verbais”.

Exemplos de gestos emblemáticos: Indicador na boca para pedir silêncio; A palma da mão voltada para o solo, realizando breves movimentos de cima para

baixo ordenando a redução da velocidade ou pedindo para alguém se acalmar; A mão erguida com a palma virada para fora, isto é, o exterior para pedir uma parada.

Figura 55. Gabriel Menino faz gesto de silêncio em clássico



Fonte: César Greco/SE Palmeiras, 2021

Figura 56. Gabigol pedindo para a torcida se acalmar



Fonte: Gilvan de Souza/Flamengo, 2022

Figura 57. Goleiro Vinicius do Remo pedindo para parar a jogada, no entanto, o gol tinha sido legítimo



Fonte: Akira Onuma/O Liberal, 2019

Como afirma Le Breton (2009) cada sociedade possui seu repertório característico de gestos que nem sempre serão compreendidos fora de sua influência. Assim acontece na esfera do futebol, a linguagem imbricada nela é bem peculiar a quem comunga dessa teia de significações:

O emblema é o equivalente gestual e postural da linguagem no que concerne certo número de significados. Ele está intimamente associado a uma utilização cultural própria de um grupo. O sim e o não requerem movimentos da cabeça e do corpo próprios a induzir quem ignora o caráter arbitrário o sinal em mal-entendidos. (LE BRETON, 2009, p. 60)

Outra categoria que Le Breton (2009, p. 61) aponta é a dos gestos descritivos que adicionam um discurso, com o intuito de aperfeiçoar o sentido sem a necessidade de acrescentar suplementos, discorrendo sobre a palavra ou fazendo a mimese da ação. Esse gesto é muito latente quando um torcedor vai fazer a resenha do jogo para outro que não assistiu a partida, não basta apenas contar o que aconteceu, para enfatizar precisa demonstrar com gestos os acontecimentos, “comentário gestual e mímica da palavra, eles amplificam, ilustram ou nuançam os discursos” (p.62).

Os gestos rítmicos assinalam o enunciado com sua harmonia sem acrescentar sentido, mas que sustentam sua presença no mundo, aclamando a palavra, impulsionando a aptidão do locutor de disseminar conteúdo. São as dezenas de movimentações das mãos, braços, pernas, ombros, mímicas e posturas que auxiliam o discurso.

No limiar do jogo o discurso da partida está na mensagem subliminar do corpo do torcedor, você não precisa perguntar como está o jogo, basta observar os gestos e as movimentações latentes nos torcedores. Porém, o diálogo sempre ocorre com quem está do seu lado, pois você precisa verbalizar o que está perceptível e te incomoda enquanto torcedor, como por exemplo, passes errados, erros de marcação, chutes desnecessários, faltas indevidas etc.

[...] o corpo é entendido como um instrumento comunicativo. Compreender a comunicação diz respeito a também compreender todo o aparato gestual inscrito no corpo. Os gestos são figuras de ação e compõem a esfera simbólica das culturas, eles transmitem significados, entretanto seu sentido não é dado, mas compreendido. (RODRIGUES, 2012, p. 231)

Le Breton também nos fala dos gestos *déiticos* que seriam aqueles que apontam uma pessoa, um objeto, também um nível ou uma direção. Há também a somatória do movimento de cabeça, ou do cotovelo, dos olhos.

Há também os gestos simbólicos: “excedem o quadro estrito da integração. Ainda que com ela se misturem, eles remetem a uma outra ordem de significação, enraizada num ritualismo notadamente religioso”.

Incluem-se nesses gêneros os gestos de benedição, de prece, um sinal da cruz propiciatório, um gesto de conjuração do mau-olhado, “bater na madeira”, “cruzar os dedos”, a predicação de um sermão. Também são gestos simbólicos o encerramento de uma tratativa com a batida das mãos num movimento amplo dos braços ou ainda a conclusão de um acordo dando-se com a mão direita na destra do parceiro que tão logo apresenta sua mão para um gesto recíproco. (LE BRETON, 2009, p. 64)

Figura 58. Gestos dos torcedores em dois jogos do Paysandu no Mangueirão



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023

Figura 59. Gestos de torcedores durante dois jogos do Paysandu no Mangueirão



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023

A percepção dos gestos testa um pouco uma 'caixa preta' no nível dos conhecimentos científicos: a maior parte dos gestos escapa do controle do emissor. Do ponto de vista do destinatário, o gesto não é um signo invisível, mas continua a ser ligeiramente percebido [...]. Uma grande parte dos índices gestuais é tratada em um nível infraconsciente e verdadeiramente subliminar. (BARRIER, 2006 *apud* LUGRIN, 2009, p.16)

Torcedor que vai a campo sabe que viverá um misto de emoções desde o apito inicial para rolar a bola, até o fim da partida, os gestos são o extravasamento de tudo o que está latente em seu peito. O jogo começa com o Paysandu com mais posse de bola, no entanto o Remo é quem chega com perigo na grande área. Nos 13 minutos de jogo, Uchôa, ex-jogador do Paysandu, cabeceia por cima do gol do goleiro Thiago Coelho. Aos 23, o Paysandu balança a rede, com o jogador Genilson. Imagine você leitor, a euforia contagiante nesse momento, no entanto, esta é contida, pois é marcado um impedimento, e o gol é anulado. Aos 32 minutos de bola rolando, Mário Sérgio e Vinicius Leite não conseguem completar o cruzamento feito pelo jogador João Vieira.

Nos 38 minutos de jogo, em uma bola área Diego Guerra consegue subir mais que a zaga do Paysandu, mas para nossa felicidade, cabeceou para fora. Depois de 5 minutos dessa jogada, o jogador do Remo Ícaro faz uma falta em Mário Sérgio e leva seu segundo cartão amarelo, conseqüentemente, leva o cartão vermelho e é expulso. Quem se habilita para cobrar a falta é o jogador Fernando Gabriel que bate com perigo, mas o goleiro Vinicius consegue agarrar. Antes de acabar o primeiro tempo ainda houve certo estranhamento entre alguns jogadores, o que é fato normal, se tratando de REXPA, estranho seria se não houvesse desavenças.

Em cada lance a torcida se agita, principalmente, quando a jogada sai certo, os gritos de incentivo aumentam, bem como as músicas feitas pelas próprias torcidas organizadas como: "Uh, ah, há o terror vai começar"; "Vai pra cima deles Lobo, ô, ô,ô,ô, vai pra cima deles Lobo"; "Ihhh, você sorrir quando eu cair, ahhhh, e vai chorar quando eu voltar, o Paysandu tem muita história e tem torcida para apoiar, porque eu sou, Papão eh, oh, Papão eh, oh".

Torcer é fustigar a esfera segura da individualidade e, nessa medida, seria como que experimentar extensões, torções e projeções do "eu"

na esfera pública, ou, aproximando-nos de conceituações como as de Gell, tornar-se torcedor seria como que “distribuir a pessoa” num universo integrado por outros milhares de indivíduos, coisas, objetos, seres cosmológicos, todos arrebatados e articulados pela arte e artefato do futebol: camisetas dos times queridos, bolas, troféus, chaveiros e essa infinidade de souvenirs avidamente disponibilizados pela e para a vontade torcedora expressam algo muito maior do que a mera compulsão consumista, pois há algo de nós nesses objetos, há algo dos objetos agenciados em nós. (TOLEDO, 2010, p. 182)

Os xingamentos vêm em forma de palavrões, vaias, gritos que fazem parte também é como um puxão de orelha nos jogadores que estejam apresentando baixo rendimento, bem como é um transbordar do incomodo que o torcedor está sentindo.

Sejam elas chamadas de xingamentos, palavrões, baixo calão, profanidade, obscenidade, indecência, vulgaridade, blasfêmia, baixaria, pragas ou epítetos; como palavras sujas, de quatro letras ou tabus; ou como termos ruins, rudes, grosseiros, vis, salgados, baixos, chulos, indecorosos ou de mau gosto, essas expressões suscitam muitas vezes enigmas para quem estiver interessado na língua como janela para a natureza humana. O medo e o desprezo não são deflagrados pelos conceitos em si, porque os órgãos e as atividades que eles nomeiam possuem centenas de sinônimos polidos. Nem pelo som das palavras, já que várias delas possuem homônimos respeitáveis em nomes de animais, ações e até de pessoas. O impúblicável pode passar a públicável com um hífen ou um asterisco, e o impronunciável a pronunciável com uma mudancinha numa vogal ou consoante. É alguma coisa na junção de determinados sentidos com sons que tem um forte efeito sobre as emoções das pessoas. (PINKER, 2008 *apud* DAL CORNO, 2010, p. 40)

Nas falas dos torcedores entrevistados os xingamentos citados foram: "ladrão" e "pipoqueiro"(Luana Regina, 2023); “Vai toma no cu” (Patrícia Merylin de Paula, 2023); “Árbitro ladrão” (Jaqueline Duarte, 2023); “Porque é um time ruim, não presta pra nada, e palavrões muitos” (Dalila Santos, 2023); “Dentro dos 90 minutos, toda e qualquer forma de intimidar o adversário é válida. Pois a torcida tem influência direta no jogo. Enquanto o jogo acontece, alguns cânticos de xingamentos são cantados, como "Ei, Juiz, Vai tomar cu, quando o árbitro da partida apita alguma coisa que não é clara ou que prejudique clube. E assim por diante, quando o time adversário faz cera, costumamos cantar "Timinho, Timinho". Mas ressaltando que isso é tudo uma artimanha para fazer com que o adversário se sinta acuado” (Hugo Faro, 2023).

Essa linguagem está imbricada de baixo prestígio social e é mais rotineira na oralidade do que na escrita, Tartamella (2006 *apud* DAL CORNO, 2010, p. 41) destaca que o uso dessa linguagem repulsiva caracteriza o início da civilização humana, os homens se lançavam paus e pedras para atingir uns aos outros, ao deixarem de lado esse confronto passaram a se agredir com palavras. Tais insultos traduzem em palavras as emoções.

O insulto é definido pelo Houaiss eletrônico como “palavra, atitude ou gesto que tem o poder de atingir a dignidade ou a honra de alguém” e como “ação ou resultado dela que deixa transparecer aversão ou menosprezo pelos valores, pela capacidade, inteligência ou direito dos demais”. Deste modo, são pelo menos três os elementos que interagem no insulto: o insultador, aquele que lança contra outrem o insulto; o insultado, aquele a quem o insulto é dirigido; e o insulto propriamente dito, que pode se manifestar como uma palavra, um atitude, um gesto, uma ação, incluindo seu resultado. (DAL CORNO, 2010, p. 43)

É importante frisar que na execução dos insultos diretos há uma condição de tornar democrático o uso da linguagem. E há o emprego da ironia, das metáforas e das linguagens figuradas enquanto forma indiretas de se realizar os insultos. Conforme afirmam Alan e Burrige (2006, p. 79 *apud* DAL CORNO, 2010, p. 43) os insultos, via de regra, se focam em menosprezar a aparência corporal de uma pessoa, bem como a habilidade mental, a personalidade, atitudes comportamentais, além das crenças, relações na sociedade e na família. O vocabulário disfêmico para fazer insulto inclui:

a) comparação de pessoas a animais com certos comportamentos convencionais; b) epítetos derivados de partes do corpo consideradas tabu, bem de como secreções corporais e comportamentos sexuais; c) epítetos que focalizam características físicas reais, mas tratadas como se fossem anormalidades; d) epítetos invocando a subnormalidade ou a desordem mental; e) disfemismos relacionados a discriminação por sexo, raça, classe, idade e vários – ismos. (cf. ALLAN e BURRIGDE, 2006 *apud* DAL CORNO, 2010, p. 44)

Nas partidas de futebol, os insultos já viraram quase uma regra, principalmente, no que tange ofender a torcida rival e o árbitro. Nas falas dos torcedores nos jogos e dos 34 entrevistados, sendo 18 homens e 16 mulheres a grande maioria dos insultos versam sobre a ausência de inteligência ou intelecto,

além da utilização dos adjetivos, também, dos substantivos que se referem a animais: burro, anta, idiota, imbecil, abestado.

Além dos insultos relacionados a incompetência profissional: perna-de-pau, cachaceiro, pipoqueiro, frangeiro (insulto relacionado ao goleiro), verminoso. A honestidade do árbitro também é ameaçada com as alcunhas de ladrão e mercenário.

Os insultos proferidos, principalmente, pelo sexo masculino estão relacionados a masculinidade e hombridade como: bicha, baitola, gay, pau no cu, veado, bichice. E os insultos não são apenas proferidos são cantados: “quer dá cu, quer dá cu, torce pro leão azul!”; “Liga pro zoológico, chama o camburão, diz que a Terror ela matou um leão, porque a Terror não dispensa que eu sei, matador de leão e come cu de remo gay, remista é gay, é gay é gay!”; “Todo veado que eu conheço é remista e secador”.

Há também aqueles que denegrem a honra masculina como: corno e chifrudo, sobretudo àqueles que atingem a dignidade da família como: “filho da puta e filha da puta”. Cabe destacar que esses insultos são proferidos tanto para os jogadores do time rival, quanto para o árbitro, agora o árbitro de vídeo, o famoso VAR, bandeirinhas.

É importante salientar que o Senado aprovado no dia 09 de maio de 2023 a nova Lei Geral do Esporte com punições para violência nos estádios. Quem cometer racismo, homofobia, sexismo, xenofobia estará sujeito a uma multa que varia de R\$500,00 a R\$ 2.000.000,00 de acordo com a gravidade do crime²⁰. No entanto, ela após a aprovação pelo Senado seguiu direto para sanção presidencial.

Nesse REXPA de abril, foram poucos os insultos, uma vez que o Paysandu, ganhou, apesar de ter tido muitas falhas, mas como sempre dizemos não interessa se jogou bem ou mal, o que interessa sobremaneira é a vitória. Porém no jogo da Copa Verde, todos esses insultos foram oralizados, já que o Paysandu acabou o jogo derrotado, por dois gols de diferença.

Encerrado o primeiro tempo, no intervalo começou o show de reinauguração oficial do Mangueirão. Cabe enfatizar que nesse jogo teve um elemento a mais foi a emoção enorme do reencontro dos torcedores, dos jogadores com o maior Estádio

²⁰ Disponível em: <https://www.12.senado.leg.br>

de Belém do Pará, foi uma festa do início ao fim com a presença de duas aparelhagens, Super Pop e Crocodilo, ambas se encontravam atrás dos gols.

Além da presença dos artistas da terra como o cantor sertanejo Tiago Costa vestido com a camisa do Remo, e o vocalista do grupo de pagode Nosso Tom Júlio César, com a camisa do Paysandu, e a presença do Dj Assayag durante o intervalo e no final do jogo, além da participação do paulista Mc Dourado.

As apresentações foram um show à parte, todos estavam muito animados, empolgados, vibrantes, mesmo por baixo de chuva, fizeram a festa. As aparelhagens que são ponto forte da cultura paraense deram o toque bem regional a festa, com os bregas mais que marcantes, e todo mundo tem um preferido, que marcou a infância, a adolescência, a fase adulta, um momento da vida alegre ou triste, uma viagem, além é claro das trilhas que estão em alta, e paraense que não gosta de brega, bom sujeito não é.

Figura 60. Os cantores, sertanejo Thiago Costa (camisa do Remo), e Júlio César vocalista do grupo de Pagode Nosso Tom (camisa do Paysandu).



Fonte: Vitor Reis, 2023

Figura 61. Mc Dourado



Fonte: Página do Facebook do artista, 2023.

Figura 62. Aparelhagem Crocodilo, apresentação na reinauguração do Mangueirão



Fonte: Página do Facebook da Aparelhagem, 2023

Figura 63. Aparelhagem Super Pop na reinauguração do Manguirão



Fonte: Página do Facebook da Aparelhagem, 2023

Debaixo de chuva as atrações fizeram a festa: solicitaram que todos no estádio ligassem as luzes de seus celulares e, no mesmo momento, houve o show pirotécnico dos fogos de artifício, dando um brilho a mais ao evento.

Figura 64. Show de luzes no intervalo do jogo e reinauguração oficial do Mangueirão



Fonte: Nicksson Melo/ge Pará, 2023

Figura 65. Novo sistema de luz do Novo Mangueirão



Fonte: Nicksson Melo/ge Pará, 2023

Figura 66. Show pirotécnico dos fogos de artifício na reinauguração oficial do Manguirão



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023

Figura 67. Um show de cores no Novo Manguirão



Fonte: Ge.globo.com, 2023

Figura 68. Aparelhagem do Super Pop animou o público no Novo Mangueirão.



Fonte: Rodrigo Pinheiro Ag. Pará, 2023

Após o show das apresentações começa o segundo tempo, o Paysandu volta com mais garra e assustando o adversário, e aos 2 minutos Mário Sérgio cabeceia perto do gol. Aos 4 minutos, o goleiro Vinicius saiu mal e a bola sobrou nos pés de Bruno Alves, que chutou com vontade, mas o goleiro do Remo agarrou. No lance seguinte, há uma cobrança de escanteio em que Bruno Alves é o batedor, a zaga remista se afasta; é quando Vinicius Leite finaliza de fora e marca mais um golaço pelo Paysandu. Mesmo estando em desvantagem de um jogador, o Remo corre em busca do empate. Aos 18 minutos, a zaga, como sempre, se dispersa e possibilita que Diego Tavares invada a área, mas, para nossa felicidade, o paredão Thiago Coelho, como um gato, o bloqueia. Aos 28, Leonan bate um escanteio bem fechado e quase faz um gol olímpico, mas, para a alegria da Nação Bicolor Thiago Coelho impede o que seria um gol. O último lance de perigo ocorreu aos 41 minutos, com o jogador Mário Sérgio, que tenta pegar o goleiro remista de surpresa, mas o jogo termina com a vitória do Paysandu por 1 a 0.

Mas é lógico que além de comemorarmos a vitória sobre o rival, a marca registrada de sairmos vitoriosos em plena reinauguração do Mangueirão. E não poderíamos deixar de entoar a música para o rival “eliminado, eliminado” da Copa Verde no dia 29 de março, uma vez que entrávamos na segunda partida em desvantagem de 1 gol, e tínhamos que ganhar para avançar para a próxima fase, do

contrário estaríamos eliminados. Ganhamos no tempo regular de 2 a 1, no entanto, o placar ficava empate de 2 a 2. Assim, seguimos para as penalidades máximas e galgamos a vitória de 4 a 2 nos pênaltis e eliminamos o rival em pleno Mangueirão.

No fim do jogo a torcida ainda foi agraciada com o som da aparelhagem Super Pop e os jogadores do Paysandu nos representaram dançando sobre a estrutura da Águia.

Figura 69. Torcedores do Paysandu comemorando a vitória sobre o rival no Mangueirão



Fonte: Nicksson Melo/Ag. Pará, 2023

Figura 70. Jogadores do Paysandu comemorando em cima da Aparelhagem Super Pop



Fonte: Vitor Reis, 2023

Apesar da vitória, nós torcedores sabíamos que esse ano não seria fácil, o Paysandu começou tropeçando, perdendo no primeiro jogo com o Remo, no mês de março, se recuperou nesse jogo de abril, e daí em diante foi tropeço em cima de tropeço; fomos eliminados da final pelo time do Águia, fomos disputar o terceiro lugar e felizmente saímos vitoriosos.

O Paysandu foi eliminado da Copa do Brasil, após perder os dois jogos pelo placar de 3 a 0. No mês de maio perdemos na série C, para o Figueirense, por 2 a 0, o Ypiranga nos esmagou de 4 a 0. Na Copa Verde, dentro do Mangueirão, o Paysandu perdeu por 2 a 0, saiu de campo vaiado, pois a paciência do torcedor foi acabando; além das vaias, os jogadores ouviram muitos xingamentos, e nem assim se recuperaram, pegamos duas peias, é o termo que usamos quando o time perde por um placar expressivo, primeiro para o Volta Redonda, de 3 a 0, dia 28 de maio e, três dias depois, perdemos o jogo e o título da Copa Verde para o Goiás pelo placar de 2 a 1.

Para aqueles que pensam que é só mais um jogo, para nós torcedores é perder mais 3 pontos que farão falta quando o Campeonato estiver chegando ao final, as emoções ficam afloradas, principalmente, para aqueles torcedores que

vivem e respiram o Paysandu, sendo um deles e do qual particularmente sou uma fã é o “seu” José Antônio da Silva, mais conhecido por Papa do Paysandu, um torcedor mega apaixonado, do qual faço questão de falar em minha tese como um *grand finale*, por ele abarcar um universo em sua *performance* de torcedor apaixonado, por viver e respirar o Paysandu.

Assim como a figura do lobo, que é o mascote, foi criada em 1948 pelo jornalista Everardo Guilhon, na época com o codinome “bicho-papão”. A ideia surgiu quando o Paysandu era conhecido como esquadrão de aço, era o time que colocava medo em qualquer outro. Com o passar do tempo passou a ser conhecido como “Papão da Curuzu”, o marketing bicolor deu ao Papão a figura física do Lobo, e símbolo da marca própria do clube. Assim, o “seu” José Antônio da Silva para nós torcedores já é um símbolo, por ser o Papa do Paysandu.

Figura 71. O mascote em desenho



Fonte: Paysandu.com.br

Figura 72. O mascote personificado

LOBO[®]

Lobo Mau Paysandu
Mascote oficial do
Paysandu Sport Club

*Leve o Mascote oficial do
Paysandu Sport Club
para sua Festa, Aniversário, Casamento
Confraternização e Outros Eventos...*

**BELÉM - PARÁ
AMAZÔNIA - BRASIL**

@ robsonlobo1@gmail.com | 91 98305-9962 | Lobo Mau Paysandu
91 98841-1499 | lobomaupaysandu

Fonte: Facebook.com/robsonlobopapao, 2020.

Figura 73. O Papa do Paysandu



Fonte: Facebook do Papa, 2020

Figura 74. Papa do Paysandu com a equipe de bombeiros



Fonte: Facebook do Papa, 2020

Figura 75. A tietagem da torcida com o Papa



Fonte: Facebook do Papa, 2020

A bandeira também é um grande símbolo, listrada em branco e azul; o escudo, que foi criação de Mário Bayma de Moraes, que propôs a forma de um pé alado, pois já tinha em mente seu significado, de se referir à velocidade do time como sendo inigualável, ou passível de ser superada por seus adversários, uma vez que chegaria ao limite do voo, lindo, poético e apaixonante²¹.

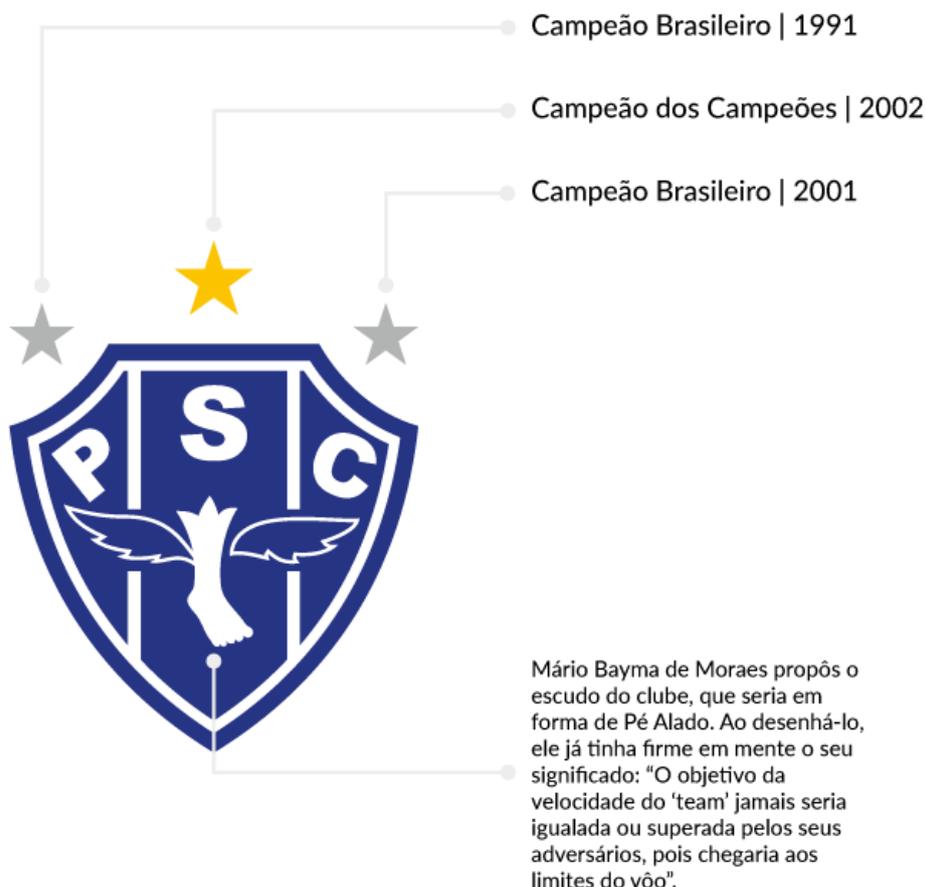
Figura 76. A bandeira oficial do Paysandu



Fonte: Paysandu.com.br

²¹ <https://www.paysandu.com.br/paysandu/simbolos>

Figura 77. Escudo do Paysandu



Fonte: Paysandu.com.br

O hino oficial que foi criado em 1920 com letra de José Simões e música de Manuel Luis de Paiva.

De vitórias e louros coroados,
Altivo, o Paysandu jamais temeu...
Tem um belo, honradíssimo passado,
São nobres as batalhas que venceu; BIS
Cada um de nós guarda no peito,
Valor e orgulho extraordinários;
Das nossas cores têm respeito
Os mais pujantes adversários.
"Lutar"! eis a divisa que trazemos!
"Vencer"! eis a esperança que nos guia!
Leais e destemidos seguiremos
A glória que o futuro nos confia! (BIS)
Cada um de nós guarda no peito...
Somos jovens e ousados paladinos,
E sempre achar-nos-hão de gladio nú,
Elevando nos prélios mais ferinos
Com honra o pavilhão do Paysandu (BIS)
Cada um de nós guarda no peito...
Amamos os combates! e na luta,

Como antigos heróis nos comportamos,
Por isso a voz do público se escuta,
Saudar o Paysandu com meus aclamos (BIS)
Cada um de nós guarda no peito...
Composição: José Simões²²

O uniforme não poderia ficar de fora, já falei anteriormente, mas é importante frisar, por ser um símbolo imprescindível, oriundo da sugestão de Hugo Leão, que foi o primeiro presidente do Paysandu, aprovado em uma reunião no dia 19 de fevereiro de 1914.

Figura 78. Camisa oficial do uniforme do Paysandu



Fonte: Paysandu.com.br

²² <https://www.paysandu.com.br/paysandu/simbolos>

Retornando para o “seu” José Antônio, apelido Cametá, oriundo da cidade de Cametá, na aldeia, de origem humilde, não teve oportunidade de estudar; segundo ele, nunca teve apoio nem da mãe nem do pai, que o colocaram para trabalhar cedo. Sabe muito pouco escrever, tem uma história triste e apaixonante; o amor ao Paysandu, o fez superar a depressão pela perda de seu filho caçula, que tirou a própria vida; seu José também pensou o mesmo: colocou a corda em seu pescoço, e seu único filho vivo o salvou; o sorriso ao falar do amor pelo clube dá lugar aos olhos cheios de lágrimas ao falar de sua perda. O Paysandu, sem saber, lhe deu a oportunidade de viver, e Cametá fala, com todas as letras, “só deixo de seguir o Paysandu quando eu morrer”.

Trabalha com peixe, no Ver-o-Peso, e o amor pelo Paysandu foi estimulado pelos pais; aos 13 anos foi pela primeira vez ao estádio da Curuzu, e suas palavras fluem docemente cada vez que ele pronuncia a palavra Paysandu, segundo ele conta já se vestiu de índio, andou todo paramentado do Paysandu com uma bicicleta completamente transformada, com detalhe do clube do coração. E foi após a perda do filho que ele teve a ideia de criar o seu figurino de Papa, unindo a religião à qual segue, o catolicismo, devoto de Nossa Senhora de Nazaré, ao amor pelo clube, na verdade Cametá vive e respira Paysandu, arrisco-me a dizer que é o seu vício.

Sua *performance* tem todo um ritual para acontecer, destaco que o entrevistei em minha casa, e fiquei encantada com a delicadeza com que ele colocava cada paramento de sua vestimenta; a senhora que costura para ele se chama Eneida e fez todos os detalhes contidos em sua roupa que, na verdade, tem uma junção de peças como nas vestimentas de padres, bispos, e do próprio papa. É uma vestimenta com toda a licença poética do artista. Como afirma Schechner (2003) “fazer *performance* é um ato que pode também ser entendido em relação a”:

ser
fazer
mostrar-se fazendo
explicar ações demonstradas (p. 26)

Compõe seu figurino a batina branca, que é uma veste litúrgica na igreja católica, representando a paz, a pureza e a ressurreição de Jesus; a estola é o objeto de uso litúrgico que está vinculado aos paramentos para celebração da missa; a mitra, que é o nome do chapéu do Papa; o cálice, que para a igreja católica

é o vaso sagrado no qual se faz a consagração do vinho no Preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo; o crucifixo, que é um símbolo Cristão diretamente associado à Igreja Católica.

Claro que todos os paramentos que ele usa são uma junção de elementos presentes na vestimenta do Padre, do Papa, do Bispo. É uma *performance* feita com todo sentimento de pertença àquilo que representa, além de imbricar desejos estes ainda não realizados; um deles é ser recebido pelo presidente do Paysandu, o outro é poder ter acesso igual aos sócios torcedores.

Performances afirmam identidades, curvam o tempo, remodelam e adornam corpos, contam histórias. *Performances* artísticas, rituais ou cotidianas - são todas feitas de comportamentos duplamente exercidos, comportamentos restaurados, ações performadas que as pessoas treinam para desempenhar, que têm que repetir e ensaiar. (SCHECHNER, 2003, p. 27)

Uma das promessas que eu fiz a ele, foi de ajudá-lo a patentear sua indumentária de Papa para não correr o risco de ser plagiado, e com toda certeza meu marido e eu vamos correr atrás, para concretizar os dois desejos dele.

Figura 79. Os elementos que compõem o figurino do Papa do Paysandu em sua *performance*



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023

Figura 80. O Papa do Paysandu



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023

Como bem explana Franco Júnior (2007) lançar um olhar despido de preconceito e de valores externos sobre o futebol, impreterivelmente, nessa condição é possível descortinar que aqueles que chutam a bola em direção ao gol o fazem de forma incisivamente ritual, quer dizer de forma implicada de regras e imbuída do tradicional, certificando sentido propício a tais gestos. É precisamente por nutrir-se de rito que toda e qualquer partida de futebol ocorre em ambiente extremamente emocional, tanto para os que jogam quanto para os que assistem.

Nessa perspectiva antropológica, o antropólogo inglês Desmond Morris (1985) vai mais além e sugere que se aviste para o mundo do futebol um mundo de tribos. Indubitavelmente o sentimento tribal é latente e cerca o indivíduo pela sua vida toda e além dela.

O que Franco Júnior (2007) destaca é que é delicado lançar mão do conceito de tribo no futebol, já que este é dirigido a grupo étnico, o que não se torna regra no futebol, uma vez que os torcedores são de distintas origens e presentes em vários lugares. Mas caberia falar de clã, em um conceito minimalista: seria aquele grupo que acredita na sua descendência atrelada a um ancestral comum, mais mítico que histórico, todavia vivo na memória coletiva.

As canções e o gritos proferidos pelos torcedores intensificam a identificação com um clã e o “espírito guerreiro dela própria e dos seus jogadores” (FRANCO

JÚNIOR, 2007, p. 228). Outro ponto forte presente nessa relação de pertencimento com o clã versa sobre as marcas feitas no corpo; eram muito comuns em algumas sociedades tradicionais com o intuito de demarcar a pertença àquele clã. Hoje torcedores tatuam em seus corpos o nome, o escudo, os mascotes dos clubes pelos quais são apaixonados, salienta um ato próprio de um rito de passagem no qual o sujeito o faz objetivando ser elevado a outro plano com a divindade que é o seu clube.

Por isso é muito pertinente usar a metáfora do futebol como sendo uma religião, porque os torcedores veneram seus times, seus sentimentos parecem que focam na concretude, uma vez que são estes que constroem as glórias e os triunfos de seus clubes.

Assim como os ritos religiosos sintetizam, relembram e revivem a história sagrada que os fundamenta, os ritos futebolísticos fazem o mesmo com a história do clube. A cada partida a torcida lembra de outras partidas, de outros jogadores, de outros lances, de outros resultados, recentes ou remotos, Para um torcedor aderir a um clube é aderir a sua história, da mesma forma que o rei Davi e os israelitas aceitaram lavé porque ele era ‘Deus de nossos pais’ (Crônicas 12,18). [...]

É a essa adesão ancestral e irreversível que vários hinos de clubes fazem referência: ‘O coração atleticano/ estará sempre voltado/ para as festas do presente/ e as glórias do passado’ (Atlético Paranaense); ‘Seu passado é uma bandeira’ (Corinthians). Cada torcedor é filho simbólico da divindade clubística, com a qual se relaciona de forma muito mais livre do que com o Deus de qualquer religião tradicional. [...] (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 264-265)

Nessa ênfase da metáfora do futebol enquanto religião é que é muito pertinente o termo de torcida fiel aos bicolores, são aqueles torcedores que acreditam piamente em seu time, que vivem, respiram, dormem, acordam pensando no próximo jogo, na colocação da tabela, no adversário que irão enfrentar. É aquele que acredita quando ninguém mais crê, mas também se desvanece quando luta e não percebe empenho por parte dos jogadores; mesmo assim sua “Payxão” é inigualável, incondicional e incomparável. O Paysandu representa mais que um sentimento, ele é a própria vida.

Parafraseando Paul Zumthor (2018, p. 34), meu interesse, enquanto autora, foi transmitir uma mensagem teórica em relação à *performance* do torcedor, sem

deixar de lado o caráter pessoal, bem como enfatizar a competência da *performance*, do **saber ser**, saber este que implica numa presença e numa conduta.

As *performances* desses torcedores são idiossincráticas, uma vez que não podemos utilizar termos comparativos com a realidade de torcedores de outros estados, tendo em vista que os corpos são significados pela cultura, e continuamente por ela alterados. Saliento que algumas características enfatizadas no modo de se vestir, de falar, de se comportar são norteadas pela cultura desses corpos.

Weeks (1995) lembra que o corpo é inconstante, que seus desejos e necessidades mudam. O corpo se altera com a passagem do tempo, com a doença, com as mudanças de hábitos alimentares e de vida, com possibilidades distintas de prazer e/ou com novas formas de intervenções tecnológicas e médicas.

Esses corpos alterados são corpos que dançam e performam, portanto, expõem neste fazer um dizer, uma vez que se encontram em constante movimento, inquietude (SETENTA, 2008).

Destaco a autora Kaepler (2001), e o seu trabalho de analisar e descrever a estrutura de uma dança, e a partir desse olhar, construir uma linguagem “nova” em que correlaciona os termos da linguística com os movimentos que caracterizam uma dança. A partir desse dialogismo, ela dá uma denominação nova aos movimentos sem modificar sua estrutura, utilizo então a ideia de Kaepler para descrever os movimentos realizados na dança do torcedor.

Os ***Kinemas***, como afirma Kaepler (2001), unidades básicas de movimento, com as quais as danças são construídas, sem significado em si, vejo como sendo o momento das palmas iniciais no jogo, momento este em que os torcedores estão entrando na atmosfera da partida.

Os ***Morfokinemas***, sendo as menores unidades com significado dentro da estrutura do sistema de movimento, no caso dos torcedores do Paysandu, identifico na junção das palmas com a marcação dos instrumentos musicais, já apresentando uma cadência do ritmo com o movimento das mãos.

Os **Motivos** são as sequências gramaticais de movimento, feitas de *kinemas* e *morfokinemas* que produzem entidades curtas. É o momento que defino como imbricamento do *Kinema* com o *Morfokinema*, formado da experimentação musical junto com a escolha do movimento. Neste ponto se introduzem as letras das

músicas, palmas e movimentos sincronizados com os instrumentos musicais presentes no meio das torcidas organizadas.

O **Corema** é a unidade coreográfica feita de uma constelação de motivos que ocorrem simultaneamente ou cronologicamente, com certa duração. Este seria o momento no qual os torcedores realizam a repetição de toda a construção do movimento, imbricando música e letra, palmas, saltos, elevação de braços em adução e abdução

E em cada jogo há outros estímulos, novos *kinemas*, *morfokinemas*, motivos e *coremas*. Por isso, destaco que o torcedor de futebol experimenta uma série de alterações de comportamento, que acionam substâncias importantes no organismo, cujo resultado é benéfico para o corpo.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto de Medicina Comportamental da cidade de São Paulo (UNIFESP) aponta que o ato de torcer trabalha o coração e a respiração e assim o corpo do torcedor tende a um equilíbrio positivo, uma vez que leva os órgãos a trabalharem de forma melhor e bem mais sincronizada.

Hawkins, Monthersbaugh e Best (2007) afirmam que as emoções são sentimentos relativamente fortes e sem controle. Os sentimentos e emoções foram patentes em todos os entrevistados da pesquisa: empolgação, brilho nos olhos, agitação em movimento de pernas, batidas de pés, relatos de experiências antes, durante e depois dos jogos.

Estudos têm mostrado que as emoções fortes são um gatilho importante, especialmente para aqueles que já possuem alguma doença do coração. O sistema cardiovascular é o mais afetado durante momentos de ansiedade, angústia, estresse prolongado, principalmente em partidas decisivas de futebol.

Durante uma partida de futebol, quando o torcedor fica exposto a situações de estresse e ansiedade, existem hormônios que preparam o corpo para momentos de ataque ou de fuga, isto é, de acordo com a tensão do jogo, os hormônios, adrenalina e noradrenalina são liberados imediatamente, fazendo com que o coração acelere, a boca seque, aumente a sudorese, bem como a pressão arterial; estes hormônios, junto com o cortisol, que é conhecido como o “hormônio do estresse”, impulsionam os estoques de glicose e, conseqüentemente, aumentam a pressão sanguínea para que os órgãos vitais (cérebro, coração e pulmão) trabalhem melhor e de forma mais rápida. Cabe destacar que o fluxo sanguíneo, que é estimulado pela adrenalina, faz com que os vasos fiquem muito mais apertados; por

isso as mãos costumam ficar frias e a aparência do torcedor mais ansioso um pouco mais empalidecida.

Uma situação como esta, caso seja vivenciada de forma constante por pessoas com doenças cardíacas, pode resultar em um acidente vascular cerebral (AVC) ou uma arritmia cardíaca, uma vez que poderá haver um bloqueio do fluxo sanguíneo nas artérias do coração. Mas nem só de sofrimento vive o torcedor, há também momentos de explosão de alegria, quando sai o gol, o corpo libera agora os hormônios serotonina e a dopamina, os quais são responsáveis pela sensação de felicidade, bem-estar e prazer. Por isso os cardiologistas recomendam que o cuidado com a saúde é fundamental para continuar torcendo pelo seu time de coração.

O corpo do torcedor experimenta sensações de estresse e alegria de forma muito recorrente; por essa razão elenquei o termo “alterado”, em virtude da vivência de mudanças repentinas no corpo, atreladas aos momentos da partida de futebol. São alterações físicas e emocionais, visíveis e não visíveis, em corpos afetados por demandas psíquicas, sentimentais e hormonais – tudo por amor ao time do coração.

Apito Final

A constatação é muito fácil de ser realizada: o futebol engendra no torcedor um sentimento pulsante e dilacerante que o faz lançar sobre um time seus sentimentos de pertença mais intensos; não é a toa que fazem desse amor sua segunda família.

O torcedor modifica o mundo, seu pensamento se articula através de um gesto, ele vive o jogo como se fosse a última coisa que faria no instante final de sua vida. É o performer que não ensaia suas emoções, estas são livres e difusas, imbricadas a situações que enfrentarão ao longo de cada partida de futebol.

Cada jogo é um novo corpo, novas alterações, é como se fosse sempre o primeiro; o Paysandu representa uma força imensa na vida de seus torcedores, em caráter incondicional; o sentimento de pertença ao time faz com que os torcedores o elevem ao patamar de uma família que briga, xinga, deixa de falar, mas depois faz as pazes e tudo volta ao normal.

Estamos vivendo essa relação de amor e ódio pela péssima fase em que o Paysandu se encontra, mas nada que o tempo não possa curar. Continuaremos dançando, nas arquibancadas, os gestos mais expressivos que o nosso sentimento possa tocar.

Os corpos alterados de sentimento espargem pelo ar uma atmosfera apaixonante que pulsa nas veias, no peito, na alma, como diz um trecho de uma das músicas mais cantadas nos estádios "(...) sou Paysandu e vou cantar, pra te apoiar, vai ser assim até o dia em que eu morrer (...)".

Nas arquibancadas todos são iguais, sem raça, credo, cor ou religião, percorrer esse caminho é um misto de todas as emoções possíveis, mergulhar em um universo sob a lente de pesquisadora trouxe vários incômodos, tive que me despedir da capa de torcedora em inúmeros momentos, para focar nos objetivos do trabalho, com a lente da pesquisadora.

Foi imensurável realizar tarefas antes nunca imaginadas, como adentrar ao Estádio pertencendo a uma torcida organizada, mas também alguns percalços foram necessários enfrentar, como a reticência de várias torcidas organizadas ao se omitirem de responder os questionários, ou ceder entrevistas, talvez por

insegurança, medo, não sei, são perguntas que talvez só me tragam respostas ao longo do tempo.

Mas também encontrei torcedores que dão a alma e até o sangue pelo Paysandu, são os torcedores símbolo, não com a mesma ideia da proferida na década de 1940, mas com a ideia de torcedor apaixonado e apaixonante que possui uma história de amor e de renascimento das cinzas única e exclusivamente pelo amor ao time.

O Paysandu já salvou vidas e salva, conheci torcedoras que saiam direto do hospital para o estádio, uma torcedora que mais me chamou atenção foi o fato dela fazer tratamento em virtude de uma doença que acometeu seu pulmão durante o auge da pandemia, e esta ir de acesso na veia, levando seus medicamentos e fazendo do time seu estímulo de recuperação, algo inexplicável! Apenas quem vive a emoção sabe que não existem palavras para abarcar o significado de tanta paixão.

Nesse mar de paixão os torcedores vão fazendo de seus descendentes novos torcedores apaixonados e apaixonantes. E assim se fortalecem os laços que unem torcida e time em uma paixão sem limites, incondicional.

Como afirma Gordon (1981 *apud* LE BRETON, 2009, p.113), o sentimento é capaz de manifestar “uma combinação de sensações corporais, de gestos e de significados culturais apreendidos por intermédio das relações sociais”.

Essa “Paixão” une pessoas diferentes com sentimentos de pertença iguais. São corpos alterados pela raiva, alegria, tristeza, ódio, paixão etc. Mas são corpos que expressam seus sentimentos mais íntimos e contagiantes.

O Paysandu é o céu composto pelos torcedores, que são as estrelas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Murilo V. F.; NETO, Gabriel P. P.; CASTRO, Iracildo P.; FRANÇA, Ney F. **A história do futebol paraense, Paysandu e Remo**: primeiras aproximações.

REVISTA LITERÁRIA TALARES/ESMAC – V. 3, n.3. 2016 – Ananindeua/PA
AQUINO, Rubim Santos Leão. **Futebol, uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ARISTÓTELES. Retórica. Tradução do grego Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015. (Coleção Folha. Grandes nomes do pensamento; v. 1)

BORGES, Laís Gomes. "Performance - Victor Turner". In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2019. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/performance-vitor-turner>. [Acesso em 29 de março de 2023]

BRUSTOLIN, Maurício Pizzolatto. **Contrato de trabalho do atleta profissional de futebol**. 2008. Monografia. Universidade do Vale do Itajaí-UNIVALI, Itajaí, 2008.

CAMARGO, Giselle G.A. **Entre a Etnocologia e os Performance Studies**: relativizações epistemológicas. Caxambu, 30º Encontro anual da ANPOCS, 2006.

CALVA, S. M. B. (ed.). **Autoetnografia**: uma metodologia qualitativa. Aguascalientes: Universidad Autonoma de Aguascalientes, 2019

CARIOBA, Cristiano Binott Müller. **Uma partida de futebol**: globalização e ensino de geografia. 2017. 153f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

CARLSON, Marvin. **Performance**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1996. 247 p.

CARVALHO, Karoliny Diniz. Contribuições teóricas dos estudos de performance para a análise da dinâmica das relações entre turismo e cultura. IN: **Turismo & Sociedade**. Curitiba, v. 4, n. 2, p. 164-185, outubro de 2011.

Centro de treinamento do Paysandu. Disponível em: www.paysandu.com.br/noticias/6189/primeira-etapa-de-obras-ct-e-concluida-campo-comeca-a-ser-implementado. [Acesso em 10 de março de 2023]

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**: criação de um tempo-espaço de criação. São Paulo: Perspectiva, 2002.

Colares-Camurça, Aline Marques. **Fisiologia das emoções**: os torcedores fanáticos de futebol. 141 f. Tese de doutorado (Universidade Estadual de Campinas), Faculdade de Educação Física. Campinas, SP: [s.n.], 2019.

COSTA, Ferreira da. **Enciclopédia do esporte paraense**. Belém-Pa. 2018.

COUTINHO, Renato. Futebol e identidade nacional: o Clube de Regatas do Flamengo e o projeto de construção de uma nação. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA*, 4., Maringá, 2009. **Anais...** Maringá, 2009, p. 1855-1963.

DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. DE PAUS E PEDRAS A PALAVRAS: BREVE INVESTIGAÇÃO SOBRE O INSULTO COMO LINGUAGEM DISFÊMICA. *Revista Trama - Volume 6 - Número 12 - 2º Semestre de 2010 - p. 39 - 49*

DAMATTA, Roberto. Sobre a Matriz Cultural da Inflação Brasileira. *In: DAMATTA, Roberto. **Conta de Mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira***. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DICIONÁRIO PARAENSE. Disponível em: <https://artepapaxibe.Wordpress.com/dicionario/>. [Acesso em 8 de abril de 2020; e em 03 de março de 2023]

DUARTE, Orlando. **Futebol: histórias e regras**. São Paulo: Makron Books, 1993.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Editora Presença, 1989a (Coleção Métodos nº 31)

Entrevista concedida pelo presidente do Paysandu Ricardo Gluck. Disponível em: https://www.espn.com.br/artigo/_id/6051063/presidente-do-paysandu-vai-pedir-anulacao-de-jogo-contra-o-nautico-e-geustiona-vuaden-alem-de-nos-roubar-nos-matou. [Acesso em 09 de março de 2023]

FIGUEIREDO, Maria Flávia. A retórica das paixões revisitada. *In: MANFRIM, A. P.; LUDOVICE, C. B. A.; FIGUEIREDO, M. F. O texto: corpo, voz e linguagem*. Franca: Unifran, 2018, p. 141-142. (Coleção Mestrado, 13)

FIGUEIREDO, Maria Flávia. A trajetória das paixões: Aristóteles, a Retórica das Paixões e suas implicações no contexto discursivo/argumentativo. *Sinergia*, São Paulo, v. 20: Edição Especial - Comunicação Científica, Cognição e Persuasão, 2019.

Foto do árbitro Leandro Vuaden. Disponível em:
Fotos do clássico Remo e Paysandu. Disponível em: <https://ge.globo.com/pa/futebol/campeonato-paraense/noticia/2023/03/07/classificacao-geral-do-campeonato-paraense-2023.ghtml>. [Acesso em 07 de março 2023]

FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Freud, Sigmund, 1856-1939. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)* / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&M, 2002.

GAUDÊNCIO, Itamar. **Diversão, Rivalidade e Política: o Re x Pa nos festivais futebolísticos em Belém do Pará (1905-1950)**. 2007. 176f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

GERON, A. C. Torcida organizada – uma paixão violenta. In: **Futebol brasileiro em debate: pisando na bola**, Rio de Janeiro: Pinheiro Assessoria de Comunicação, série 1, 1993. Cap. 4, p. 56.

GONÇALVES, Fernando do Nascimento. **Performance: um fenômeno de arte-corpo-comunicação**. In: **Logos 20. Corpo, Arte, Comunicação**, ano 11, n. 20, jan-jun., 2004.

GRISARD, Antônio. **O atleta profissional de futebol à luz do direito do trabalho**. 230 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização). Administração esportiva. Universidade do Esporte. Curitiba, 2003.

HARTMANN, L.; LANGDON, E. J.. **Tem um corpo nessa alma: encruzilhadas da antropologia da performance no Brasil**. BIB. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, v. 91, p. 1-31, 2020.

HAWKINS, Del I, MONTHERSBAUGH, David L; BEST, Roger J. **Comportamento do consumidor: Construindo a estratégia de marketing**. Editora Elsevier, Rio de Janeiro, RJ, 2007

HELAL, Ronaldo. **Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

<https://sportbuzz.uol.com.br/noticias/futebol/fortaleza-torcedor-argentino-que-arremessou-banana-e-identificado>. [Acesso em 14 de março 2023]

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/09/16/stjd-marca-julgamento-de-pedido-de-impugnacao-do-paysandu-para-sexta-htm> [Acesso em 09 de março de 2023]

Jogo entre Paysandu e Remo. Disponível em: <https://www.remo100porcento.com/futebol-profissional/2021/video-melhores-momentos-de-paysandu-0x1-remo>. [Acesso em 10 de março de 2023]

KAEPLER, Adrienne L. Dance and the concept of style. In: **Yearbook for Traditional Music**, Vol. 33. Los Angeles, CA: ICTM/UNESCO, 2001, p. 49-63.

LE BRETON, D. As paixões ordinárias: antropologia das emoções. Tradução de Luís Alberto Salton Peretti. – Petrópolis: Vozes, 2009.

LEAL, J. C. **FUTEBOL “Arte e Ofício”**. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

LUGRIN, Gilles. Semiótica da comunicação não verbal corporal em publicidade. *Animus: revista interamericana de comunicação midiática / Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas*. Vol. VIII, n, 15 (jan-jun 2009). Santa Maria, NedMídia.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica/etnopesquisa-formação**. Brasília: LiberLivro, 2010.

MACHADO, Murilo D'Almeida. O êxtase no futebol: a comunicação ritual e suas experiências sensoriais. 289 f. Tese de doutorado (Universidade Estadual de Campinas), Instituto de Artes. Campinas, S.P: [s.n], 2005.

Machismo ainda assombra mulheres nos estádios de futebol. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/machismo-ainda-assombra--mulheres-nos-estadios-de-futebol> . [Acesso em 14 de março de 2023]

MERLEAU-PONTY, M. (2002). **A prosa do mundo**. São Paulo: Ed. Cosac & Naify (Original publicado em 1969)

MEYER, Michel. Aristóteles ou a retórica das paixões. (Prefácio). In: ARISTÓTELES. Retórica das paixões. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. XVII-L1.

MORRIS, Desmond. **A Tribo do Futebol**. Milão: Europa-América, 1985.

PAES LOUREIRO, João. A conversão semiótica: na arte e na cultura. Belém: Edufpa, 2007.

PASOLINI, Pier Paolo. **O gol fatal [1971]**. Disponível em: http://ItaliaOggi.com.br/not01_0305/ital_not20050306a.htm. [Acesso em 6 de janeiro de 2023]

Paysandu está entre s 20 maiores torcidas. Disponível em: <https://dol.com.br/esporte/esporte-para/702679/paysandu-esta-entre-as-20-maiores-torcidas-do-brasil?d=1>. [Acesso em 14 de março de 2023]

PESSOA, Fernando. **Poema X Mar Português**. Edições Ática: Lisboa. 1959.

PIAGET, Jean. **A Construção do real na criança**. Rio de Janeiro, Zahar, 1970
Reis, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e sociedade: as manifestações da torcida**. 1998. 127f. Tese de doutorado (Universidade Estadual de Campinas) Faculdade de Educação Física. Campinas, SP: [s.n.], 1998.

SANTOS, José Mário Peixoto. Breve histórico da “*performance art*” no Brasil e no mundo. **Revista Ohun**, ano 4, n. 4, p.1-32, dez. 2008.

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2017.113972. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>. Acesso em: 12 ago. 2023.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Traduzido por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995

SCHECHNER, Richard. O que é performance? **O Percevejo**, ano 11, n. 12, p. 25-50, 2003.

Setenta, J. **O fazer-dizer do corpo**: dança e performatividade. Salvador: EDUFBA, 2008.

SILVEIRA, M. T. e SILVA, A. R., 2010. O jogo que se vê: ensaio introdutório à linguagem televisual do futebol. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, XI, 2010, Novo Hamburgo, RS. Anais da XI Intercom-Sul. 1 CD-ROM

TABELA DA CLASSIFICAÇÃO GERAL NO CAMPEONATO PARAENSE 2023. <https://ge.globo.com/pa/futebol/campeonato-paraense/noticia/confira-como-foi-o-classico-re-pa-da-final-do-campeonato-paraense-em-fotos.ghtml>

TERRIN, Aldo Natale. "O Rito: definição e classificação". In: **O Rito. Antropologia e Fenomenologia da Ritualidade**. São Paulo: Paulus, 2004: 17-65.

TOLEDO, Luiz Henrique. Torcer: A metafísica do homem comum. Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 175-189, jul./dez. 2010

Torcedor argentino jogando banana nos jogadores do Fortaleza. Disponível em: Torcedor imitando o gesto do macaco para jogador. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/bananas-ao-campo-fifa-e-o-racismo-no-futebol>. [Acesso em 14 de março 2023]

Torcedores de Remo e Paysandu brigam na avenida almirante barroso em 06 de setembro de 2020. Disponível em: <https://dol.com.br/noticias/policia/605267/torcedores-de-remo-e-paysandu-brigam-na-almirante-barroso-antes-da-decisao-assista>. [Acesso em 08 de março 2023]

TURNER, Vitor. Images of anti-temporality: essay in the anthropology of experience. In: *The Harvard Theological Review*, 75(2): 1982, p. 243-265

VAN GENNEP, A. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes, 1978.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. A Aventura Sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1987, p. 121/132.

WEEKS, Jeffrey. **Invented Moralities**: Sexual values in an age of uncertainty. Cambridge: Polity Press, 1995.

WINKIN, Yves, 1953. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1998.

ZAINAGHI, Domingos Sávio. **Os atletas profissionais de futebol no direito do trabalho**. São Paulo: LTR, 1998.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo, Ubu, 2018